

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**IONE PATRÍCIA VISNIESKI**

**ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DOS FEMININOS NA UMBANDA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA (2003-2008)**

**PONTA GROSSA**

**2021**

**IONE PATRÍCIA VISNIESKI**

**ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DOS FEMININOS NA UMBANDA:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA (2003-2008)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de Concentração: Ensino de História.

Professora Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Andréa Mazurok Schactae

**PONTA GROSSA  
2021**

V832 Visnieski, Ione Patrícia  
Ensino de História e representações dos femininos na Umbanda: uma análise a partir da Revista Espiritual de Umbanda (2003 - 2008) / Ione Patrícia Visnieski. Ponta Grossa, 2021.  
162 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Área de Concentração: Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Mazurok Schactae.

1. Gênero. 2. Religiões afro-brasileiras. 3. Representações. 4. Umbanda. 5. Ensino de história. I. Schactae, Andréa Mazurok. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ensino de História. III.T.

CDD: 907



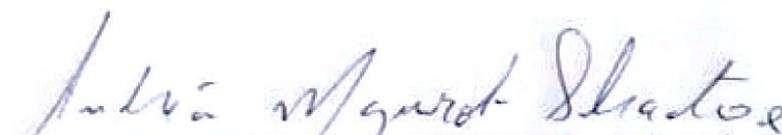
## TERMO DE APROVAÇÃO

**IONE PATRÍCIA VISNIESKI**

**Título do Trabalho:**

**ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DOS FEMININOS NA UMBANDA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA (2003-2008)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 16 de dezembro de 2021, pela seguinte banca examinadora:

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa Mazurok Schactae (UEPG/IFPR - Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Christiane Marques Szesz (UEPG)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ania Pupo Vega (Centro Felix Varela/ Cuba)

Ponta Grossa, 16 de dezembro de 2021.

Dedico a meu esposo Rogério e a meu filho Rafael, pessoas especiais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Oxalá por esta conquista. À minha família, que sempre me incentivou e acompanhou-me nessa jornada, meu esposo Rogério e meu filho Rafael que deixaram de ter minha presença nos momentos de estudo e escrita dessa dissertação. Aos professores do ProfHistória pela atenção e incentivo dispensados durante as aulas. A minha orientadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Andréa Mazurok Schactae, pela sua atenção, compromisso e paciência por sempre exigir que eu fizesse o melhor. Agradeço aos professores que ministraram as aulas no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Aos colegas que compartilharam comigo todas as experiências do mestrado.

"Quem você pensa que é?"  
perguntou pra mim de queixo em pé...  
Sou forte,  
fraca,  
generosa,  
egoísta,  
angustiada,  
perigosa,  
infantil,  
astuta,  
aflita,  
serena,  
indecorosa,  
inconstante,  
persistente,  
sensata e corajosa,  
como é toda mulher,  
poderia ter respondido,  
mas não lhe dei essa colher."

*Martha Medeiros*

## RESUMO

A dissertação aborda o tema das representações dos femininos na Umbanda a partir da análise da Revista Espiritual de Umbanda, no período de 2003 a 2008, ou seja, dentro do período da publicação da revista. Estuda-se este tema pelo fato de que a partir do século XX os estudos sobre as mulheres intensificaram-se, também em relação às religiões e ao ensino de história. Desta forma tornam-se importantes as pesquisas que visem analisar a mulher na religião e a aplicação desse conhecimento em sala de aula. A Umbanda foi escolhida porque é uma religião afro-brasileira que apresenta heranças do Candomblé e nesta forma de crença as mulheres foram às pioneiras da religião. Assim sendo busca-se analisar como é a participação da mulher em uma religião que adotou o sincretismo Cristão, africano, indígena e kardecista. Para a construção da análise foram utilizados os conceitos de representação de Sergé Moscovici (2003) e Denise Jodelet (2001), bem como o conceito de gênero de Scott (1990), dialogando com a discussão no ensino de História, a partir das reflexões sobre a história da Umbanda, cultura afro-brasileira e representações dos femininos.

**Palavras-chave:** Gênero. Religiões Afro-brasileiras. Umbanda. Representações. Ensino de História.

## ABSTRACT

The dissertation addresses the theme Women Representations in Umbanda from the analysis of the Espiritual de Umbanda Magazine, from 2003 to 2008, that is, within the publication período of the magazine. This theme is studied due to the fact that from the 20th century on, studies on women have been intensified, also in relation to religions and the teaching of history. In this way, researches that aim to analyze women in religion and the application of this knowledge in classroom become important. Umbanda was chosen because it is an Afro-Brazilian religion that presents Candomblé heritages and in this form of belief, women were the pioneers of the religion. Thus, it seeks to analyze how the participation of women is in a religion that adopted Christian, African, Indigenous and Kardecist syncretism. For the construction of the analysis, the concepts of representation by Sergé Moscovici (2003) and Denise Jodelet (2001) were used, as well as the concept of gender by Scott (1990), dialoguing with the discussion in the teaching of History, based on reflections on the history of Umbanda, Afro-Brazilian culture and women representations.

**Keywords:** Gender. Afro-Brazilian religions. Umbanda. Representations. History teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da Revista Espiritual de Umbanda Collection.....	60
Figura 2 - Capa Revista Espiritual de Umbanda nº 1 .....	65
Figura 3 - Revista Espiritual de Umbanda nº 7.....	67
Figura 4 - Capa Revista Espiritual de Umbanda nº 5 .....	69
Figura 5 - Revista Espiritual de Umbanda nº 8.....	71
Figura 6 - Há 15 anos Pai Paulinho homenageia Iemanjá .....	78
Figura 7 - Entrega do barco à Iemanjá.....	79
Figura 8 - Médium incorporada .....	81
Figura 9 - Santos e Orixás .....	81
Figura 10 - Mãe Nancy.....	82
Figura 11 - Médium .....	83
Figura 12 - Pai Paulinho e Mãe Dalva.....	87
Figura 13 - Representação de Iemanjá.....	92
Figura 14 - Baianas na Festa do Bonfim .....	94
Figura 15 - Mãe Maria Aparecida.....	99

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A UMBANDA E OS FEMININOS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS</b> .....	<b>19</b>
1.1 A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A OBRIGATORIEDADE LEI N.10639/03.....	20
1.2 ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E MULHERES NEGRAS .....	23
1.3 A UMBANDA: HISTÓRIA E GÊNERO .....	35
<b>CAPÍTULO 2 - AS REPRESENTAÇÕES DOS FEMININOS NA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA</b> .....	<b>49</b>
2.1 AS UMBANDAS E A HERANÇA DO PODER FEMININO DO CANDOMBLÉ.....	50
2.2 A REVISTA E AS CAPAS COMO ESPAÇO DE PODER.....	57
2.3 O(S) FEMININO(S) NA REVISTA .....	74
<b>CAPITULO 3 - O USO DE FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA: O FEMININO NA UMBANDA UMA HERANÇA DAS CULTURAS AFRICANAS</b> .....	<b>105</b>
3.1 ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS .....	105
3.2 HISTÓRIA DAS MULHERES, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	106
3.3 HISTÓRIA CANDOMBLÉ E UMBANDA.....	111
3.4 HISTÓRIA DAS RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS E O FEMININO.....	113
3.5 PROPOSTA DE ATIVIDADES .....	115
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>144</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>154</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa as representações dos femininos na Umbanda, bem como, apresenta uma proposta de uso desse conhecimento histórico no Ensino da Cultura Afro-Brasileira. Para observar como a Umbanda representa os femininos, será analisada a revista Espiritual de Umbanda, publicada no período de 2003 a 2008. Para tanto, foram selecionadas as revistas umbandistas (Revista Espiritual de Umbanda, nº 01, 2003; Revista Espiritual de Umbanda, nº 05, 2003; Revista e Espiritual de Umbanda nº 7, 2004; Revista Espiritual de Umbanda nº 8, 2005). Estas revistas fazem parte da Revista Espiritual de Umbanda *Collection* e fazem parte de acervo particular da pesquisadora e são analisadas com o objetivo de compreender como as mulheres são representadas nesta nesse espaço de comunicação dessa religião. Para a leitura crítica da fonte serão utilizados os conceitos de representações sociais de Sergé Moscovici (2003) e Denise Jodelet (1989). Assim como o conceito de gênero de Joan Scott (1990).

O conceito de representações é uma ferramenta importante para problematizar os estudos de gênero e as relações étnico-raciais. As representações, que são um produto da interação e comunicação, nas palavras de Moscovici (2003, p. 21):

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Para Denise Jodelet (1989, p. 43-44), a representação é uma forma de conhecimento prático, conectando um sujeito a um objeto. Neste viés a revista Espiritual de Umbanda será analisada numa perspectiva compreendida por Le Goff (2010), Georges Duby (1993) e Emmanuel Le Roy Ladurie (2000) como história cultural, pois os impressos e sua linguagem religiosa são produzidos segundo uma intenção de dar credibilidade à determinada situação.

Os jornais e revistas, que tem a intenção de atrair leitores e conquistá-los. “A meta é sempre conseguir adeptos para uma coisa seja ela empresarial ou política, e os benefícios utilizados para esse fim são múltiplos” (CAPELATO 1988, p. 15).

A fonte impressa neste caso, à revista que é um documento portador de um discurso (CARDOSO; VAINFAS, 1957, p. 337) precisa analisar o público a que pretende atingir e quais os objetivos e que tipo de linguagem foi utilizado. Ao analisar o documento, além do vocabulário dever-se-á levar em conta o contexto histórico e a estrutura social no qual o discurso está inserido (BARDIN, 1957). Portanto, a imprensa é produtora de representações sociais.

Para o teórico das representações sociais Sergé Moscovici (2003, p. 21) “representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específica a qualquer momento”. Nas palavras de Denise Jodelet, a representação “é uma forma de conhecimento prático conectando um sujeito a um objeto” (JODELET, 1989, p. 43). A Teoria das Representações Sociais permite uma abordagem psicossocial para estudar as questões religiosas presentes na atualidade (SÁ, 2015). Neste sentido a revista será analisada, ou seja, como as mulheres são representadas e que papéis exercem dentro dos terreiros.

Margarth Mead (1971), ao se referir as constituições dos papéis sociais afirmava que o sexo era utilizado para separar os diferentes papéis na sociedade. Desta forma distinguia-se a função do homem e da mulher em determinado contexto.

Portanto, neste trabalho, o enfoque é a mulher na Umbanda, ou seja: como ela é representada em uma publicação da imprensa umbandista? Quais são as relações de poder expressas nesta religião?

E o conceito de representações contribui para responder as questões apresentadas e dar visibilidade àquelas que foram por muito tempo silenciadas pela história das religiosidades. O texto de Laura de Mello e Souza (1986), *O diabo na terra de Santa Cruz*, é um dos estudos precursores dos estudos de religiosidade afro-brasileira, ao abordar a feitiçaria e a bruxaria no Brasil colonial. Como afirma Maria Odila Leite da Silva Dias (1995) que o que “tornava difícil a história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas” (DIAS, 1995, p. 18). E vale destacar que ao voltar o olhar para a religiosidade afro-brasileira, a invisibilidade se aprofunda. Cabe ao historiador buscar através das entrelinhas estas histórias.

André de Oliveira Pinheiro (2009) em sua dissertação de mestrado, com o título *Revista Espiritual de Umbanda: Mito Fundador, Tradição e Tensões no Campo Umbandista*, analisa a questão do mito fundador na Umbanda a partir da figura de

Zélio Fernandino de Moraes. Nesta corrente, a Umbanda é uma religião que foi fundada em 16 de novembro de 1908 com o nome Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Onde o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas é a entidade enunciatória dessa religião (LINARES, 2017, p. 21).

Para os umbandistas, esta religião surgiu a partir do sincretismo Africano, Indígena, Católico, Oriental e Espírita (Revista Espiritual de Umbanda, 2006). A Revista Espiritual de Umbanda faz referência a Zélio Fernandino de Moraes e ao caboclo das Sete Encruzilhadas como o mito fundador da Umbanda em 14 das 20 edições publicadas (PINHEIRO, 2009).

A narrativa que atribui a Zélio Fernandino de Moraes e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas o início da Umbanda é bastante aceita entre os umbandistas, assim como a data da sua fundação em 1908. O primeiro número da revista que foi publicado em 2003 teve como tema central: “Zélio Fernandino de Moraes: A primeira manifestação oficial da Umbanda” (PINHEIRO, 2009, p. 40).

Para o sociólogo Antonio Flávio Pierucci (2000, p. 298), a Umbanda é uma “religião brasileira” que apesar de suas origens negras nunca esteve interessada na preservação das raízes africanas.

Há que se destacar também que a Umbanda apresenta-se “em um ponto intermediário entre o Espiritismo chamado de Kardecismo e o Candomblé (PINHEIRO, 2009, p. 42). Vagner Gonçalves da Silva aponta essas características.

Na Umbanda, as entidades situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do Candomblé e os espíritos dos mortos dos kardecistas. Os orixás, por exemplo, são entendidos e cultuados com outras características. (SILVA, 2005, p. 120).

Há uma vertente da Umbanda que nega suas origens africanas devido às consequências do racismo presente na sociedade brasileira. De acordo com o pesquisador Nei Lopes “a maioria das pessoas tem vergonha de assumir alguma coisa que remeta à África, à escravidão. Cultura negra só se for desafricanizada” (LOPES, 2003, p. 8). Buscam desta forma suas raízes na Índia, inclusive na explicação da origem da palavra Umbanda afirmando que vem do sânscrito (PINHEIRO, 2009, p. 48). Esta linha da Umbanda não usa tambores e possui características esotéricas.

De acordo com Alexandre Frank Silva Kaitel e Guaraci Maximiano dos Santos (2017), que analisam a construção da origem do termo Umbanda, a corrente

esotérica coloca a expressão como sendo de origem sânscrita. Uma segunda corrente entende que a palavra Umbanda surgiu a partir dos ajustes presentes da linguagem védica hindu (KAITEL; SANTOS, 2017, p. 4). Há ainda a corrente que apresenta uma versão mais histórica a partir do grupo linguístico de tradição Bantu dos dialetos umbundo, kimbundo e kicongo. (OLIVEIRA; JORGE, 2013).

Em relação à disciplina de História, estudar a Umbanda, como uma religião que possui uma matriz africana e as representações dos femininos nesta religião, é um tema necessário como forma de sanar algumas inquietações pertinentes ao momento histórico que estamos vivenciando. E também como forma de contribuir para a formação de uma consciência histórica. Conceito este desenvolvido por Rusen (2001) e que através do saber histórico, podem orientar suas práticas diárias. Também como forma de valorizar esta fé praticada em nosso país que segundo os dados do IBGE (2010) possui 432 mil adeptos declarados, porém, ainda hoje vítima de preconceito e discriminação (SANTOS, 2009).

Em relação às Relações Étnico-raciais na Trajetória das Lutas dos Afro-brasileiros Oswaldo de Oliveira Santos Júnior (2017) em sua tese de doutorado relata a importância de se estudar a história dos negros e afrodescendentes como forma de valorizar a diversidade presente em nosso país. Assim como forma de combater o preconceito e a discriminação tão presente em nosso meio.

As Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2004, p. 14) orientam para a compreensão de educação das relações étnico-raciais e designa como desenvolver as aprendizagens entre os diferentes grupos étnico-raciais que constituem a sociedade brasileira, realizadas ao interagirem. Isto implica “trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime”. De acordo com o exposto no Art. 2º da Resolução 1/2004 do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP), a educação das relações étnico-raciais objetiva apresentar, desenvolver e implementar conhecimentos, atitudes, posturas e valores que “eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira” (BRASIL, 2004, p. 31).

Estudar as relações étnicas raciais é de suma importância para superar a discriminação e o preconceito existente em nosso país. Assim como as relações de gênero e a valorização da mulher em nossa sociedade. Para Silva (2013, p. 16),

a educação das relações étnico-raciais, pois, tem papel vital na construção das sociedades democráticas que visam garantir, a todos os grupos sociais, iguais direitos, poder e autoridade. Para tanto, é indispensável, a cada cidadã e cidadão, conhecer e valorizar as histórias e culturas dos povos que originaram e têm consolidado as nações. Assim sendo, diálogo entre distintos pontos de vista é fundamental, bem como meios de negociação entre diferentes posições e concepções, com a finalidade de compor iniciativas e políticas públicas que gerem impacto em condições de vida e cidadania de todas as pessoas.

A historiografia, durante muito tempo, silenciou as mulheres, deixando de refletir sobre a condição feminina no passado. Desta forma as mulheres não apareciam como sujeitos históricos dotadas de anseios e necessidades (LOURO, 2003). As mulheres apareciam na maior parte das situações em segundo plano, isso quando não eram omitidas (LOURO, 2003). Porém a partir da terceira geração dos Annales, no final do século XX, a historiografia passou a incluir a História das Mulheres e registrar seu protagonismo nos mais diversos setores (LOURO 2003). A partir do momento que as mulheres passaram a fazer parte da historiografia e ampliaram-se os temas referentes ao discurso historiográfico. Mas isto aconteceu muito recentemente, se tomarmos como base a história da humanidade. Neste sentido os homens foram os protagonistas, e as relegaram para segundo plano. A participação das mulheres na história do conhecimento começou a partir da luta e organização das feministas sobre a importância da participação da mulher na historiografia, como nos aponta Del Priore (2001, p. 25):

É a partir de lutas íntimas, portanto, que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcados por uma grande diversidade de reivindicações. Antes das historiadoras foram as feministas que fizeram a história das mulheres. O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feita por historiadoras.

Ampliaram-se as possibilidades de temas e recortes de estudos sobre as mesmas. E com as pressões do movimento feminista, desde os anos de 1970, novas produções surgiram e Margareth Rago (1995) tece algumas críticas. Partindo do princípio que “a história não narra o passado, mas constrói um discurso sobre

este, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daquele que recorta e narra, à sua maneira, a matéria da história” (RAGO, 1995, p. 81).

A partir de 1970 a produção historiográfica sobre as mulheres tem como referência teórica metodológica a história social. Nestas produções os temas eram sobre o mercado de trabalho, as péssimas condições de emprego, os salários desiguais, a violência e o assédio. Dava-se “pouco destaque a sua dimensão de sujeito histórico consciente e atuante” (RAGO, 1995, p. 2).

Margareth Rago (1995), em seus estudos realiza uma revisão na produção sobre História das Mulheres no Brasil, indica algumas obras, destacando o primeiro estudo, sobre mulheres e trabalho é “A mulher na sociedade de classes”, de Heleieth Saffioti, publicado em 1969. Na década de 1980 surgem os primeiros estudos sobre o feminismo e Rago destaca o trabalho da historiadora June E. Hahner sobre “A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas”, em 1981, enfatiza o surgimento do feminismo no Brasil, no início do século XX (RAGO, 1995, p. 82).

Na década de 1980, também se iniciam os estudos que retratam o cotidiano das mulheres e suas lutas constantes dentro de uma sociedade machista e classista. “Confere-se um destaque particular à sua atuação como sujeito histórico, e, portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida” (RAGO, 1995, p. 2). Entre as pesquisas que retratam a questão das mulheres na sociedade brasileira, estão os estudos de: Maria Odila Leite da Silva, “Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX”, publicado em 1984, no qual ela relata o vigor e resistência das mulheres pobres neste século (RAGO, 1995, p. 82). Margareth Rago, “Do Cabaré ao lar”, obra na qual relata às formas de resistência de operárias anarquistas no começo do século XX; e Maria Clementina P. Cunha (1976), Magali Engel (1989), Martha de Abreu Esteves (1989) e Raquel Soihet (1989), que escrevem suas obras com temas como prostituição e o discurso médico, sedução e violência contra a mulher.

Para Scott (1990) a disciplina de História não era apenas o registro, e sim as formas como os sexos se organizavam e dividiam as tarefas e funções através do tempo. A história era ela mesma responsável pela “produção sobre a diferença sexual. Deste modo cabe ao historiador buscar novas fontes para lançar um novo olhar sobre estes sujeitos históricos. Ao “apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres” (SCOTT, 1990, p. 72), a autora objetiva teorizar sobre gênero.

Dentro da categoria mulheres surgiu a categoria gênero. Joan Wallach Scott publicou em 1990 “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Neste artigo resgata a diferença entre sexo e gênero articulando com a noção de poder. Desta forma define gênero

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p. 14).

Para Joana Maria Pedro (2005) a categoria gênero foi criada na “segunda onda”, do feminismo, e ganhou visibilidade nos EUA nos anos 1960. Contribuíram para esta visibilidade os trabalhos de Betty Friedman “A mística feminina” (1963) e Simone de Beauvoir “O segundo sexo” (1949). Porém havia ainda neste momento a ausência da palavra gênero, que era usada como “mulher”. “As mulheres” buscavam desta forma uma identidade própria e acreditavam que era a cultura patriarcal e machista que as tinham deixadas submissas. Contudo havia as diferenças entre as mulheres, e desta forma dever-se-ia ter a categoria “mulheres” para diferenciar as suas lutas, pois existem as mulheres negras, indígenas, mestiças, pobres e trabalhadoras. Porém o que todas elas tinham em comum era o fato de quererem entender historicamente porque foram inferiorizadas em relação aos homens.

Ao voltar o olhar para as entrelinhas da Umbanda, articulamos: gênero, religião, cultura afro-brasileira e ensino. Estes temas que precisam ser debatidos em sala de aula, pois a escola é uma instituição formadora de sujeitos. Sujeitos estes que estabelecerão relações na sociedade (SAVIANI, 1997). E que através do trabalho o homem transforma a sociedade, desta forma, através do ensino o sujeito se organiza e transforma o meio onde vive.

Faz-se necessário compreender que ao estudar a Umbanda, que é objeto de estudo desta pesquisa, toma-se conhecimento das suas especificidades. Desta forma, valoriza-se mais esta religião e combate-se as formas de preconceito, intolerância e discriminação. O ensino de história torna-se mais significativo, a partir do momento que todos os grupos étnicos e sociais forem contemplados.

Diante do exposto, é importante dar visibilidade para a presença de mulheres nos espaços religiosos, articulado com estudos sobre a Educação das Relações Étnico-raciais dos afro-brasileiros, dialogando com o conceito de

representação (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2003) e a categoria gênero (SCOTT, 1990). Com esta pesquisa busco articular as representações dos femininos na Umbanda com o intuito de entender questões de gênero, religião e representações.

Um estudo que relaciona gênero, religião, representações e ensino de história se justifica pelo fato de que o professor de História precisa ressignificar sua prática e compreender que tem a responsabilidade de formar cidadãos. Estes com capacidades de compreender as relações de gênero, respeitar as diversas religiões e compreender como determinadas religiões são representadas em determinados contextos. Este estudo contribuirá para o ensino de história no sentido de que serão levantadas questões sobre a história da Umbanda, que é uma religião afro-brasileira, assim como as representações femininas na revista Espiritual de Umbanda. Serão contextualizadas questões relacionadas às mulheres e suas participações no campo religioso. A partir das informações o professor de história poderá promover com seus alunos um ensino que seja capaz de agir e modificar as vivências dos mesmos. Seja nas questões relacionadas à diversidade religiosa assim como nas relações de gênero.

Desta forma esta pesquisa foi realizada entorno das narrativas relacionadas à história das mulheres, as relações de gênero com a análise da Revista Espiritual de Umbanda. Neste sentido, faz-se necessário apresentar algumas discussões bibliográficas relacionadas à história das mulheres, relações de gênero e representação dos femininos nesta revista.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo procura-se discutir a Umbanda e os femininos nas religiões afro-brasileiras. Articulando os conceitos de gênero, representações sociais e Umbanda. Num segundo momento será abordada a história e cultura afro-brasileira e a obrigatoriedade lei n.10639, de 2003 e seus impactos sobre o ensino de história. Posteriormente será discutido sobre o ensino de História, gênero e mulheres negras. E para finalizar o capítulo será abordada a história da Umbanda, suas características e relações de gênero.

O capítulo II é dedicado as representações dos femininos na Revista Espiritual de Umbanda. Primeiramente é analisada como os femininos são representados na revista seja como líderes de terreiros ou também nas publicações de revistas e livros umbandistas. Também são listados diferentes segmentos da Umbanda e suas formas diversificadas de se praticar a religião.

No terceiro capítulo será desenvolvido um caderno de atividades para professores e professoras de História com sugestões de atividades sobre a Umbanda, gênero e representações dos femininos.

## CAPÍTULO 1 A UMBANDA E OS FEMININOS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Quando por aqui vivi  
Nasci pras bandas de “riba”  
Em um tempo já distante  
Numa terra esquecida  
O que hoje ainda é igual

(Maria Padilha - Pombagira)

A história afro-brasileira começa quando os negros foram trazidos da África para o Brasil como cativos para serem submetidos aos mais diversos tipos de trabalhos. Estes homens e mulheres trouxeram consigo todo um modo de viver específico quer seja religião, culinária e organização política. Porém, como foram escravizados, surgiu contra eles à questão do preconceito e da discriminação. Também em relação à educação básica, os livros didáticos negligenciaram por muitos anos a história da África e dos africanos, assim como sua contribuição para a cultura brasileira.

Cristiane Amaral de Barros (2006) em sua dissertação de mestrado que aborda o tema do feminino na Umbanda, afirma que a Umbanda, que é uma religião relativamente nova, pois surgiu em 1908, apresenta em sua ritualística um sincretismo religioso cristão, indígena, africano e do espiritismo kardecista. Desta forma apresenta enorme facilidade para assimilar rituais de outras religiões, assim como para simbolizar a condição feminina. Iemanjá e Pombagira são grandes exemplos de personagens que representam a mulher em suas múltiplas facetas: uma mãe e outra amante, porém, duas guerreiras (BARROS, 2006, p. 25)

Nesta religião que é considerada genuinamente brasileira, os femininos são representados de formas diferenciadas em relação às outras religiões. Iemanjá, que é representada como mulher, mãe soberana, sereia e santa. Porém, com o passar do tempo os femininos foram se remodelando e adquirindo características próprias (BARROS, 2006).

Mariana Mendes Moura (2018) em sua tese: Narrativas e masculinidades no Reino da Pombagira em Salvador, analisa a relação e divisão dos papéis sexuais, hierarquia e sexualidade dentro dos terreiros de Candomblé e Umbanda. A autora questiona a presença masculina nos candomblés, pois ela acreditava que era um espaço majoritariamente feminino.

O espaço ocupado pelo feminino nas religiões constituídas por heranças africanas é um conhecimento necessário para promoção de uma sociedade mais igualitária e o ensino de história tem um lugar nesse processo de transformação social. O ensino de História passou por mudanças no decorrer do tempo; passou de uma história onde apareciam os grandes heróis brancos e cristãos para uma multiplicidade de sujeitos (BITTENCOURT, p. 127, 2018). Neste sentido transformou-se numa disciplina que tem o papel de “desenvolver nos alunos as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para esta forma de construção política democrática” (LAVILLE, p. 152, 1999 *apud* BITTENCOURT).

Com objetivo de realizar uma análise de conteúdo, será adotada a prática da análise de conteúdo de Bardin (1977, p. 38), que utiliza um “conjunto de técnicas de análises das comunicações, com procedimentos sistemáticos e objetivos dos conteúdos”.

A análise de conteúdo fornece meios precisos para descrever o conteúdo de qualquer tipo de comunicação: jornais, programas de rádio, filmes, conversações quotidianas, associações livres, verbalizadas, etc. As operações da análise de conteúdo consistem em classificar os sinais que ocorrem em uma comunicação segundo um conjunto de categorias apropriadas. (JANIS, 1982 [1949], p. 53 *apud* BARDIN, 1977).

Sendo assim, o primeiro capítulo desta dissertação abordará a Umbanda e os femininos nas religiões afro-brasileiras e a relação dessa temática com o ensino de história.

### 1.1A HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A OBRIGATORIEDADE LEI N.10639/03

A partir da Lei das Diretrizes e Bases de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 que ocorreram mudanças importantes em relação aos conteúdos de história. Objetivava-se com estas novas abordagens a formação de uma cidadania democrática (BITTENCOURT, p. 142, 2018). As leis 10.639/03 e 11.645/08 foram estabelecidas com o intuito de se estudar a História da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas.

Foram necessários anos de luta por parte do Movimento Negro para que a Lei 10.639/03 fosse efetivada e para que os conteúdos relacionados à história e

cultura africana e afro-brasileira alcançassem fundamento legal. (SILVA, 2013) Contudo a lei existe, porém os livros didáticos ainda hoje abordam o tema de forma bastante superficial. Deste modo a militância do Movimento Negro reconhece que a escola tem a responsabilidade na perpetuação das desigualdades raciais (SILVA, 2013).

A escola precisa repensar o seu papel e através da formação dos professores e reavaliar como está tratando as questões pertinentes a História e a Cultura Afro-Brasileira, assim como as questões de gênero e as diversas formas de diversidades.

Pensar, discutir, escrever, falar sobre as relações de gênero e a educação é uma tarefa urgentíssima. Se entendemos que é necessário modificar a cultura em relação ao que pensamos sobre os papéis sociais dos homens e das mulheres, dos lugares de mudança de mentalidades são fundamentais. (COLLING, 2015 p. 37).

A disciplina de História necessita discutir temas que foram por muitos anos silenciados pela historiografia, como é o caso das mulheres e também das religiões afro-brasileiras.

A Constituição Federal de 1988 estabelece em seu artigo 3º, Inciso IV promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Porém a realidade é bem diferente, pois os currículos escolares privilegiaram por muitos anos uma história eurocêntrica, baseada em grandes personagens, estes homens, brancos e católicos. Os ditos “homens bons”. Desta forma ainda persiste muito preconceito sobre as religiões afro-brasileiras e ainda mais em relação às mulheres. É o que retrata a passagem a seguir, retirada do livro: O Poder dos Candomblés.

Vítima de constantes pancadas que lhes eram aplicadas, por injunções desse mesmo Ogan que faz as delícias de Judith Ferreira, na Terra Vermelha; mãe Paulina, no Cucuí; Aleijadinha, sobre o túnel da Central da Bahia e tantos outros possuidores de pigys e aganjús, o pobre José Joaquim veio a falecer no dia imediato ao das informações que nos foram ministradas [...].

Registramos horrorosos fato envergonhados de ver a Cachoeira transformada em centro de operações de reincidentes criminosos que nela, aberta e despuoradamente exercem a feitiçaria e certos de que o crime de que estamos tratando ficará, como tantos outros, envoltos nas malhas da impunidade.(SANTOS, 2009, p. 102).

A partir da Constituição de 1988 surgem novas políticas educacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei 9.394/96, bem como nos

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1997, e nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, entre outras.

Outra importante conquista foi a Lei 10.639, que garante a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino básico. Permitindo desta forma uma educação que combata o preconceito e a discriminação, seja ela de raça, cor ou gênero. A referida lei foi fundamental para:

desconstruir o mito da democracia racial; adotar estratégias pedagógicas de valorização da diferença; reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios (CANDAU; OLIVEIRA, 2010, p. 32).

A Lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas. A partir da lei algumas mudanças foram implementadas na prática, como a formação das Equipes Multidisciplinares que realizam um debate sobre as questões da História e da Cultura Afro-Brasileira e indígena, assim como às questões de gênero. Mas em relação aos livros didáticos da Educação Básica é fundamental que sejam reformulados considerando a diversidade cultural do Brasil para que aja o “combate ao racismo, preconceito, estereótipo e discriminação” (CARVALHO; SIQUEIRA, 2019, p. 92).

A referida lei contribuiu para algumas mudanças em relação ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, porém os livros didáticos precisam abordar esses temas de forma que contribuam para que as mudanças sejam significativas.

Embora tenhamos o respaldo da Lei, sabemos o quanto é desafiador efetivar políticas públicas em nosso país, pois as sequelas do período de escravização da população negra permanecem nos livros de história do Brasil: a sua contribuição na construção da sociedade, na economia e cultura é omitida. (SANTOS; BRAGA, 2000, p.4).

Com a Lei 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluir no currículo oficial a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e indígena, inicia-se um processo de ruptura nas práticas e discursos que marginalizam as religiosidades Afro-brasileiras.

Em relação à historiografia a Lei 10.639 ocasionou mudanças na concepção eurocêntrica e quadripartite da história, pois novas abordagens passaram a ser realizadas a partir de então (SOUZA, 2020).

A publicação dos PCNs em 1998 foi fundamental para a negação da História totalizante da Civilização. Estes propõem que:

O aprofundamento de estudos culturais, principalmente no diálogo com a História e a Antropologia, tem contribuído, ainda, para um debate sobre os conceitos de cultura e de civilização. Alguns historiadores rejeitam o conceito de civilização por considerá-lo impregnado de uma perspectiva evolucionista e otimista face aos avanços e domínios tecnológicos, isto é, com uma culminância superior antecedida por períodos de selvageria e barbárie. Nessa linha, os historiadores valorizam a ideia de diversidade cultural e multiplicam as concepções de tempo. (BRASIL, 1998 *apud* BITTENCOURT, 2018, p. 99).

Dentre outras questões “Gênero, etnicidade e a própria ideia de cultura são associados, a partir desse contexto, à percepção da importância dessas categorias na configuração das relações sociais” (SOUZA, 2020, p. 133).

A própria Base Nacional Comum Curricular durante a sua elaboração levou a muitas discussões sobre as questões debatidas anteriormente. Mas será que na prática escolar e nos livros didáticos alguma coisa está mudando? É isto que Clara Marques Souza (2020) busca responder em seu artigo “Entre avanços e desafios: a representação de mulheres negras em dois livros didáticos de História do Ensino Fundamental”.

Desta forma a escola torna-se um meio muito importante para a valorização das diferenças, sejam elas culturais, religiosas, de raça, cor, opção sexual, etc.

## 1.2 ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E MULHERES NEGRAS

As relações de gênero estão presentes no nosso dia a dia, mesmo que muitas vezes passe despercebido. Estas relações revelam hierarquias e discriminações que em muitas situações são omitidas ou silenciadas. Meyer (2013) considera o conceito de gênero uma ferramenta pedagógica, e salienta a importância de investimento em projetos educativos que promovam uma transformação no processo de ensino-aprendizagem. Esta transformação ocorrerá a partir do entendimento crítico e transformador em relação à desnaturalização das construções culturais de gênero. Neste sentido “tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas como tais” (MEYER, 2013 p. 25).

A Umbanda, que segundo o mito de origem, estudado por André de Oliveira Pinheiro (2009), é uma religião que surgiu no Brasil em 1908 e que através de um sincretismo religioso adotou algumas características da religiosidade africana, como a presença dos orixás (PINHEIRO, 2009); (LINARES, 2017). Esta religião, assim como o Candomblé<sup>1</sup>, foi por muitos anos colocados à margem das discussões em sala de aula. Foram necessários anos de luta para que esses temas fossem trabalhados e contextualizados em sala de aula (SILVA, 2013).

A escola exerce um importante papel no sentido de desenvolver novas discussões sobre gênero e aqueles que foram por muitos anos excluídos da história como é o caso das mulheres, negros, homossexuais, enfim às ditas minorias.

A escola, entre as instituições influentes na construção do pensar e do agir, tem um papel de destaque na construção das relações de gênero, porque é o lugar onde se continua a exigir que meninas se comportem bem, sejam quietas, meigas e educadas. Além disso, é a escola que aproxima alunos e alunas do pensamento científico, ali se fala em nome da ciência, utilizam-se livros e se delimita o lugar das brincadeiras e espaços de convivências entre meninos e meninas (SALVA; RAMOS e OLIVEIRA, 2014, p.230).

Como os cultos de Matriz Africana sempre foram alvo de preconceito e discriminação a disciplina de História possui a função de debater essas questões que levaram a essa forma de pensamento. O novo olhar sobre essas religiões somente poderá ser estabelecido se nas aulas, os professores lançarem uma nova perspectiva de ensino voltado a valorizar o negro e suas contribuições para a sociedade brasileira. Segundo Oliveira (2004, p. 160) é possível compreender que:

O preconceito torna-se então uma postura, uma concepção, pela qual algumas pessoas consideram sua cultura, suas crenças, seus símbolos, superiores e/ou melhores do que os de outros povos e de outras culturas (etnocentrismo), servindo-se assim de avaliações negativas sobre as pessoas, suas culturas, seu imaginário simbólico, suas crenças e o seu ethos, isto é seu modo de ser no mundo.

Essas religiões eram negadas pelo motivo de que vieram com os negros que foram escravizados e eram percebidos como mercadorias, portanto, inferiores. Porém, a partir do momento que se reconhece a importância e contribuição do negro para a sociedade brasileira, sente-se a necessidade de reconhecer a história

---

<sup>1</sup>Candomblé é uma religião afro-brasileira em que se pratica o culto de divindades de origem africana chamadas orixás. O Candomblé foi formado a partir de tradições religiosas africanas de povos iorubás que foram trazidas ao Brasil por populações negras escravizadas vindas da Nigéria, Benin e Togo.

africana e suas diversificadas práticas culturais. Também há a tentativa do reconhecimento das práticas afirmativas. Conforme Joaquim Barbosa Gomes (2001, p. 6-7) os objetivos das ações afirmativas são:

Induzir transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, visando a tirar do imaginário coletivo a ideia de supremacia racial versus subordinação racial e/ou de gênero; 'coibir a discriminação do presente'; eliminar os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar e que se revelam na discriminação estrutural'; 'implantar a diversidade e ampliar a representatividade dos grupos minoritários nos diversos setores'; criar as chamadas personalidades emblemáticas, para servirem de exemplo às gerações mais jovens e mostrar a elas que podem investir em educação, porque teriam espaço'.

O preconceito e a discriminação em relação às religiões afro-brasileiras estão presentes em diversos momentos da história brasileira a partir da colonização portuguesa e o início do processo da escravidão. É o que se percebe nas palavras de Maria Helena Concone (2012, p. 213):

Na década de 1960, o religioso Kloppenburg, investido da 'sagrada missão' de alertar católicos do perigo representado por doutrinas como o espiritismo e a umbanda, escreve em jornais nos quais atacam não apenas os adeptos dessas doutrinas, como também os católicos que delas se aproximavam, e chega até a proclamar a excomunhão destes.

Por muitos anos os livros didáticos na disciplina de História privilegiaram um viés eurocêntrico, branco e masculino. As mulheres não apareciam nestas produções e muito menos as mulheres negras; estas discriminadas por serem mulheres e principalmente pela raça. Nilma Lino Gomes (1995, p. 115) afirma que:

Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais. Representa também suportar diferentes tipos de discriminação.

A discriminação contra a mulher negra está relacionada à questão da escravidão onde era submetida as mais diversas humilhações desde o momento em que era vendida como escrava até o seu dia a dia, onde trabalhava forçadamente e cuidava dos filhos das famílias brancas e as suas próprias crianças eram largadas à toa.

Inseridos nesse contexto estão às mulheres negras escravas, que sem dúvida estavam colocadas em um nível social inferior, tanto por ser mulher, como por ser negra e, também escrava. Ser mulher, e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis à exploração, tanto econômica quanto

sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos. (GIACOMINI, 1988, p.26).

Os livros didáticos são instrumentos muito importantes em sala de aula, pois para determinados alunos são as únicas formas de leituras disponíveis. E com estes livros, no caso na disciplina de História, os alunos têm a possibilidade de ter acesso a determinado tipo de conhecimento. Porém as críticas aos livros didáticos são imensas, pois estão muitas vezes perpetuando um ensino tradicional e excluindo as mulheres negras. Estes livros precisam ser organizados de forma que valorize-se a contribuição destas mulheres para a formação da cultura brasileira.

Somente a partir da publicação da Lei 10.639/2003 os livros didáticos passaram a abordar a História da África e dos Africanos com um pouco mais de intensidade, porém, como salienta Nilma Lino Gomes (2012, p. 108) que há a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas para que ocorra a valorização da contribuição dos africanos para a cultura brasileira. Na concepção de Renilson Rosa Ribeiro (2007, p. 46) substituir a imagem dos negros de “submissos, inferiores, exóticos – sujeitos distantes do que se convencionava chamar de sujeito universal: europeu, branco, masculino e cristão”.

Diante da referida lei ocorreram exigências por parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para que ocorresse a inserção de textos e imagens que contemplassem o estabelecido na lei. O livro didático que exerce um papel importante no processo educativo, como salienta Choppin (2002, p. 14), “são depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o "saber-ser)”.

Para observar como a religiosidade afro-brasileira e as mulheres negras são representadas nos livros didáticos de história, foram selecionados os seguintes artigos: Representações das culturas africanas e afro-brasileiras em livros didáticos de História de Guilherme Paiva de Carvalho; Adriel Jonathas Fernandes Siqueira (2019). Análise das representações e narrativas sobre a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em livros didáticos do ensino médio em Cuiabá/MT de Jaqueline Ap. M. Zarbato (2019). Entre avanços e desafios: a representação de mulheres negras em dois livros didáticos de história do Ensino Fundamental de Clara Marques Souza (2020).

Na seleção utilizou-se a plataforma *Google Acadêmico*, buscando textos publicados em revistas acadêmicas nos anos 2019 e 2020. As informações

colocadas na ferramenta de busca foram: representação cultura afro-brasileiras em livros didáticos História; representação da mulher negra em livros didáticos de História.

Vale destacar, que a formação do povo brasileiro se dá a partir de junção entre negros, indígenas, africanos, europeus e asiáticos. Mas apesar dessa formação envolvendo diversos grupos humanos prevaleceu por muito tempo uma visão eurocêntrica da cultura. Mesmo havendo essa diversidade os livros didáticos abordavam os negros e indígenas de forma muito superficial. Sem contar as mulheres negras que foram silenciadas pela historiografia e os livros didáticos.

A partir da análise dos livros didáticos do 8º ano da coleção *Araribá*, realizada por José Ricardo Oriá Fernandes (2005), percebe-se que quando são abordados os temas sobre a História do Brasil e a escravidão, não há destaque para a população africana, cerca de costumes, rituais religiosos e hábitos provenientes dos grupos étnicos africanos. Ao se referir aos silêncios da história, o autor destaca que:

Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico. (FERNANDES, 2005, p. 380).

Omite-se dos livros didáticos de História os conhecimentos que os negros possuíam na mineração, agricultura e produção de bebidas. Ana Célia da Silva (2011, p. 88) mostra que:

O africano escravizado não produziu riquezas apenas com trabalho forçado no eito da casa grande. Ele também importou para aqui modos de produção, tais como os segredos da mineração, do uso do ferro, da ourivesaria e da estatuária. As artes plásticas negras estão presentes nas igrejas barrocas da cidade, nas pinturas e esculturas de artistas de certa fama, e também existe uma arte dos negros e pobres, especialmente na música e na dança.

Desta forma percebe-se que os negros trouxeram consigo muitos conhecimentos nos mais diversos setores, porém por muitos anos a historiografia apagou essas contribuições e representou os escravos como submissos e sem conhecimentos.

O artigo de Jaqueline Aparecida M. Zarbato (2019) analisa duas coleções de livros didáticos utilizados pela Secretaria de Educação de Mato Grosso: “História

Global: Brasil e Geral”, Gilberto Cotrim, e “História: das cavernas ao terceiro milênio”, autoras Patrícia Ramos Braick e Miriam Becho Mota, como objetivo identificar as representações sobre a História e cultura africana e afro-brasileira.

Jaqueline Zarbato (2019) em seus estudos percebe que Gilberto Cotrim quando aborda a questão escravidão e resistência destaca o tráfico negreiro e a resistência à escravidão. Ela conclui em seus estudos que a obra de Cotrim mostra os diferentes grupos afros, mas sem destacar cada um deles. Que valoriza a cultura afro-brasileira e apresenta os negros como integrantes da formação sócio-cultural brasileira. Porém em outro texto ao descrever o percurso dos grupos africanos ou afro brasileiros destaca os negros enquanto escravos, o que pode levar o aluno a formar sua opinião em relação à escravidão.

Também a pesquisadora destaca que em outro texto intitulado: culturas africanas percebe-se a contribuição dos negros para a cultura brasileira na literatura, música, alimentação, vestuário, religião e ciência. Sendo assim, observa-se uma valorização da cultura africana e afro-brasileira como partícipes da formação social e cultural brasileira (ZARBATO, 2019, p. 126).

Em relação à resistência a escravidão Jaqueline Zarbato percebe que os negros escravizados lutaram de todas as formas contra toda a forma de opressão. Ou seja, destaca a resistência dos negros escravizados diante da situação em que se encontravam. Portanto, ela conclui que o autor “visa entrelaçar as discussões propostas nas diretrizes curriculares sobre a inserção da História e cultura africana e afro-brasileira (ZARBATO, 2019, p. 127).

Em seu artigo “Entre avanços e desafios: a representação de mulheres negras em dois livros didáticos de História do Ensino Fundamental”, Clara Marques Souza (2020) analisa como as mulheres negras são representadas nestes manuais didáticos.

Ao analisar os manuais didáticos a autora, Clara Marques de Souza (2020), realiza uma apresentação da inserção dos estudos sobre as mulheres no campo da História, e destaca que a partir dos anos de 1950 a história “resolve reestruturar seus valores, personagens, problemas e abordagens” (SOUZA, 2019, p. 128). Ou seja, aqueles grupos que eram silenciados pela história passaram a ser valorizados. Desta forma neste artigo (SOUZA, 2019) realiza a análise de dois livros didáticos de história para perceber como as mulheres negras são representadas, quais as

mudanças e permanências no discurso historiográfico em relação às mulheres. Em especial as mulheres negras.

A pesquisadora Clara Souza (2019) busca compreender como ocorreu o silenciamento de alguns grupos que ficaram excluídos da historiografia. Assim como questões de gênero e raça e ao papel das mulheres negras.

O processo de reestruturação da historiografia que ocorre a partir dos anos 1960 e se dá a partir da crise do macro estruturalismo e do racionalismo. Processo este que ocorreu com o “movimento de Independência da África e da Ásia, a Contracultura, o Movimento pelos Direitos Civis nos EUA e a Segunda Onda Feminista” (SOUZA, 2019, p. 129). Os movimentos sociais liderados por mulheres, negros e grupos da periferia levaram às mudanças relacionadas às narrativas históricas e conseqüentemente às leis relacionadas à educação e aos livros didáticos. Rompendo desta forma com a valorização unilateral de cultura eurocêntrica, branca, Católica e masculina. Valorizando-se por outro lado uma história marcada por múltiplos sujeitos (SOUZA, 2019, p.130).

Para Joana Maria Pedro a palavra gênero tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas (PEDRO, 2005, p. 78). A partir de tais movimentos ligados pela busca da cidadania ocorreram transformações que levaram a uma maior participação da cidadania alterando a historiografia a escola e o ensino de história.

Desta forma ser mulher não é a mesma coisa para uma branca com um bom nível econômico e uma negra de classe social inferior, pois cada uma carrega as suas demandas.

A partir da análise do livro didático HISTÓRIA.doc do 7º ano do Ensino Fundamental II, da Editora Saraiva, a pesquisadora Clara Souza (SOUZA, 2019), busca encontrar indícios das mudanças e permanências relacionadas aos grupos marginalizados historicamente nos livros didáticos. Assim como perceber as relações entre a desigualdade racial e a desigualdade de gênero.

A autora Clara Souza (2019) busca compreender como nas narrativas históricas ocorreu o apagamento, sobretudo das questões de gênero e raça, sobretudo das mulheres negras. Como essas narrativas foram excludentes na elaboração de uma identidade nacional branca, masculina e cristã. E como hoje o campo historiográfico vem se transformando através de pesquisas no campo da história, pela participação de professores e estudantes.

O primeiro livro analisado por Clara Souza (2020) é o HISTÓRIA.doc, do 7º ano do Ensino Fundamental II, da Editora Saraiva. Neste os autores afirmam que estão de acordo com a nova tendência, ou seja, de valorização das diferentes contribuições culturais, mas continuam numa perspectiva programática integrada,

Que procura articular a História da Europa, a História do Brasil, a História das Américas, a História da África e a História da Ásia, tomando a História da Civilização como eixo estruturante da cronologia. Adotamos, assim, no tocante à temporalidade, aquilo que Jean Chesnaux chamou de 'quadripartição da História: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea (SOUZA, 2019, p.138 *apud* VAINFAS, 2019, p. 8)

A pesquisadora chegou à conclusão de que os autores afirmam que suas temáticas terão novas abordagens, porém continuam com uma perspectiva eurocêntrica. Mas isto não significa que temas como história da África, dos afro-brasileiros, dos indígenas não sejam discutidos. Assim como o combate à discriminação e questões de gênero. Destacam na introdução do referido livro didático

A valorização dos grupos oprimidos na História foi, de todo modo, matéria de atenção especial desta coleção. Antes de tudo, porque a opressão e a revolta contra os opressores é marca essencial da História em todos os períodos e sociedades. E sobretudo porque, na história dos livros didáticos brasileiro, passou-se de um “silêncio ensurdecedor”, entre meados do século XIX e o último quartel do século XX, para um “grito voluntarista”, doutrinário, ideologizante. Nos dois casos, os estudantes ficam longe de conhecer a História, nas suas sutilezas e ambiguidades –características humanas –, em prejuízo de uma educação cidadã, democrática e tolerante em face das diferenças. (SOUZA, 2020, p.139 *apud* VAINFAS, 2019, p. 26)

Para Clara Marques Souza (2020) os autores se utilizam “de uma História quadripartite da Civilização, a mesma criticada nos PCNs, com seu caráter universalizante, eurocêntrico e silenciador” (SOUZA, 2020, p. 140). Cada capítulo se inicia com um personagem histórico. São quinze capítulos e apenas três são mulheres: Malinche, Nzinga e Francisca da Silva, ou Chica da Silva – uma indígena e duas mulheres negras. Desta forma, os autores que afirmam que estão em busca de uma história engajada, estão na verdade mantendo o sexismo e o eurocentrismo branco na narrativa escolar.

Outro livro de História analisado por Clara Marques Souza (2020) é do 8º ano do Ensino Fundamental II, da coleção Araribá, da Editora Moderna. Este é dividido em oito unidades sendo que cada unidade possui quatro temas. As unidades são divididas da seguinte forma:

Unidade 1 – O Antigo Regime em crise na Europa; unidade 2 –A Revolução Industrial na Inglaterra; unidade 3 –A Revolução Francesa e seus impactos; unidade 4 –A Independência dos Estados Unidos; unidade 5 –O processo de Independência do Brasil; unidade 6 –O Brasil do Segundo Reinado; unidade 7 –Revoluções, Nacionalismo e Teorias na Europa do século XIX; unidade 8 –O Imperialismo no século XIX (SOUZA, 2020, p. 143 *apud* VAINFAS, 2019).

A partir da análise da temática do livro percebe-se a valorização de uma história eurocêntrica, que provavelmente dará pouco espaço para as mulheres negras, assim como problematizações envolvendo questões de raça e gênero. Porém, nos textos há narrativas sobre mulheres mesmo que com poucos destaques individuais para aquelas que “transformaram seu mundo como sujeitos históricos dotados de agência” (SOUZA, 2020, p. 144). As mulheres destacadas são as seguintes Joana Angélica, Maria Felipa de Oliveira, Maria Quitéria e Bárbara de Alencar, entre outras. Mas a autora se deteve em analisar Maria Felipa de Oliveira, como a mesma é representada no livro em relação a “construção social das diferenças de raça e gênero” (SOUZA, 2020, p. 144).

Cabe destacar que as mulheres geralmente aparecem à margem do texto principal em partes chamadas Atitudes para a vida, com a intenção de contemplar as determinações da BNCC. Mesmo que não pleiteie a historicidade do gênero, indaga o papel das mulheres em diferentes sociedades. Em relação Maria Felipa de Oliveira, no referido livro didático:

Maria Felipa de Oliveira, negra liberta e pescadora da Ilha de Itaparica, liderou voluntários em ações de apoio às tropas brasileiras: erguiam barricadas, vigiavam a praia e a chegada de embarcações inimigas e organizavam o envio de provisões para o interior. Em 2017, o nome de Maria Felipa foi acrescentado a uma lápide comemorativa em Itaparica ao lado de outros personagens que se destacaram nas lutas de independência da Bahia (SOUZA, 2020, p. 145 *apud* EDITORA MODERNA, 2019, p. 152).

Este é o único trecho do livro analisado que retrata a participação de uma mulher negra no passado. Juntamente com o texto sobre Maria Felipa estão presentes um conjunto de indagações, expressas a seguir:

1 - Você já conhecia alguma figura feminina relacionada ao processo de Independência do Brasil? Qual?; 2 - Por que as mulheres são pouco lembradas nos acontecimentos que marcaram a história do Brasil? Procure refletir sobre o assunto.; 3 –Em sua opinião, as mulheres mencionadas no texto podem ser consideradas “símbolos” da independência do Brasil? Por quê? (SOUZA, 2020, p. 145 *apud* EDITORA MODERNA, 2019, p. 152).

Estas indagações problematizam sobre a participação feminina em eventos como a Independência do Brasil, porém pouco contribui para caracterizar Maria

Felipa de Oliveira como mulher negra e suas demandas naquele determinado tempo e espaço. Neste sentido se há poucas mulheres para representar eventos da história do Brasil há menos ainda mulheres negras. Tornando-se uma questão de gênero e raça.

Além do trecho de Maria Felipa de Oliveira foram inseridas atividades que abordam questões referentes às mulheres negras. É o caso de uma imagem de Jean-Baptiste Debret onde estão presentes os seguintes questionamentos:

a) Que grupo social foi representado nessa gravura? Como você chegou a essa conclusão?; b) O cenário representado parece ser urbano ou rural?; c) Que espécies de frutas aparecem na imagem? Qual seria a intenção de Debret ao representá-las? (SOUZA, 2020, p. 147 *apud* MODERNA, 2019, p. 158).

Para Clara Souza (2020), os questionamentos são importantes, porém, outras indagações poderiam ter sido levantadas, tais como as condições de vidas destas mulheres. As relações de dominação e resistência; como suas vidas eram afetadas por suas condições sociais de gênero e cor.

Na unidade Revoluções, Nacionalismo e teorias na Europa no século XIX, no Tema A expansão industrial na Europa e as novas teorias científicas é problematizado o conceito de raça onde foram utilizadas falsas ideias do darwinismo social para categorizar racialmente os povos. Estabelecendo desta forma categorias de indivíduos entre superiores e inferiores. Onde negros, judeus, aborígenes, americanos, dentre outros seriam considerados inferiores (SOUZA, 2020).

Este conceito de raça que foi construído para garantir o domínio de uma raça sobre outra. E o livro problematiza esse conceito de raça e sua ressignificação. Também está presente no livro didático o caso da fotógrafa Larissa Isis (2015), que

lançou em 2015 o projeto Cansei, que expõe situações vivenciadas constantemente por pessoas negras. Segundo ela, “as pessoas têm certo receio em usar a palavra NEGRA quando vão se referir ao meu tom de pele. Acredite em mim, você me chateia mais ao me chamar de morena. EU SOU NEGRA. Você não me ofende ao dizer isso. (SOUZA, 2020, p. 149 *apud* MODERNA, 2019, p. 218.).

Utiliza-se no livro didático um questionamento aos alunos com a seguinte pergunta: qual é a crítica implícita nas palavras escritas no quadro da foto?

Percebem-se desta forma algumas mudanças em relação à abordagem dos conteúdos nos livros didáticos. Porém esse movimento deve persistir para que ocorra maior valorização da mulher negra nestes livros.

Ana Maria Marques e Ana Carolina do Nascimento Albuquerque (2020) em seu artigo: “Mulheres e a história aprendida nos livros didáticos: análise de coleções didáticas”, desenvolvem um trabalho sobre a construção de gênero nos livros didáticos questionando porque há poucas mulheres nestes livros e menos ainda como protagonistas. Duas coleções foram analisadas, são elas História, Sociedade & Cidadania, de Alfredo Boulos Júnior (Ed. FTD); e História: das Cavernas ao Terceiro Milênio, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota (Ed. Moderna).

As autoras analisam os conteúdos dos livros didáticos de história para refletir sobre a construção do gênero na tentativa de entender por que há poucas mulheres nos livros didáticos. O recorte interseccional, permitiu que elas observassem os dados referentes à participação das mulheres negras nos cargos políticos, nos quais são pouco representadas. Mas por outro lado, quando se analisam os dados referentes à violência feminina, as mulheres negras apresentam um percentual maior do que as brancas. Sendo que os livros didáticos pouco contribuem para reverter este quadro (MARQUES; ALBUQUERQUE, 2020).

Marques e Albuquerque (2020) se embasaram no conceito de gênero de Scott, como categoria de análise histórica (MARQUES; ALBUQUERQUE, 2020 p. 129). Salientando que gênero pode ser compreendido numa relação entre homens e mulheres, mas também de classe, raça e etnia, as autoras se apropriam de Djamila Ribeiro (2018, p. 51), que salienta que enquanto as mulheres brancas buscavam o direito ao voto as negras buscavam ser reconhecidas como pessoas.

Thais Nivia de Lima e Fonseca (1999) destaca que o livro didático pode ser propagador do conhecimento histórico e de determinada memória assim como utilizado como suporte para questões políticas em determinado contexto.

O livro didático e a educação formal não estão descolados do contexto político e cultural e das estruturas de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. Sua elaboração não parte, exclusivamente, de interesses pré-estabelecidos, mas incorpora as concepções de história e os sistemas de valores dos autores e de seu tempo. Atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção determinadas visões de mundo e de história. Junto à arte, à imprensa e outros meios de comunicação, colaboram para a circulação e a

apropriação determinadas ideias, valores e comportamentos. (FONSECA, 1999, p. 204).

Desta forma, o livro didático quando estruturado de forma que atenda a todos os grupos com igualdade, torna-se de suma importância para o processo de ensino aprendizagem; possibilitando um novo olhar para aqueles grupos que foram silenciados pela historiografia e invisibilizados por longos períodos.

Para que ocorra um processo de ensino aprendizagem significativo os livros didáticos precisam abordar temas como a história da África, dos africanos e dos afro-brasileiros, assim como a religiosidade afro-brasileira e a questão de gênero.

Conclui-se com a leitura dos artigos relacionados sobre as representações das mulheres negras nos livros didáticos de história que a lei 10.639 foi um marco importante para o desenvolvimento de ações relacionadas às questões étnico raciais. Porém em relação aos livros didáticos analisados, poucas alterações ocorreram no sentido de valorizar as mulheres e, sobretudo as negras. Levando-se em consideração que o livro didático é de suma importância na construção de identidades, e que quando as mulheres negras não são representadas, isso acarretará em prejuízos.

Apesar da lei 10.639 poucas alterações ocorreram no sentido de valorizar e representar as mulheres negras. Também estão ausentes em textos onde poderia exercer um protagonismo, seja ele religioso, econômico, político ou social.

Algumas mudanças ocorreram no sentido de destacar a trajetória de algumas mulheres como Maria Felipa de Oliveira, Nzinga e Francisca da Silva, ou Chica da Silva o que não ocorria nas coleções didáticas anteriores a referida lei, onde as mulheres negras apareciam como escravas. Percebe-se algumas mudanças referentes às suas representações, de modo que podem produzir leituras que mudem a ideia de mulheres submissas para agentes partícipes da história.

Porém este processo de valorização da mulher negra está apenas no começo, pois muitas mudanças precisam ocorrer no sentido de desenvolver novos olhares que problematizem o conhecimento histórico. Transformando desta forma situações racistas e sexistas.

### 1.3 A UMBANDA: HISTÓRIA E GÊNERO

Ao longo da história os seres humanos criaram símbolos e significados diversos para dar sentido às realidades da vida. Neste sentido, religião pode ser definida como:

o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana. Há rochedos sagrados, instrumentos sagrados, vacas sagradas. O chefe pode ser sagrado, como o pode ser um costume ou instituição particular. Pode-se atribuir a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e tempos sagrados. A qualidade pode finalmente encarnar-se em seres sagrados, desde os espíritos eminentemente locais às grandes divindades cósmicas. (BERGER, 1985, p. 38-39).

Além da definição religiosa, deve-se levar em conta também as diferentes formas e métodos para se estudar as religiões. No século XIX, por exemplo, a História das Religiões buscava tratar da origem e desenvolvimento das crenças e ideias religiosas. Atualmente a História religiosa possui objetos e métodos próprios (GOMES, 2002, p. 13).

Mircea Eliade (1992) procura explicar a religião a partir da diferença do que é sagrado ou profano. Portanto, para o autor,

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas [...] para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo —de ordem diferente— de uma realidade que não pertence ao nosso mundo — em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo —natural, —profano. (ELIADE, 1992, p. 13).

Partindo deste conceito, a religião pode ser considerada um elo entre o sagrado e o profano. Eliade (1992, p. 14-15), continua expondo sobre o sagrado, da seguinte forma.

O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana.

Em relação aos locais considerados sagrados para cada manifestação religiosa, destaca-se da seguinte forma:

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo: Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade. —Situá-lo num lugar, organizá-lo, habitá-lo — são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao —criá-lo. Ora, esse —Universo é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses. (ELIADE, 1992, p.23).

Cada manifestação religiosa atribui significados sagrados para locais sagrados, assim como a própria natureza apresenta-se em determinadas religiões com características do sobrenatural. Estas atribuições estão presentes nas seguintes palavras:

Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente —natural está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses, como é o caso, por exemplo, de um lugar ou um objeto consagrado por uma presença divina. Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do mundo e dos fenômenos cósmicos. (ELIADE, 1992, p. 59).

Os múltiplos aspectos do sagrado são buscados com a intenção de entender a vida não como um caos, mas como suas existências através da obra dos deuses.

O mundo apresenta-se de tal maneira que, ao contemplá-lo, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do Ser. Antes de tudo, o mundo existe, está ali, e tem uma estrutura: não é um Caos, mas um Cosmos, e revela-se, portanto, como criação, como obra dos deuses. Esta obra divina guarda sempre uma transparência, quer dizer, desvenda espontaneamente os múltiplos aspectos do sagrado. (ELIADE, 1992, p. 59).

Enfim, a religião surgiu desde tempos imemoriais e com a finalidade de dar um sentido para a existência do ser humano. Para que houvesse uma resposta ao significado da vida e principalmente em relação à morte. Como explicar e entender a

morte talvez seja um dos motivos da existência das religiões. Estas que desde o seu surgimento passaram por inúmeras transformações de acordo com as sociedades vigentes e, principalmente influenciadas por questões políticas e de dominação nos mais diversos níveis.

Quando da chegada dos portugueses ao território que hoje corresponde ao Brasil, havia aqui centenas de nações indígenas que possuíam hábitos culturais bastante diversos. Porém este país colonizador trouxe consigo a religião cristã, que passou a impor a todos os habitantes do território ocupado. Com o passar do tempo começaram a utilizar o indígena como mão de obra escrava e mais tarde o tráfico de escravos africanos. Os negros trouxeram consigo diversos rituais, porém esses rituais eram proibidos de serem realizados. Mas com o passar do tempo os negros começaram a mesclar suas crenças com os ritos católicos, o que gerou o sincretismo religioso.

As religiões afro-brasileiras sofreram diversas formas de perseguições e repressões dos diversos grupos sociais, tais como a hegemônica Igreja Católica e os grupos dominantes. Estas religiões de origem africana foram e são vistas até a atualidade como demoníacas, que fazem sacrifícios a animais, que fazem oferendas nas encruzilhadas, pedindo o mal das pessoas, enfim, como aqueles que praticam badernas nos centros ou terreiros. Porém a partir do final do século XIX e início do XX ocorreu a expansão dessas religiões de matriz africana (PIERUCCI, 2000).

Os estudos de Sampaio (2000, p. 110), no campo da História indicam a importância da religião para as culturas africanas,

A religião era a forma primordial de sociabilidade e pautava a maneira de entender o mundo dos muitos povos de diferentes culturas da África. As orientações religiosas estavam presentes em todas as ações da vida, e não apenas nos momentos de celebrações de rituais. Baseado nas tradições da África Central e Ocidental, mas surgindo da confluência de diversos ritos, símbolos, mitos e crenças de outras tradições, inclusive de outras partes daquele continente, aprendidos no Brasil [...].

Ruth Landes (2002) foi uma antropóloga norte-americana que esteve no Brasil de 1938 a 1939 com a intenção de realizar uma pesquisa de pós-doutorado. Seus estudos baseavam-se nas relações inter-raciais no Brasil; focou sua pesquisa na matriarcalidade no candomblé. Durante sua estada no Brasil contou com a ajuda do intelectual Edson Carneiro (LANDES, 2002).

No Brasil, há a tradição religiosa iorubá, que foi recriada no território da comunidade de terreiro no Brasil, o *Ilé* (casa de santo, candomblé, xangô, batuque,

roça, etc.) (LANDES, 2002, p. 13). Porém como salienta Sodré (1999, p. 14), “nenhum valor é neutro, pois espelha as convicções e as crenças de um sistema particular”. Sendo assim, os papéis desempenhados tanto por homens quanto por mulheres tem um significado de acordo com a situação desempenhada por cada um e também o contexto vivido. Através das práticas religiosas as mulheres negras foram estabelecendo relações de poder seja nos terreiros como também no cotidiano familiar e econômico.

A partir das análises realizadas nas obras de Ruth Landes (2002) e Ronaldo Antonio Linares (2017) percebe-se que as relações de poder são contraditórias em diferentes tempos e espaços. Porém nesses espaços religiosos percebe-se o sentimento de lealdade, inclusão (neste sentido dos pobres, negros, deficientes, enfim, dos excluídos). É um local de acolhimento daqueles discriminados pela sociedade e que nestes espaços são reconhecidos e bem tratados.

Através da historiografia das primeiras Casas de Santo do Brasil percebe-se que foram as mulheres que foram as responsáveis por manter e disseminar a religiosidade africana em nosso país. Eram elas que administravam os terreiros e chefiavam os cultos no Candomblé, mantendo dessa forma a herança cultural africana. Porém em muitas situações a ritualística religiosa era transmitida oralmente, pois não havia uma teologia escrita (LANDES, 2002).

Durante o Estado Novo foram elas que lutaram para que seus terreiros fossem reconhecidos e pudessem realizar seus cultos livremente (LINARES, 2017). Os terreiros Casa Branca do Engenho Velho, o *Ilê Axé Opó Afonjá* e o Terreiro de Gantois, na Bahia foram descritos por Ruth Landes (2002) como locais predominantemente comandados por mulheres. Silveira explica de onde vem a força e a liderança dessas mulheres: “na organização dos Reinos fons e nagô-iorubá, as mulheres desempenharam um papel ativo, eram elas que administravam o palácio real, assumindo os postos de comando mais importantes, além de fiscalizarem o funcionamento do Estado” (SILVEIRA, 2000, p. 88).

Ruth Landes (2002) percebeu um gradual aumento do número de mães de santo nos candomblés tradicionais. Assim como um aumento do número de “homossexuais passivos” nos candomblés de caboclo (LANDES, 2002, p. 24). As sociedades iorubas sempre foram patriarcais, mas no caso do Brasil, devido à escravidão e mais tarde com a abolição, as mulheres passaram a ser mais

independentes. Percebe-se também que o matriarcado não acontece somente no Candomblé, mas também nas famílias negras e pobres na maior parte.

Parry Scott, que pertence à área da Antropologia ao se referir a matrifocalidade, diz que:

Esse termo identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isso se traduz em: relações mãe-filho mais solidárias que relações pai e filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino. (SCOTT, 1990, p. 39).

Ao entrevistar o Sr. Martiniano, conhecedor das tradições africanas, este comenta inconformado que as tradições mudaram muito, pois o Candomblé do momento era bem diferente do praticado anteriormente. Que ouve apenas uma mulher que sabia praticar o Candomblé verdadeiro, e naquele momento as mulheres faziam coisas destinadas aos homens como baixar as almas dos mortos. Desta forma ele se afastou do terreiro (LANDES, 2002, p. 69).

Ruth Landes quando esteve no Brasil estava sempre na companhia de Edson, que a levava para todos os lugares e não a deixava sozinha em qualquer visita. Este afirmou em uma das conversas que “é quase tão difícil que um homem chegue a ter renome no Candomblé quanto parir. E pela mesma razão: acredita-se que é contra a sua natureza” (LANDES, 2002, p. 76). Edson continua relatando sobre o sincretismo que ocorre entre o catolicismo e o candomblé, assim como a importância das sacerdotisas, que exercem muita influência entre o povo, se tornando intermediária dos deuses. Em relação aos homens “nenhum homem de direito deixará que um deus o cavalgue, a menos que não se importe de perder sua virilidade” (LANDES, 2002, p. 77).

Ainda em relação à prática citada acima “alguns homens se deixam cavalgar e tornar-se sacerdotes ao lado das mulheres, mas sabe-se que são homossexuais. Nos templos, vestem saias e copiam modos das mulheres e dançam como as mulheres. Às vezes têm melhor aparência do que elas” (LANDES, 2002, p. 77).

Na Igreja Católica os homens ocupam lugar de destaque (PIERUCCI, 2000), mas no Candomblé, os destaques são as mulheres. Nesta religião, segundo Rute Landes (2002) cabe aos homens financiar os terreiros, tocar instrumentos musicais, abater animais para os sacrifícios e coletar ervas. Podem até dançar, mas com

moderação e sem a companhia das mulheres. E dentro dos templos as mulheres são consideradas sagradas para os deuses e neste momento de cerimônia o contato homem/mulher profanaria a situação (LANDES, 2002, p. 78).

Quando uma pessoa descobre que tem uma divindade protetora realizam uma cerimônia chamada “assentar o santo”. Usa-se a expressão “dar de comer a cabeça”, isto é, realizam rituais de alimentar o orixá africano, cuja morada humana é o cérebro (LANDES, 2002, p. 90)

Ruth Landes (2002) refere-se a uma cerimônia, onde esta ocorreu em grande êxtase e depois que os convidados foram embora, “as mulheres que foram possuídas pelos deuses deveriam ser trazidas de volta ao estado normal, despachando-se as divindades” (LANDES, 2002, p. 94). Este processo final era destinado apenas às mulheres de graduação hierárquica, que, aliás, era realizado em segredo.

Em relação ao despacho dos deuses, prática realizada nos terreiros iorubás “as mulheres tratadas cuidadosamente despertavam louças e repousadas, enquanto as que não eram bem cuidadas, como o rapaz branco que “caiu no santo”, voltavam a si aturdidas, tremendo, aflitas, prestes a retornar ao estado anterior” (LANDES, 2002, p. 95).

Ao término do despacho dos deuses, quando as mulheres voltavam a si, são informadas de suas extravagâncias. Uma das sacerdotisas relata: “o trabalho dos deuses é uma força misteriosa que avassala a gente. Eu não gosto dele. A gente vira escrava do santo e às vezes fica manifestada três dias. A gente não tem necessidades, o corpo amortece, não se sente nada até que chega o erê<sup>2</sup> (LANDES, 2002,p. 98).

Em relação à importância das mulheres no Candomblé (LANDES, 2002, p. 115) menciona Mãe Menininha (Escolástica) como provavelmente a mais importante sacerdotisa da Bahia após a morte de sua antecessora Aninha. A pesquisadora Landes (2002), destaca sua popularidade, assim como a sua forte personalidade e o prestígio do seu templo conhecido como Gantois. “Era a guardiã de uma filosofia religiosa e a administradora da instituição dela. Tinha poder de mando sobre centenas de almas em razão da sabedoria e talento sacerdotais e por direito de

---

<sup>2</sup> O Erê é o responsável pelas mensagens do Orixá do recém-iniciado e pelos ritos passados durante o período de reclusão.

herança recebido das mulheres que o haviam precedido no cargo.” (LANDES, 2002, p. 114)

Verifica-se a importância da mãe (matrilinearidade) no jogo de búzios, onde as mães-de-santo tradicionais pedem o nome e sobrenome da cliente, porém só do lado materno. Desta forma, nesta prática divinatória estão presentes imagens femininas da bisavó, vó, mãe, filha.

O poder feminino da mulher negra no Brasil passa a ser ressignificado também no âmbito religioso. Também deve-se destacar o fato da mulher vier a ser a sacerdotisa-chefe do Candomblé a questão do sentimento materno africano. Este sentimento que relaciona-se com a noção de Terra-Mãe que segundo Morin (1988, p. 114):

A Terra-Mãe como metáfora só virá a florescer em toda a sua extensão nas civilizações agrárias, já históricas, o trabalhador Anteu colhe sua força no contato com a terra, sua matriz e horizonte, simbolizada na Grande Deusa... onde jazem seus antepassados, onde ele se julga fixado desde sempre. Com esta fixação ao solo, virá impor-se à magia da terra natal; que nos faz renascer por que é nossa mãe... E bem conhecida a dor do banido grego ou romano que não terá ninguém que lhe continue o culto como ficará separado para sempre da Terra-Mãe.

O Candomblé que surgiu no Brasil após a diáspora africana, utiliza a mulher, a mãe como sua grande representante cujos significados estão associados à proteção. Neste sentido que a chefe do templo ou terreiro é chamada de mãe-de-santo. Esta denominação tem um fundamento, como afirma Jung (1993, p. 39):

É a mãe que providencia calor, proteção, alimento, é também a lareira, a caverna ou cabana protetora e a plantação em volta. A mãe é também a roça fértil e o seu filho é o grão divino, o irmão e amigo dos homens, a mãe é a vaca leiteira e o rebanho.

Para Scott (1990, p. 38), é também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino. Desta forma percebe-se o papel desempenhado pelas mulheres no Candomblé.

Ruth Landes menciona Nina Rodrigues, que descreve as sacerdotisas, quando dançavam elas não sentiam dor, não mexiam as pupilas quando passavam objetos a sua frente. Dançavam sem se cansar.

Landes (2002) comenta que o Dr. Nestor Duarte, ao escrever um livro sobre a história da mulher negra no Brasil, descreve a mulher como corajosa e independente, influente e enobrecedora. Tanto na África quanto no Brasil durante a escravidão, “contava consigo mesma e isso se refletia no protagonismo em relação

ao Candomblé para dar sua contribuição matriarcal à vida familiar entre os pobres” (LANDES, 2002, p. 119). Em entrevista com Mãe Menininha, esta conta que o referido templo pertencera a sua tia a Grande Pulquéria. “Minha querida tia herdou o cargo da mãe dela, a grande Júlia e Júlia fundou o templo depois de chegar ao Brasil” (LANDES, 2002, p. 126).

Nem todos os segredos das cerimônias eram revelados pelas Mães de Santo. Landes (2002) ao informar a Mãe Menininha que tinha a intenção de conhecer mais sobre o Candomblé recebe como resposta que “aqui há segredos que não poderá aprender” (LANDES, 2002, p. 128).

O Candomblé propicia a seus seguidores uma alternativa para as dificuldades do dia a dia. É um complemento, pois aquilo que os rituais católicos não conseguem suprir esta religião o faz.

As mulheres do Candomblé referiam-se a si mesmas com o nome do Orixá. É o exemplo de Zezé de Iansã, cujo nome era Silvia. Com isso queriam demonstrar que pertenciam à sua deusa, tornando-as independentes.

Em relação à parte sexual, acreditava-se que as sacerdotisas praticassem sexo nos templos. (LANDES, 2002, p. 196) os estudantes de medicina, que frequentavam os templos com essa finalidade “achavam interessante estar com uma sacerdotisa do que com uma mulher comercializada porque a sacerdotisa era uma personalidade definida e ao seu modo, uma mulher respeitável”(LANDES, 2002).

Os ogãs<sup>3</sup> eram chamados de “pai”, mas a maioria dos templos baianos, da década de 1930, eram chefiados por mulheres e neste caso o pai era uma espécie de segunda mãe. E a função de ogã era oferecida a homens de dinheiro ou com elevada posição social. E ele ajuda para custearas despesas a seu deus. Em certas ocasiões o ogã pode reivindicar os privilégios sexuais de um marido temporário (LANDES, 2002).

Para Ruth Landes (2002, p. 24) através de seus contatos nos terreiros de Candomblé percebeu um gradual aumento do número de mães de santo nos Candomblés tradicionais. Assim como o aumento do número de “homossexuais passivos” nos candomblés de caboclo. Neste caso diferencia-se das sociedades iorubas, que sempre foram patriarcais. Mas no caso do Brasil, devido à escravidão e

---

<sup>3</sup>Ogã, vem do yorubá e, na linguagem das religiões africanas e afro-brasileiras como a Umbanda e o Candomblé, significa originalmente “aquele que bate, toca e canta”. Nos cultos, Ogã é quem toca os tambores (ALVES, 2018).

mais tarde a abolição, as mulheres passaram a ser mais independentes e a buscar um espaço próprio. Neste sentido, o matriarcado não acontece apenas no espaço religioso, mas também nas famílias negras e pobres em sua maioria.

Ruth Landes acompanhada de Edison vai à casa do senhor Martiniano, conhecedor das tradições africanas, este comenta inconformado que as tradições mudaram, pois o candomblé daquele momento (1937) era bem diferente dos anos anteriores. Que ouve apenas uma mulher que sabia praticar o verdadeiro candomblé e naquele momento as mulheres faziam coisas destinadas aos homens, como baixar as almas dos mortos. Desta forma se afastou do terreiro.

Ruth Landes (2002, p. 76) destaca que na época de suas pesquisas “é quase tão difícil que um homem chegue a ter renome no candomblé quanto parir. E pela mesma razão acredita-se que é contra a sua natureza”.

Landes (2002), continua relatando sobre osincretismo que ocorre entre o catolicismo e o candomblé, assim como a importância das sacerdotisas, que exercem muita influência entre o povo, se tornando intermediária dos deuses. Em relação aos homens, “nenhum homem de direito deixará que um deus o cavalgue, a menos que não se importe de perder a virilidade” (LANDES, 2002, p. 77).

[...] Alguns homens se deixam cavalgar e tornam-se sacerdotes ao lado das mulheres; mas sabe-se que são homossexuais. Nos templos, vestem saias e copiam modos das mulheres e dançam como as mulheres. Às vezes têm melhor aparência que elas. (LANDES, 2002, p. 77).

Na Igreja Católica os homens ocupam lugar de destaque (PIERUCCI, 2000), enquanto no candomblé, os destaques são as mulheres. Nesta religião, segundo as palavras de Edison (LANDES 2002) cabe aos homens financiar os terreiros, tocar instrumentos musicais, abater animais para os sacrifícios e coletar ervas. Podem até dançar, mas com moderação e sem a companhia das mulheres. E dentro dos templos as mulheres são consideradas sagradas para os deuses e neste momento de cerimônia o contato homem/mulher profanaria a situação.

Conhecer o Candomblé é fundamental para compreender algumas características da Umbanda, que é uma religião afro-brasileira de acordo com Linares (2017) e Pierucci (2000). Segundo os estudiosos Linares (2017) e Pierucci (2000), essa religião brasileira constituiu-se a partir do sincretismo dos cultos católicos, africanos, kardecistas e rituais indígenas. Historicamente é bastante jovem e foi adquirindo com o passar do tempo novas características de acordo com o local

onde é praticada. Desta forma torna-se bastante diversa sendo praticada de diversas formas.

Portanto, no Brasil a Umbanda se desenvolveu com muitas variações de terreiro para terreiro. Na maior parte das tendas é possível identificar elementos de todas as culturas citadas, mas a proporção varia de lugar para lugar. Alguns templos possuem predomínio Católico, outros, xamanismo indígena e assim por diante. Como a princípio os terreiros de Umbanda transmitiam seus ensinamentos oralmente, estes foram sendo modificados no decorrer do tempo. Muitos teólogos da religião elaboraram escolas diferentes com uma variação da doutrina.

Em 1950 W.W. da Matta e Silva criou a Umbanda esotérica. Esta tinha como princípio a ideia de que as apresentações das entidades e mesmo todo o conhecimento acerca dos rituais e práticas umbandistas correspondiam a uma linguagem simbólica, mas por trás de todos esses símbolos existia uma verdade oculta; o que alguns chamavam de fundamento ou eró, que cabia ao umbandista desvendar por meio da dedicação ao aprimoramento espiritual (LINARES, 2017).

Outra linha da Umbanda é o Omolocô que surgiu da união de rituais umbandistas com os ritos de Angola. Nesta forma de Umbanda não há Orixás, mas Inquices, e os ancestrais são denominados Bacuros. Neste segmento há o sacrifício de animais e a incorporação de Entidades. Os indígenas também trouxeram suas influências e ensinaram os cultos da Jurema, o Toré, o Xambá, o Catimbó. Nestes fala-se dos reinos dos Encantados e outras formas de xamanismo (LINARES, 2017).

A influência da cultura branca se fez presente com o catolicismo e o kardecismo. Mas grande parte é de influência Católica, considerando-se a importância dos santos e do seu sincretismo com os Orixás; o uso de materiais, símbolos e ritos do catolicismo. Além, é claro, da figura de Jesus Cristo associado a Oxalá como uma divindade maior (LINARES, 2017).

Para Matta e Silva (2016) as linguagens ou símbolos visíveis nos ritos ou giras eram o aspecto exotérico ou externo da Umbanda; já as verdades ocultas era o aspecto esotérico ou secreto. Isto fica claro diante dos ensinamentos sobre os sinais riscados da Lei da Pemba, em que Matta e Silva mostrou um alfabeto sagrado com o qual se podia identificar as mensagens ou significados nos sinais riscados pelas Entidades (LINARES, 2017).

Há os templos que seguem os fundamentos da Umbanda Omolocô, também considerada uma escola ou visão doutrinária com sua forma particular de

transmissão de conhecimentos. Há os que seguem o ritual ensinado por Zélio Fernandino de Moraes que servia como médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Os terreiros que baixam os Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Caboclos, Pretos Velhos e Crianças correspondem à escola denominada Umbanda Mística (LINARES, 2017).

É claro que as variações de culto são inumeráveis, todas as combinações são possíveis, mas essas e outras escolas maiores representam formas já tradicionais na história da Umbanda. Apesar de tantas escolas e de tantos terreiros com costumes, doutrina e mesmo algumas crenças particulares, algo há em comum para que todos possam ser chamados umbandistas (LINARES, 2017).

Inúmeras são as variações de compreensão da espiritualidade nos vários terreiros de Umbanda. Nos simpósios umbandistas que ocorrem desde a primeira metade do século XX em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que mais se discute são as diferenças a respeito de pequenos pontos da doutrina, defendidos por Pais de Santos, Dirigentes de Federações, Pais Espirituais e Babalorixás. Sendo que muitas vezes as decisões acabam vindo de cima para baixo e acabam não refletindo no cotidiano religioso. O fundador da Faculdade de Teologia Umbandista, Mestre Arhapiagha (F. Rivas Neto) apresentou dois pontos fundamentais para o diálogo inter-religioso na Umbanda:

Na Umbanda existe uma unidade de princípios que não dispensa a diversidade (pluralidade) como forma de manifestação. Isso significa que não existe unanimidade ou codificação na Umbanda, mas que nas diferenças pode-se observar que a essência espiritual é a mesma para todos (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº 5, 2005).

Ou seja, a Umbanda deve ser entendida como uma mesma ideia que pode ser expressada por meio de várias linguagens, sendo todas as linguagens totalmente válidas.

Para superar o preconceito e a discriminação presente em nosso país, faz-se necessário conhecer a história da África, dos africanos e dos afro-brasileiros e a trajetória das religiões afro-brasileiras como forma de valorizar a contribuição dos negros para a formação da cultura brasileira. A escola possui a função de refletir sobre todos os tipos de culturas e religiões, desta forma

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos,

indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, p. 14).

Observar como a Umbanda representa os femininos e seus modelos de mulher, sejam eles orixás como Iemanjá e Pombagira ou as mulheres que fazem parte dos terreiros desta religião, é uma estratégia para romper com os preconceitos e discriminações. O território que hoje corresponde ao Brasil tinha como habitantes aqueles que foram denominados indígenas, porém a partir de 1500 começaram a ser explorados pelos portugueses. Estes trouxeram consigo a religião católica, seus hábitos e costumes. Mas com o passar dos anos os africanos foram trazidos para trabalhar como escravos. Estes tinham religiões diferentes das praticadas pelos portugueses e indígenas (PIERUCCI, 2000).

A Igreja Católica sempre tentou impor sua religiosidade, porém, em alguns momentos os escravos realizavam seus rituais nos mesmos dias que aconteciam as celebrações católicas. Ou também não abandonavam sua fé nos orixás ou outras divindades cultuadas na África. Com isso surgiu o sincretismo religioso mesclando características indígenas, católicas e africanas (PIERUCCI, 2000).

Procedendo desta forma, na disciplina de História, buscamos destacar o papel das mulheres e minorias sexuais na construção histórica da sociedade brasileira e, em particular, na religião afro-brasileira Umbanda.

As mulheres, na Umbanda são representadas com mais igualdade e democracia, inclusive na organização das lideranças, onde ao contrário de outras religiões o feminino ainda não possui grande representação. Estas características vêm de origem africana (PIERUCCI, 2000).

Na África, as mulheres iorubás participavam do conselho dos ministros, tinham organizações próprias e chegavam a liderar um intenso comércio que incluía rotas internacionais. Foi por isso, que na Bahia no início do século XIX, elas conseguiram o que parecia impossível: deram à luz uma organização religiosa que conciliava tradições de diferentes povos, resistindo à exploração da escravidão e à perseguição policial. No Candomblé, com diplomacia, inteligência e fé, elas reuniram todos os elementos necessários para garantir ânimo e autoestima ao seu povo. O título que receberam expressa bem o misto de liderança religiosa, chefia política e poder terapêutico que exercem: mães de santo. (MARIANO, 2007, p. 02).

Ivana Silva Bastos (2009) analisa o papel que a mulher e o feminino ocupam nestas religiões e a sua pesquisa foi realizada nos terreiros de João Pessoa entre agosto de 2007 e agosto de 2008, e constata a predominância feminina nestes terreiros. Outros pesquisadores da Umbanda tais como Teixeira (2000), destacam

essa participação feminina. “Os terreiros de candomblé têm sido percebidos por estudiosos, literatos e público em geral como espaços primordialmente femininos” (TEIXEIRA, 2000, p. 197). Diferente do que ocorre em outras religiões como a Católica e a Evangélica, nas quais as mulheres não ocupam os papéis principais, embora sejam a maioria das fiéis.

No Brasil, as raízes desta diferenciação estariam no fato de que os escravos eram impedidos muitas vezes de formar família, pois eram submetidos aos mandos de seus donos e vendidos ou separados de suas famílias. Desta forma diferenciavam-se do modelo patriarcal imposto pela sociedade da época (SEGATO, 2000, p. 80)

Diante da situação de escravidão não havia a figura paterna, mas existia uma relação de poder na qual a mulher acabou se tornando a protetora do lar e exercendo papéis de liderança (SEGATO, 2000, p. 83). Esta situação vai se refletir na religião, neste caso o Candomblé e em algumas práticas da Umbanda.

Ruth Landes (2002) argumenta a respeito das relações de gênero nos cultos afro-brasileiros onde as mulheres ocupam funções de destaque e ocorre o empoderamento feminino. Isto explicado pelo fato de que após a abolição da escravatura as mulheres conseguiam mais independência que os homens o que dificultava muitas vezes as relações conjugais o que gerou uma desvalorização do casamento e uma mudança nas relações familiares. Originalmente na Umbanda não havia cerimônias de casamento. E há a questão da prioridade do orixá sobre os conjugues (SEGATO, 2000, p. 62).

A herança do processo de escravização de povos Africanos, no Brasil, e as práticas da escravização, permitem compreender o lugar da mulher na religiosidade. As pessoas eram separadas de suas famílias e vendidas para outros senhores, não formavam muitas vezes uma união familiar. Desta forma, as mulheres passavam a ser chefes de famílias e muitas vezes não se interessavam pelo casamento, mesmo após a abolição da escravatura. E como a religiosidade está intrinsecamente ligada à questão cultural, estas mulheres passaram a liderar os terreiros de Candomblé, que existiam no momento. Com a Umbanda a mulher pode exercer liderança em diversas situações, porém o que se percebe é que a escrita umbandista é predominantemente masculina. Desta forma os homens continuam a ocupar muitos espaços de poder.

Deve-se destacar, no entanto que esta é uma religião voltada a todos, negros, brancos, mestiços, pobres e mulheres. Desta forma, Silva (2015) entende que como surgiu a partir do sincretismo e da diversidade, tornou-se aberta a todos aqueles que de alguma forma são discriminados socialmente.

Ao voltar o olhar para as representações dos femininos na Revista Espiritual de Umbanda no período de 2003 a 2008, observaremos como esse espaço de comunicação umbandista representa as mulheres.

## CAPÍTULO 2 AS REPRESENTAÇÕES DOS FEMININOS NA REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA

Quando a religião é o objeto de estudo das ciências humanas, deve-se tomar muito cuidado com a forma como deve ser tratada. Dominique Júlia (1988) afirma que a religião deve ser vista como uma representação, um produto cultural. E neste caso o que interessa ao pesquisador não são os critérios de verdade e, sim como a religião é construída culturalmente. No texto “A Religião: História Religiosa”, Júlia (1988, p. 107) explana que:

é agora a linguagem, as leis segundo as quais se organizam as linguagens sociais, históricas ou psicológicas. A consciência não é mais, nessas condições, do que uma representação – o mais das vezes, falaciosa – dos determinismos que a organiza. Ela não pode ter a pretensão de constituir o real, não o pode mais. O que uma análise histórica ou sociológica revela são as regras dos funcionamentos sociais.

A intenção do capítulo é discutir como os femininos são representados na Revista Espiritual de Umbanda para refletir a partir daí a participação ou não das mulheres nesta religião. Cabe destacar que existem diversos segmentos da Umbanda, porém a revista segue a linha da Umbanda Branca. Também busca-se discutir como ocorre o empoderamento destas mulheres frente às chefias dos templos religiosos. Portanto, o foco é olhar para como a revista Espiritual de Umbanda, apresenta uma representação sobre o feminino, focando nas matérias e nas imagens.

As representações são lidas a partir do conceito de gênero que é entendido por Scott (1990) como uma construção social o que possibilita um distanciamento das perspectivas biológicas (LOURO, 1997). Portanto, permite identificar as relações de poder em um meio de comunicação da Umbanda.

Para a filósofa e educadora Sueli Carneiro, refletir sobre o papel da mulher e sua representação nos cultos afro-brasileiros “se constitui em importante elemento no resgate da identidade feminina negra” (CARNEIRO, 2008, p. 117).

## 2.1 AS UMBANDAS E A HERANÇA DO PODER FEMININO DO CANDOMBLÉ

Ao estudar a Umbanda o pesquisador André de Oliveira Pinheiro (2009) destaca que a Umbanda recebe diferentes denominações tais como: Umbanda Esotérica, Umbanda Popular e Umbanda Sagrada. E cada uma delas apresenta suas especificidades em relação aos rituais e práticas sagradas (PINHEIRO, 2009, p. 3), e provavelmente diferentes percepções e representações do feminino.

Patrícia Birman (1985) em seus estudos sobre a Umbanda relatou a diversidade existente nesta religião, assim como as tentativas de unificação teológica das suas doutrinas.

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. [...] Cada pai de santo é senhor no seu terreiro, não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. Há, portanto uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença, havendo também um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização (BIRMAN, 1985, p. 25-26).

Além da diversidade de doutrinas, Patrícia Birman (1985) destacou o sincretismo religioso presente na Umbanda. Entre os terreiros existem diferenças nas suas concepções ritualísticas, porém essas diferenças “se dão num nível que não impede a existência de uma crença comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade” (BIRMAN, 1985, p. 26-27).

Ainda segundo Birman (1985) alguns umbandistas possuem práticas que combinam com o Candomblé, Catolicismo e Espiritismo. Outros Centros que aceitam alguns princípios do Candomblé, mas outros não. Absorvem, combinam e modificam as práticas já existentes de outras religiões (BIRMAN, 1985, p. 26-27). No dicionário histórico das religiões Antonio Carlos do Amaral Azevedo (2002) divide a Umbanda em dois grupos: Umbanda popular e Umbanda branca.

A Umbanda popular que possui características africanas com a presença da quimbanda. Nos seus rituais trabalha com Exus e Pombagira podendo ser sincretizada com o Candomblé de Angola. Seus fiéis pertencem à classe média baixa (AZEVEDO, 2002, p. 357).

A Umbanda branca ou esotérica é uma forma de Umbanda que distancia-se dos rituais com características africanas e não realizam sacrifícios de animais.

Utilizam ritos mágicos europeus onde utilizam uma mitologia de criação egípcia. Seus participantes são na maioria brancos e das classes mais altas.

De modo semelhante Olga Gudolle Cacciatore (1988) no “Dicionário de Cultos Afro-brasileiros” divide a Umbanda da seguinte maneira: a Umbanda Esotérica, iniciática ou cabalística que possui uma doutrina complexa e de difícil entendimento para as camadas populares (CACCIATORE, 1988, p. 242); a Umbanda popular que é de fácil entendimento para seus fiéis (CACCIATORE, 1988, p. 242); a Umbanda branca que só realiza magia branca e excluiu de seus rituais trabalhos com sangue e magia negra (CACCIATORE, 1988, p. 243); a Umbanda de branco que é muito parecida com o Espiritismo Kardecista e que utiliza roupa e sapatos brancos. Praticam muito a caridade material e espiritual (CACCIATORE, 1988, p. 243).

Além destas definições presentes nos dicionários relacionados à cima, alguns escritores pertencentes à Umbanda dividiram esta religião da seguinte forma: Umbanda Branca (FORCHEZATTO; GIANNONI; SANTOS, 1999); Umbanda Mística (RONTON, 1994), Umbanda Canjerê (RONTON, 1994), Umbanda esotérica (RONTON, 1994), Umbanda Kardecista (RONTON, 1994), Almas e Angola (MARTINS, 2006) e Umbanda Omolocô (OMULU, 2002). Essas diferentes nomenclaturas indicam diferentes práticas religiosas, bem como diferentes narrativas de origem. Portanto, não existe uma Umbanda, mas várias Umbandas.

Na Umbanda branca, a origem é definida a partir de Zélio Fernandino de Morães e é a vertente fundamentada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, Pai Antônio e Orixá Malê. Segundo a tradição desse grupo ela surgiu em 16 de novembro de 1908 em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, tendo como primeiro espaço religioso a Tenda Nossa Senhora da Piedade. Utiliza as linhas de caboclos e pretos velhos, conforme destacam autores Domingos Forchezatto, Maria Alice Giannoni e Maria Elídia dos Santos (1999, p. 21).

O escritor umbandista Josef Ronton, ou seja, que pertence a Umbanda especifica as seguintes variações de Umbanda em seus livros “Trabalhos de Umbanda Canjerê”(1994) e “Sacramentos da Umbanda Mística”(1989): Mística, Canjerê, Esotérica e Kardecista.

Na Umbanda Mística a fé é à base da religião e a solução para todos os problemas (RONTON, 1994, p. 9).

Para a Umbanda Canjerê a origem da palavra Umbanda é africana e significa “dançando se faz um trabalho para resolver algo” (RONTON, 1994, p. 9). Em outro sentido canjerê significa dança de macumba. O canjerê através da dança estabelece uma “corrente cósmica e de forças sutis da natureza, capaz de resolver problemas de ordem material e espiritual aos quais estamos sujeitos e dos quais queremos nos livrar” (RONTON, 1994, p. 9).

A Umbanda esotérica cultua as forças da natureza a partir das quais Deus, anjos, orixás e espíritos se manifestam. Pratica a astrologia<sup>4</sup>, parapsicologia<sup>5</sup>, grafologia<sup>6</sup> e quiromancia<sup>7</sup>. Utiliza as propriedades medicinais das plantas (RONTON, 1989, p. 13-14).

A Umbanda Kardecista é praticada em Centros Espíritas que utilizam Giras de Umbanda juntamente com sessões espíritas. Nesta linha não cultuam os orixás nem os santos católicos. E os trabalhos são realizados por caboclos e pretos velhos e crianças que utilizam roupas brancas. Não utilizam guias, imagens, fumo, velas, bebidas e atabaques (RONTON, 1989, p. 14).

Existem outros rituais relacionados aos cultos umbandistas que são descritos por autores ligados à religião, entre os quais estão Giovani Martins Almas (2006) e Caio de Omulu (2002).

Para Giovani Martins, Almas e Angola é um ritual que surgiu no Rio de Janeiro e é praticado atualmente em Santa Catarina. Possui algumas características da Umbanda, mas aproxima-se muito do Candomblé. Nestes rituais ocorrem às feitura de Orixás ou camarinhas onde o médium tem a cabeça raspada, fica isolado e deitado numa esteira por sete dias. Oferece sangue de animais aos orixás (MARTINS, 2006, p. 23).

Caio de Omulu (2002), em seu livro “Umbanda Omolocô”, define que a Umbanda Omolocô é a fusão do Candomblé com a Umbanda. Possui rituais candomblecistas, umbandistas e o trabalho com espíritos. Ressurgiu com Tancredo

---

<sup>4</sup> Astrologia é o estudo e prática de prever e revelar a influência dos astros no destino dos homens, nos acontecimentos terrestres e nos fenômenos atmosféricos.

<sup>5</sup> Parapsicologia é o ramo da psicologia que se ocupa de certos fenômenos psíquicos de natureza especial, não explicáveis pelas leis da natureza (p ex, a telepatia, a premonição e a clarividência); metapsíquica.

<sup>6</sup> Grafologia é o estudo da letra ou do traçado da escrita de uma pessoa, com o objetivo de obter dados relativos ao seu caráter, sua índole e personalidade.

<sup>7</sup> Quiromancia é a pretensa arte de adivinhar o futuro das pessoas pelo exame das linhas da mão; quiroscopia (MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.

da Silva Pinto, com a intenção de valorizar a herança africana que em alguns momentos encontra-se sendo desafricanizada. Encontra-se em proximidade com os ritos do Candomblé no que diz respeito aos orixás e seus fundamentos. Mas em relação à Umbanda no que se refere ao seu trabalho com as entidades espirituais (caboclos, pretos velhos e crianças). Utilizam-se também as denominações Candomblé de Caboclo e Umbandomblé (OMULU, 2002, p. 33).

Vale destacar, que a Revista Espiritual de Umbanda, que pertence à linha da Umbanda branca, critica o Umbandomblé. Na edição 10, o periódico apresenta uma crítica sobre o Umbandomblé. Já no título apresenta um questionamento sobre essa prática: “Umbandomblé onde está a ética?” (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, 2005). A legenda da foto responde essa pergunta, negando essa prática religiosa como representativa da Umbanda: “O sincretismo é uma realidade, Umbandomblé é um equívoco” (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, 2005). A matéria afirma que:

Da prática da junção de Candomblé e Umbanda surge o que chamamos de “Umbandomblé”. Isso não é sincretismo, é apenas a migração de práticas religiosas que nada tem a ver com o Ritual de Umbanda, muitas vezes, puro exibicionismo. Aceitar rituais ou filosofias e inseri-las na Umbanda tem seu limite no bom senso de cada sacerdote (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, 2005, p. 3).

Portanto, Revista Espiritual de Umbanda apresenta uma posição do grupo, que publica esse periódico, em relação ao outra prática da Umbanda, o que pode ser indicativo de disputa de poder entre os grupos. Essa disputa é percebida na conclusão da matéria sobre o Umbandomblé, que convoca os crentes e deslegitima a outra experiência religiosa:

Irmãos de fé, precisamos entender que é simples a Lei, não é medíocre e não tem como base o cinismo. A Lei é uma só e o homem é equilibrado em sua natureza e postura evolutiva, a idolatria à matéria é que o tira de seu caminho. Reflitam e acabem com as couraças da matéria. Umbandomblé: isso não é Umbanda nem Candomblé. O alicerce da nossa Umbanda é a caridade, firmada na Lei Natural e Evolutiva do “Amar ao próximo como a si mesmo”, do “É dando que se recebe”. Saravá Jesus, Saravá Oxalá, Saravá, Buda, Saravá, Ghandi. (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, 2005, p. 3)

Esse posicionamento pode indicar que existem diferentes representações do feminino, bem como diferentes espaços de poder das mulheres nos espaços sagrados das Umbandas. Portanto, existem diferenças também entre os femininos do Candomblé e das Umbandas.

Vale retomar que os estudos sobre as mulheres do Candomblé, sobretudo, as negras não são recentes e se observou no início do século XX, o poder religioso feminino das mães de santo de Salvador, na Bahia (LANDES, 2002). Eram as mulheres que lideravam os terreiros em uma época na qual o espaço doméstico era destinado às mulheres e o espaço público aos homens.

A socióloga Teresinha Bernardo (2005) aponta os motivos para as lideranças das mulheres no Candomblé. Enquanto os homens negros trabalhavam nas fazendas nos serviços braçais, as mulheres ocupavam funções domésticas diversificadas nos centros urbanos, o que permitia uma maior circulação nos espaços públicos. Essa circulação permitia que preparasse as oferendas e colocasse nos espaços públicos.

Trabalhando como escrava de ganho, além de circular livremente podia acumular dinheiro para a compra de alforria, assim como sustentar sua família. Esta liberdade de circulação já acontecia entre as mulheres iorubás, tradição esta que continuou no Brasil (BERNARDO, 2005).

Ainda de acordo com Bernardo (2005), ocorriam às trocas comerciais e as de bens simbólicos nesses espaços. Além da circulação de notícias, relações sociais e negociações familiares.

Jaqueline Sant'Ana Martins dos Santos (2018), observou que a Casa Branca do Engenho Velho (*Ilê Axé Ivá Nassô Oká*) é o marco institucional do candomblé. Este Terreiro foi fundado na década de 1830 em Salvador, por lideranças femininas nagôs vindas das cidades de Oyó e Ketu. Estas mulheres que foram trazidas da África como escravas comandavam os rituais primeiramente em engenhos de açúcar, mas por temerem a perseguição das autoridades mudaram de endereço.

A partir da Casa Branca do Engenho Velho (*Ilê Axé Ivá Nassô Oká*) foram criados outros terreiros como o Terreiro de Gantois (*Ilê Iyá Omi Axé Yámassê*) e o *Ilê Axé Opô Afonjá*, onde suas fundadoras foram iniciadas na Casa Branca e preservaram uma tradição de liderança feminina no comando das casas de culto. A transmissão do comando dos terreiros se dá de pelo jogo de búzios ou por laços consanguíneos. Porém mantendo-se uma tradição matrilinear (SANTOS, 2018).

Dentro dessa tradição as pioneiras do candomblé no Brasil foram três mulheres: Adetá, Iyakala e Iyanassô, vindas da cidade de Keto, que depois de libertas tiveram a possibilidade de abrir um terreiro para cultuar os orixás (SANTOS, 2018). Desta forma “o candomblé tradicional da Bahia sempre

atribuiu à família da mãe de santo um papel crucial – é através das relações de descendência por linha materna que este reproduz a sua principal liderança” (BIRMAN, 1995, p. 176).

Nos terreiros de Candomblé se destaca a força e a importância das mulheres nestes espaços religiosos onde ocupam muitas funções, tais como, promover o sustento, “cortar para Exu<sup>8</sup>” e liderar os rituais. Porém, os valores patriarcais da cultura judaico-cristã deturpa muitas vezes alguns preceitos religiosos das religiões afro brasileiras de acordo com uma ótica machista (SANTOS, 2018). A pesquisadora Dani Bastos (2014) salienta que é difícil encontrar respostas que justifiquem questões como “homem pode, mulher não pode” (BASTOS, 2014, p. 6).

Há significativa valorização sobre a participação da mulher em relação aos alimentos oferecidos aos orixás. Este preparo dos alimentos envolvendo o trabalho das mulheres é entendido como um privilégio e não como “uma função menor como no mundo laico” (SANTOS, 2018, p. 56). O candomblé não é uma religião só de mulheres ou só de negros, mas há que se destacar a importância destas mulheres seja como líderes religiosas ou na manutenção dos terreiros. Para Landes no terreiro da Casa Branca “os homens, embora desejados e necessários, eram principalmente espectadores” (LANDES, 2002, p. 88).

Patrícia Birman (1995) analisa os estudos de Rute Landes (1967) e esta levanta a hipótese de que o candomblé acolhe homossexuais “porque historicamente se constituiu como um matriarcado” (BIRMAN, 1995, p. 48). Desta forma todas as funções religiosas pertenceriam às mulheres e os homens ficariam em segundo plano.

Para Alessandra Amaral Soares do Nascimento (2010) em seu artigo intitulado “Candomblé e Umbanda: Práticas Religiosas da Identidade Negra no Brasil”, a Umbanda teve origem como culto organizado quando kardecistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul passaram a mesclar rituais kardecistas com práticas religiosas afro-brasileiras com o objetivo de legitimar uma nova religião (NASCIMENTO, 2010, p. 936-937). Neste contexto a nova religião tinha a intenção de integrar as classes sociais com a possibilidade de abertura para integração dos cultos afro-brasileiros (NASCIMENTO, 2010, p. 937).

---

<sup>8</sup>Cortar para Exu é um ritual utilizado no Candomblé onde o sacerdote abre a garganta de um animal com uma faca. Posteriormente, degola o bicho. O coração e os genitais são colocados sobre uma bacia de barro. Esses pedaços serão oferecidos para o orixá que vai “comer”.

De acordo com Patrícia Birman (2005) a organização e a hierarquia de um terreiro se dão a partir do Pai e Mãe de santo estando ligado ao tempo de iniciação do terreiro. Seus papéis de sacerdotes e sacerdotisas são determinados pelo gênero, mas apresentam divisões, de maneira geral equilibradas. Mas quando nos terreiros há a presença de homens e mulheres, os homens apresentam uma posição um pouco superior à das mulheres (Birman, 2005, p. 5). Neste sentido estudos sobre a participação das mulheres nos diversos segmentos da sociedade tornam-se relevantes para compreendermos como que se dão as relações de poder entre os sexos.

Os estudos de História das mulheres e Gênero estão desvelando um universo de ações femininas nas relações sociais, políticas, econômicas, culturais, enfim, nos mais diversos setores da sociedade. São histórias de mulheres guerreiras, donas de casa, prostitutas, empresárias, pobres, marginalizadas ou excluídas. Estas que participaram de ações ou movimentos que fizeram a diferença em contextos variados e que tiveram que enfrentar os valores estabelecidos por uma sociedade patriarcal, que estabelecia uma divisão no sexo masculino e feminino.

Gênero é entendido por Losandro Antônio Tedeschi (2009) “como um meio de decodificar o sentido de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (TEDESCHI, 2009, p. 47). Portanto, a imprensa religiosa é um espaço que constitui e expressa relações de gênero, pois as formas de comunicação não são neutras e “a imprensa periódica seleciona, ordena estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2005, p. 139).

Embora a Revista Espiritual de Umbanda, apresente críticas a uma experiência religiosa umbandista que se vincula ao Candomblé, essas heranças estão presentes nas imagens do feminino e na segunda parte desse capítulo analisaremos as representações dos femininos nesta revista.

## 2.2 A REVISTA E AS CAPAS COMO ESPAÇO DE PODER

A Umbanda conta atualmente com diversas formas de divulgação tais como jornais, revistas, rádio, cursos, faculdades, etc. Portanto, utiliza diferentes meios de comunicação para divulgação da religião. Sendo que os meios de comunicação são de extrema importância para a divulgação e legitimação da religião, pois a mídia é um espaço de poder. E quem fala ou escreve nesses espaços são representantes legítimos da voz da religião. Portanto, são somente homens que falam e escrevem, a voz da religião é masculina.

A Web Rádio Raízes de Umbanda surgiu em 28 de fevereiro de 2010, com a intenção de mostrar através da música as influências do sincretismo religioso presentes nesta religião. Na programação estão presentes os pontos cantados de Umbanda, pontos cantados de origem africana, músicas populares de influência religiosa e de influência Kardecista, músicas para meditação e mensagens de autoajuda. Tem como fundador e administrador Sandro Mattos. Que também é autor de obras umbandistas e sacerdote desta religião. Na TV Saravá Umbanda foi apresentador do programa Mediunidade e Umbanda e na TV Guardiões da Luz, apresentador do programa Seara de Umbanda, (RÁDIO RAÍZES DE UMBANDA).

A Rádio Web Umbanda do Brasil foi idealizada por Rogério Corrêa, juntamente com os colaboradores Pedro Henrique, Raphael Lacerda, Mário Tomar e Tânia Lacerda. Seguem os ensinamentos deixados por Matta e Silva e, desta forma percebe-se o predomínio de vozes masculinas. (RÁDIO WEB UMBANDA DO BRASIL).

O Programa Umbanda Sem Fronteiras foi criado em 2012 e sua programação ocorre todas as segundas feiras às 19 horas. Um Programa do Templo Estrela do Oriente que tem produção e apresentação de Luis Fernando Barros. Este que é presidente da Tenda Umbanda Ogum de Lei Caboclo Roxo (PROGRAMA UMBANDA SEM FRONTEIRAS).

A Rádio Vinha de Luz: A Rádio de Umbanda divulga a Umbanda através de músicas, pontos cantados, conhecimentos sagrados e Orixás. Em 2011 ativou seu canal de transmissão via internet (streaming) e é dirigida por Eduardo Silva (RÁDIO VINHA DE LUZ).

Cristiana Tramonte (2001), ao analisar os discursos produzidos pelos informativos de Umbanda, indica a sua importância para o esclarecimento e divulgação da religião.

É exatamente este discurso transcendente do povo de santo local que nos interessa. Através das entidades organizativas que produzem os boletins, muito da expressão real desta população está retratada na escolha e relação dos artigos, no ponto de vista com que são descritos os eventos, nos textos de formação religiosa, etc. (TRAMONTE, 2001, p. 183).

Para André de Oliveira Pinheiro (2009) a Revista Espiritual de Umbanda foi lançada em 2003 e circulou até 2008. A revista possuía periodicidade esporádica e circulação nacional. Publicada pela Editora Escala de São Paulo. Não há dados que mostrem o número de revistas vendidas. O editor responsável é Marques Rebelo.

Cada revista contém 68 páginas coloridas que apresentam diversos conteúdos, tais como reportagens, orações, mensagens psicografadas<sup>9</sup>, resumos de livros, receitas de banhos de ervas e propagandas. Todas as edições da revista são ilustradas com imagens de alguns participantes das cerimônias, templos, orixás, festas, médiuns incorporados e líderes religiosos considerados importantes para a Umbanda. Além das edições regulares da revista foram publicados números especiais e três coletâneas de relançamentos com a finalidade de vender o que tinha ficado estocado (PINHEIRO, 2009).

A revista toda apresenta-se de forma ilustrada e colorida, essas características da edição são uma estratégia para chamar a atenção do leitor.

Como em toda publicação existe uma linha editorial com propósitos bem definidos em relação àquilo que será publicado. A escolha das reportagens e imagens não acontece por acaso, mas de acordo com Tânia de Luca “a imprensa periódica ordena, estrutura e narra o que elegeu como digno de chegar ao público” (LUCA, 2005, p. 139).

André de Oliveira Pinheiro (2009) em sua dissertação “Revista Espiritual de Umbanda: Mito Fundador e Tensões no Campo Umbandista” reforça a importância de prestar atenção em quem é o responsável pela produção do conteúdo da revista que no caso é Marques Rebelo. Tânia de Luca (2005, p.140) refere-se “a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha

---

<sup>9</sup>Mensagens psicografadas: forma de mediunidade que permite ao médium receber e grafar mensagens de forma mecânica, ou seja, em muitas situações não sabe o que está escrevendo. Além da psicografia existem outros tipos de mediunidade.

editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos”. Portanto, ao voltar o olhar para as edições do periódico analisado tem uma finalidade divulgar a linha de Umbanda que tem como fundador Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O editor da revista é Marques Rebelo que também é o responsável pelo projeto gráfico, diagramação e fotografia. As três primeiras edições foram escritas por Juliana Penha e a partir da quarta edição a responsável pela edição passa a ser Virgínia Rodrigues. Além dos redatores citados aparecem também textos psicografados por Adilson Godoy, Espírito Pedro Miguel, Espírito amigo e outros.

A Revista Espiritual de Umbanda Collection, que é uma edição especial, possui 270 páginas não numeradas. Esta é uma coletânea de edições publicadas anteriormente. Observado a fonte se constata uma tendência a dedicar o espaço de poder aos homens, conforme o quadro seguinte.

Quadro 1 – Análise participação de homens e mulheres na Revista

Capas	Capas com mulheres	Capas mistas	Capas com homens	Entrevistas com mulheres	Entrevistas com homens	Livros publicados por homens	Livros publicados por mulheres
5	1	2	2	6	17	30	1

Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection (2003 – 2008).

A partir da análise da Revista Espiritual de Umbanda Collection verifica-se uma maior participação dos homens em todos os setores da publicação, ou seja, das cinco capas presentes, duas têm os homens como destaque; duas são mistas e em apenas uma delas a mulher está em destaque. Em relação às entrevistas dezessete são realizadas com homens e seis com mulheres. No que se refere às publicações de livros a diferença é muito maior, pois aparecem trinta livros publicados por homens e apenas um por mulher. E o livro de autoria feminina é destinado às crianças.

O escritor Rubens Saraceni está entre os escritores umbandistas mais divulgados e aparecem dezessete de seus livros nas propagandas, entre os quais: Os Decanos, Código de Umbanda e A Magia Divina das Velas. Assim como muitos de seus textos que abordam temas sobre a Umbanda são publicados como forma de representar a religião e a preservação de sua memória. A partir dessa constatação surgem duas questões: a obra do autor é significativa para compreender as práticas

da Umbanda defendidas pelo periódico? Seria o autor um dos financiadores da revista? São questões que podem guiar uma pesquisa futura.

Ao voltar o olhar para as capas, poderemos observar elementos das relações entre os poderes masculinos e femininos na coleção analisada. As cinco capas da Revista Espiritual de Umbanda são analisadas com o intuito de perceber como as mulheres são representadas nesta revista, assim como as relações de poder entre homens e mulheres.

Figura 1 - Capa da Revista Espiritual de Umbanda Collection



Fonte: Capa da Revista Espiritual de Umbanda Collection (2003).

A capa principal da Revista Espiritual de Umbanda Collection tem como destaque o Orixá Exu, que é uma divindade dos cultos afro-brasileiros, e é sincretizado com santos da Igreja Católica. Ao fundo aparecem homens e mulheres vestidos de branco durante um ritual religioso. Esta revista pertence ao grupo religioso que segue a Umbanda branca, porém, na imagem da capa percebe-se que a imagem das mulheres remete ao Candomblé.

Em sua tese intitulada *Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista* (2017) Leo Carrer Nogueira analisa as transformações sobre as representações do Orixá Exu. Na África os orixás estavam relacionados à família, mas no Brasil ocorrem transformações e adaptações de acordo com as necessidades do momento, principalmente relacionadas à escravidão (NOGUEIRA, 2017).

Na África o orixá Exu tem como característica:

seu caráter irascível, violento, destruidor. Exu tem a responsabilidade de causar a desordem, de destruir o que se pensa estar sólido. Só assim ele abre caminho para que os outros orixás possam continuar a tarefa da criação. Ele é o princípio da mudança (NOGUEIRA, 2017, p. 54).

Porém, a partir do momento que os europeus entraram em contato com os povos africanos, Exu passa a ser representado “no imaginário ocidental como um símbolo demoníaco, sendo atribuído a ele todas as características deste personagem que povoava o imaginário cristão europeu” (NOGUEIRA, 2017, p. 62).

No Brasil, “o domínio português forneceu as bases interpretativas que permitiram a representação das práticas africanas em terras brasileiras como “bárbaras” e “primitivas”, prontas para serem combatidas” (NOGUEIRA, 2017, p. 96). Desta forma constrói-se a representação de Exu. No Candomblé baiano, Exu preserva algumas características africanas. “É considerado o mensageiro entre os homens e os demais orixás, e ainda recebe as primeiras oferendas de qualquer ritual” (NOGUEIRA, 2017, p. 170). Tanto na Umbanda quanto na Quimbanda este orixá acaba passando por transformações.

Na Umbanda, “considerado como uma entidade, representando o espírito de pessoa falecida, e que baixam nos terreiros com o objetivo de atender aos pedidos daqueles que o procuram” (NOGUEIRA, 2017, p.202). Exu que de início era associado ao Diabo cristão, vai com o passar do tempo se transformando e possuindo outras funções dentro das religiões afro-brasileiras.

A Umbanda surgiu dentro de uma classe média e, desta forma seus líderes passaram a desenvolver uma teologia moralizante contando com vários tipos de mídias, como descrito anteriormente. Assim sendo, esses intelectuais pretendiam “fornecer as bases para a criação de uma identidade umbandista (...) e buscavam se distanciar ao máximo das práticas das macumbas e demais africanismos” (NOGUEIRA, 2017, p. 260).

Até os anos de 1950 diferentes representações dos exus conviviam nos terreiros, porém com o passar do tempo foram ocorrendo adaptações com a finalidade de racionalizar esse orixá, de modo que a Umbanda preservasse seu lado benéfico. Lembrando que os intelectuais umbandistas possuíam ideias divergentes e até conflitantes de como deveria ser a religião. Desta forma ela vai se desenvolvendo e assumindo características diversas dentro de cada terreiro (NOGUEIRA, 2017, p. 260).

De acordo com Nogueira (2017), as diferentes correntes da Umbanda vão caracterizar Exu de acordo com seus interesses. A Umbanda branca que vai negar Exu e se aproxima das crenças orientais. A Umbanda ocultista que dá continuidade ao processo de demonização de Exu caracterizando-o com características malignas e associando-o ao Diabo Cristão. A Umbanda kardecista e o discurso da ambiguidade de Exu, onde neste discurso aceitam Exu para fazer trabalhos para o bem, não excluindo a possibilidade de trabalhos para o mal. “Os autores desta corrente, assim, não negam que Exu seja maligno, no entanto atribuem a ele também a capacidade de realizar trabalhos benéficos que nos auxiliem” (NOGUEIRA, 2017, p. 301). E por último a Umbanda esotérica, que a partir de 1950 aproxima-se do hinduísmo e da teosofia<sup>10</sup>. Nesta corrente “Exu é considerado uma energia ou força primitiva; é a substância prima; é o subconsciente de Deus; é o grande fluido ou energia que tudo abrange e envolve” (MAGNO, 1956, p. 26 *apud* NOGUEIRA, 2017, p.320). Enfim, Exu é “uma das forças criadas por Deus para reger o universo, em uma correlação com a teologia cristã” (NOGUEIRA, 2017, p. 320). Neste caso Exu seria responsável por fazer cumprir a lei do karma, onde cada um tem suas obrigações de acordo com seu estágio de evolução.

---

<sup>10</sup>Teosofia é o conjunto de doutrinas religiosas de caráter sincrético, místico e iniciático, acrescidas eventualmente de reflexões filosóficas, que buscam o conhecimento da divindade para alcançar a elevação espiritual (<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>).

Diante do exposto acima nesta capa Exu estaria associado à Umbanda esotérica corrente esta defendida por Rubens Saraceni. Este presente em vários momentos da revista. Com que finalidade ele foi colocado na capa principal da Revista Espiritual de Umbanda Collection?

Cristiane Barros (2006) analisa as narrativas míticas nas religiões afro-brasileiras relacionadas à origem da vida e dos homens e suas relações com os deuses. “O ser humano é entendido em sua multiplicidade, contradição e transformação, em que “os orixás e seus mitos são a expressão dos conflitos nos quais os homens se debatem. Eles amam e odeiam, eles transgridem” (BARROS, 2006, p. 100). No Candomblé as mulheres de todas as classes sociais tem mais possibilidade de competir com os homens e exercer postos de liderança.

Na Umbanda a imagem dos femininos vem passando por transformações no decorrer do tempo. Desta forma, “quanto mais à umbanda se afasta da influência do candomblé, mais se transforma a participação do elemento feminino em seu culto” (BARROS, 2006, p. 100). Devido à influência do cristianismo notadamente machista e conservador “os traços de sexualidade feminina de suas entidades desaparecem, ressaltando-se particularmente a função de maternidade da mulher” (BARROS, 2006, p. 100). A partir dessas considerações sobre as entidades umbandistas percebe-se que ocorreu um processo de subordinação do feminino ao masculino. Relações essas presentes na Revista Espiritual de Umbanda. Ou seja, a mulher na revista é representada como dócil, submissa e obediente ao homem e as entidades, geralmente masculinas.

Patrícia Birman (1995) analisa a divisão sexual do trabalho nos terreiros umbandistas onde persiste a ideia de que o homem deve ocupar o espaço público e a mulher o privado. São elas as responsáveis por organizar os terreiros. Os Pais de Santo:

guardam em relação a ele uma certa exterioridade, pertinente, aliás, à complementaridade que o seu papel de pai exige no interior da família [...] mas não vão, eles próprios, realizar atividades domésticas – estas, bem como o ethos da obrigação e trabalho, cabem às mulheres (BIRMAN, 1995, p. 173).

Enfim, a Umbanda permite a mulher ocupar um espaço maior de atuação, porém ainda há em sua ritualística as contradições presentes na sociedade moderna que continua patriarcal e machista. São as médiuns femininas que “ouvem, entendem, aconselham e orientam os adeptos no culto, o poder da palavra, a

consulta dos fiéis” (BARROS, 1995, p. 103). Não estando desta forma subordinadas aos homens como em outras religiões.

Para Teresinha Bernardo (2005) o Candomblé foi fundado por mulheres, seja na Bahia ou Maranhão, os primeiros terreiros possuem nas suas origens o feminino; Maria Jesuína, Josefa e Joana, oriundas de Abeokuta, fundaram a Casa de Nagô (BERNARDO, 2005, p. 18).

A imagem anterior remete ao sincretismo religioso e as heranças do Candomblé na Umbanda. Em ambas as religiões há a participação feminina nas suas chefias, porém o que se percebe nesta revista, é uma tendência ao silenciamento das mulheres no que se refere à escrita desta religião. Desta forma percebe-se as relações de poder, dominação e resistência no que tange as relações de gênero presentes na revista.

Para Moscovici (1978) a função da representação social “é a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre os indivíduos”, ou seja, a revista assim como toda publicação possui uma finalidade e neste caso esta finalidade está ligada à construção de uma imagem da religião a ser seguida com seus rituais e características. Assim como também a negação de alguns rituais praticados por outros segmentos da Umbanda.

Ainda de acordo com Moscovici (1978) “as representações sociais são constructos cognitivos compartilhados na interação social cotidiana que fornecem aos indivíduos um entendimento de sentido comum” (MOSCOVICI, 1978, p. 51). Portanto, a Revista Espiritual de Umbanda permite analisar as construções de representações sociais de gênero.

Conforme Cristiane Amaral de Barros (2006) as disputas de poder entre masculino e feminino estão presentes no percurso histórico do ser humano e estão longe de acabar.

No Ocidente a Igreja Católica moldou a forma de pensar as relações entre homens e mulheres. Colocando sempre a figura feminina como passiva, submissa e mãe protetora. “Raramente se falou da mulher-sujeito de direitos, da mulher brava e corajosa; da mulher-irmã de sonhos e ideais, atuante na construção da realidade cotidiana do curso da história” (BARROS, 2006, p. 76). Deus é masculino, desta forma, historicamente, o macho se impôs e narrou seus feitos (BARROS, 2006, p. 77). E a Umbanda será fortemente influenciada por essas características cristãs, como mostram as imagens das capas destas revistas. A próxima capa a ser

analisada é a da Revista Espiritual de Umbanda nº 1 que traz Iemanjá como destaque.

Figura 2 - Capa Revista Espiritual de Umbanda nº 1



FONTE: Revista Espiritual de Umbanda nº 1, 2003.

A capa da Revista Espiritual de Umbanda nº 1 tem Iemanjá como destaque; a imagem de Mãe Nancy no canto superior e Zélio Fernandino de Moraes aparece como o fundador oficial da Umbanda.

Na revista percebe-se o destaque dado a Iemanjá, que é um orixá proveniente do Candomblé. Porém Iemanjá é sempre representada na revista sem as características negras, ou seja, é sempre branca. Cristiane Amaral de Barros (2006) em sua dissertação “Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na Umbanda” aborda as contradições presentes nesta religião. Hora assumindo

características afro-brasileiras e em outros momentos estabelecendo o seu branqueamento (BARROS, 2006, p. 20).

O primeiro ponto a ser destacado é a cor branca de Iemanjá visto que é uma divindade de origem africana. Para a pesquisadora Thábata Castro Roberto (2019) Iemanjá é representada como uma mulher branca devido ao processo de embranquecimento ocorrido de modo a apagar suas origens africanas (ROBERTO, 2019, p. 23).

Para Helena Theodoro Lopes, a imagem de Iemanjá branca remete às raízes do processo de colonização do Brasil, que colocou o branco como superior aos indígenas e africanos. "Houve uma demonização das religiões negras e indígenas a partir do que a Europa situou como sendo civilizado, humano. Nesse contexto, o humano é europeu, branco de olho azul" (LOPES, 2020, p. 14).

Para Cristiane Amaral de Barros (2006) com estas transformações "Iemanjá perdeu um pouco de sua essência de mulher sexualmente ativa e guerreira para ganhar em proporção materna e dócil" (BARROS, 2006, p. 107). Esta uma característica da moral Cristã. "A imagem de sereia a remete à sua condição de mulher sexuada, feminina" (BARROS, 2006, p. 107) atributos africanos. "A moça branca de longos cabelos pretos e vestido azul a remete à sua condição de Mãe, materna e pura. Mas ambas são Iemanjá" (BARROS, 2006, p. 107). Desta forma a influência do cristianismo com o ideal de mulher santa acabou influenciando nas representações de Iemanjá aqui no Brasil.

A representação de Iemanjá branca possui uma finalidade que neste caso é valorizar a característica branca e europeia em detrimento da negra e africana. Nas palavras de Moscovici (2003) "as mudanças dos interesses humanos podem gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações" (MOSCOVICI, 2003, p. 22).

Na Umbanda, Iemanjá é um grande exemplo de mulher e mãe "reina soberana por sobre as águas do mar e das cabeças de seus filhos (BARROS, 2006, p. 39.). Orixá sereia, virgem e branca. Para o Candomblé, Iemanjá é a Grande Mãe e Senhora das origens (BARROS, 2006, p. 39).

Portanto, Iemanjá possui várias imagens do feminino, sejam elas Mãe, mulher, amante, guerreira. Mas a Umbanda destaca o lado feminino e materno desse orixá.

A capa da nº 7, da Revista Espiritual de Umbanda, permite perceber os vínculos com o cristianismo e é constituída por imagens de figuras masculinas.

Figura 3 - Revista Espiritual de Umbanda nº 7



Fonte: da Revista Espiritual de Umbanda nº 7, 2004.

A capa nº 7 traz como destaque o médium, umbandista e escritor Norberto Peixoto, que psicografou cinco livros do Mestre Ramatis<sup>11</sup>, que viveu na Indochina no século X. Logo atrás de Norberto Peixoto encontra-se a imagem de Jesus com a intenção de destacar o sincretismo Cristão presente na Umbanda. E ao lado a imagem do umbandista e advogado Antônio Basílio Filho que é diretor jurídico do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo que trabalha em prol das questões jurídicas relacionadas à Umbanda.

Ainda em letras vermelhas e grandes aparece a frase “No sincretismo, São Roque, Omulu, o orixá da cura”, e no canto superior está em destaque título do

<sup>11</sup>Mestre Ramatis viveu na Indochina, no século X, e foi instrutor em um santuário iniciático da Índia. Era de inteligência fulgurante e desencarnou bastante moço (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA. Nº 7).

livro: “O Archeômetro – Chave de todas as Religiões e de todas as Ciências da Antiguidade” de Saint-Yves D’ Alveydre, com tradução de Pier Campadello.

Esta é uma capa totalmente masculina com destaque para Norberto Peixoto, que psicografou Ramatis. Jesus Cristo que na Umbanda é sincretizado com Oxalá. Dr. Basílio que defende as causas umbandistas, inclusive com processos contra discriminação e perseguição religiosa. No sincretismo São Roque que é sincretizado com Omulu que é o orixá da cura. E a capa do livro de Saint-Yves D’ Alveydre.

André de Oliveira Pinheiro (2009) refere-se à construção da identidade social como forma de legitimação e afirmação da Umbanda através das publicações realizadas (PINHEIRO, 2009, p. 21). E analisando as capas percebe-se essa intenção, ou seja, mostrar um segmento ou linha da religião que se pretende estabelecer como correta. Para tanto, através das capas percebe-se o sincretismo religioso com o Candomblé, com a Igreja Católica através de Jesus Cristo e a influência africana com os orixás.

Em relação à participação feminina percebe-se que as mulheres participam dos rituais, porém a escrita Umbandista é realizada pelos homens.

Maria José Rosado Nunes (2005) em seu artigo Gênero e Religião aborda a questão do predomínio masculino no que se refere às lideranças religiosas. Segundo a autora “as religiões são um campo de investimento masculino por excelência” (NUNES, 2005, p. 1). Os homens dominaram e dominam as normas, regras e doutrinas. Por outro lado, percebe-se a participação feminina na prática religiosa, nos rituais, na transmissão do conhecimento religioso (NUNES, 2005, p.1). Percebe-se que na Umbanda processa-se da mesma forma, ou seja, a mulher “continua ausente dos espaços definidores das crenças e das políticas organizacionais das instituições religiosas” (NUNES, 2005, p.1).

A Capa da Revista Espiritual de Umbanda nº 5 traz como destaque a imagem de Jesus Cristo com a seguinte frase: “Culto Umbanda com Jesus e logo abaixo contém pôster de Oxalá”.

Figura 4 - Capa Revista Espiritual de Umbanda nº 5



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda nº 5, 2003.

Entre os temas da edição estão: Faculdade de Teologia Umbandista com seus cursos, metodologia e objetivos. A história do povo cigano, suas origens, religião e Umbanda. A Kimbanda na visão dos escritores Decelso, W.W. da Matta e Silva, Aluizio Fontenelli e Osvaldo Omotobatalá. E o ritual do Amaci na Tenda Nossa Senhora da Piedade.

A partir desta capa percebe-se a ausência das mulheres nas definições das crenças e políticas que organizam a Umbanda. Aí entra a problemática da construção social da religião envolvendo gênero, raça e classe (NUNES, 2005, p. 2). Ou seja, Jesus é representado como um homem branco, não há a participação feminina e a Kimbanda é apresentada na visão de autores masculinos. Enfim, gênero e religião se entrecruzam (NUNES, 2005, p. 2).

Cristiane Amaral de Barros (2006) afirma que “na sociedade ocidental, a sexualidade feminina e masculina relaciona-se a padrões de comportamento que servem para dominar ou manter a dominação” (BARROS, 2006, p. 78). Assim sendo, o comportamento masculino e feminino é moldado conforme os interesses e padrões de determinado grupo para manter a dominação e subordinação de uns sobre outros; de homens sobre mulheres. “O ser masculino ou feminino, mais que um atributo biológico, refere-se a padrões de comportamento determinados social e culturalmente, e em determinado período histórico” (BARROS, 2006, p. 78). Comportamentos esses que são moldados de acordo com a cultura e o momento histórico. A Umbanda não seria de forma diferente, pois sofreu e sofre influência de vários grupos e religiões e acabou assimilando características de outras religiões e grupos culturais. Sobretudo, do Cristianismo, onde a mulher é representada como dócil, serena e submissa.

A capa da Revista Espiritual de Umbanda nº 8 traz como destaque lemanjá e mais algumas reportagens. São elas: ervas; Mãe Zilmeia festeja 96 anos de Umbanda; 17ª Festa para Exu Tiriri; Chacras e orixás; Ogum Guerreiro; ciganos na Umbanda; entrevistas com Pai Ronaldo Linares, Pai Varela, Robson Pinheiro e Severino Sena. Os Templos Ogum Beira Mar e Martim Pescador. A imagem de Rubens Saraceni com a frase: Rubens Saraceni e dois mil médiuns festejam lemanjá. E Obsessão.

Figura 5 - Revista Espiritual de Umbanda nº 8



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda nº 8, 2005.

Nesta capa percebe-se o sincretismo religioso presente na revista e na Umbanda. Porém esse sincretismo foi remodelando-se de acordo com os interesses de uma moral cristã e conservadora. Para Leda Maria Perillo Seixas Iemanjá “aparece como a mãe do crucificado, que intercede por seus filhos, sendo ao mesmo tempo a sereia dos indígenas e a rainha do mar” (SEIXAS, 2018, p. 118).

Iemanjá é a única personagem feminina da capa, pois como já foi dito anteriormente, a Umbanda, a partir do momento que distancia-se do Candomblé vai deixando de lado as suas características negras e africanas para projetar um modelo branco e Cristão, no qual a mulher é representada como dócil, submissa e responsável pela procriação.

Exu também é representado com características brancas mesmo sendo um Orixá originalmente africano. Para José Augusto dos Reis Neto (2019) “Exu é o orixá mensageiro do panteão iorubá” (REIS NETO, 2019, p. 8). Reverenciado no

Candomblé e na Umbanda “é o princípio dinamizador da vida, das existências, portanto aquele que liga o *ayê* (a terra) ao *orun* (“céu”), nosso plano com o plano dos orixás e de nossos ancestrais” (REIS NETO, 2019, p. 8).

Enfim, a capa representa o sincretismo religioso das religiões afro-brasileiras e a síntese do que ocorreu nesse processo de misturas entre Umbanda, Candomblé, Cristianismo e kardecismo.

De acordo com Cristiane Amaral de Barros (2006) a Umbanda utiliza sete linhas, que “são comandadas, cada uma, por um orixá específico, sob cujo comando encontram-se as entidades relacionadas a essa vibração, agrupadas em diferentes falanges” (BARROS, 2006, p. 18). Estas linhas correspondem a faixas vibratórias e a elementos da natureza e “é simbolizada por um orixá específico, que exerce a função de chefia dos espíritos que atuam nessa faixa vibratória” (BARROS, 2006, p. 18). No entanto, cada terreiro utiliza essas falanges de forma específica, de acordo com suas crenças e interesses. As sete linhas principais e suas falanges são as seguintes:

- 1- Linha de Oxalá: ou linha dos santos;
- 2- Linha de Iemanjá: linha do povo d’água;
- 3- Linha do Oriente: linha do povo do oriente;
- 4- Linha de Oxossi: linha do povo das matas – os caboclos;
- 5- Linha de Xangô: linha à qual pertencem outras falanges de caboclos;
- 6- Linha de Ogum: linha à qual pertencem outras falanges de caboclos;
- 7- Linha africana: linha dos pretos-velhos (BARROS, 2006, p. 18).

Essas são as linhas mais disseminadas nesta religião e que não tiveram tanta influência esotérica ou cabalística. Na modalidade da Umbanda esotérica as linhas são as seguintes:

- 1- Linha de Oxalá: formada por caboclos;
- 2- Linha de Iemanjá: formada pelos caboclos das águas;
- 3- Linha de Yori: formada por espíritos de crianças – os erês;
- 4- Linha de Xangô: formada por outra modalidade de caboclos;
- 5- Linha de Ogum: formada por outra modalidade de caboclos;
- 6- Linha de Oxossi: formada por outra modalidade de caboclos;
- 7- Linha de Yorimá: formada pelos pretos-velhos (BARROS, 2006, p. 19).

Outra linha mais recentemente incorporada à Umbanda:

- 1- Linha de Iansã: dos ventos e raios;
- 2- Linha de Ibeji: das crianças;
- 3- Linha de Iemanjá: das águas salgadas;
- 4- Linha de Oxossi: das matas;
- 5- Linha de Ogum: da força e do domínio sobre o ferro;
- 6- Linha de Xangô: da força dos raios e da justiça;
- 8- Linha de Nanã: a sabedoria dos ancestrais e vibração da lama, o elemento primordial (BARROS, 2006, p. 21).

Além das entidades citadas acima, existem os Exus e Pombagiras que são “menos “evoluídos” e bem mais próximos das vibrações e paixões terrenas (BARROS, 2006). Ainda de acordo com Cristiane Barros (2006, p. 21):

Exu (originariamente, um orixá mensageiro dos deuses africanos) representa o estereótipo católico associado ao diabo, à morte e à extrema sexualidade. Pombagira seria sua imagem feminina – em princípio, a prostituta, a “mulher da vida” – que “baixa” nos terreiros geralmente para atender pedidos relacionados a problemas amorosos, sexuais ou financeiros e, às vezes, também ligados à saúde física.

A Umbanda esotérica é a maneira que alguns umbandistas encontraram para distanciarem-se de uma religião com características africanas. Desta forma a Revista Espiritual de Umbanda segue uma “perspectiva que propõe uma umbanda branca, de origens milenares e mais digna, escamoteando-se, ou desvinculando-se de seu passado, raiz e tradição negra e africana no culto” (BARROS, 2006, p. 19-20). E nesta forma de Umbanda como são expressas as relações de poder e hierarquia entre homens e mulheres?

As capas das revistas analisadas revelam relações de poder nesse grupo de umbandistas. Segundo as representações da revista, o poder pertence aos homens brancos e em segundo lugar as mulheres brancas. Portanto, as capas legitimam relações de poder e negam as heranças africanas. Como “a Umbanda busca reinterpretar a tradição afro-brasileira, a partir de categorias morais como bem e mal, certo e errado, presentes na sociedade ocidental” (BARROS, 2006, p. 23); as representações das mulheres e orixás são realizadas na revista a partir dessas concepções. Consequentemente, “os orixás da umbanda são entidades brancas, enquanto Exu é a única divindade que conserva ainda traços de seu passado negro – sugestivamente ele se associa ao reino das trevas” (BARROS, 2006, p. 23).

### 2.3 O(S) FEMININO(S) NA REVISTA

A Revista Espiritual de Umbanda, assim como tudo o que é publicado possui uma intenção e uma linha editorial. Revela-se nas publicações a diversidade presente na religião, porém percebe-se claramente a qual linha a revista pertence.

As matérias presentes na revista abordam diversos temas desde entrevistas com líderes espirituais, festas como a de Iemanjá, a primeira manifestação de Umbanda atribuída a Zélio Fernandino de Moraes até a Quimbanda e a tradição cigana.

As imagens também têm o propósito de legitimar e esclarecer o leitor sobre as características e rituais religiosos praticados nos terreiros de Umbanda. Mas o foco neste trabalho é sobre a representação do feminino na revista. Ou seja, como as mulheres são representadas nos rituais religiosos e na escrita teológica da religião.

Para André de Oliveira Pinheiro (2009) líderes umbandistas como Rubens Saraceni e Dóris Carajilescov Pires se empenharam para legitimar socialmente a religião a partir da publicação de livros que elucidem a religião. A produção escrita como elucidada Michel de Certeau (1994, p. 224), “a prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história”.

Desta forma, a teologia umbandista tem sido elaborada por alguns estudiosos e seguidores desta religião que é relativamente nova. Rubens Saraceni é um escritor umbandista com mais de oitenta livros escritos sobre Umbanda, nestes aborda questões relacionadas aos rituais e características da religião (PINHEIRO, 2009).

Alguns líderes religiosos tais como Victor Rebelo (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, Nº 7), Rubens Saraceni (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, Nº 1) e Ronaldo Linares (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, Nº 1) são apresentados assim como suas trajetórias nesta religião. Apesar da participação feminina nos rituais religiosos a escrita umbandista, divulgada no periódico, é predominantemente masculina.

Percebe-se o silenciamento das mulheres em relação à Teologia, portanto de acordo com Ferrari e Marques (2011, p. 25) “as relações de gênero são

construídas discursivamente”. Desta forma a escrita umbandista expressa uma relação de poder masculina que tem a finalidade de apagar ou silenciar a presença feminina dos assuntos religiosos.

Entende-se desta forma que os silenciamentos das mulheres na revista têm o objetivo de manter a dominação masculina.

E o único livro de autoria feminina presente na Revista Espiritual de Umbanda Collection é de Dóris Carajilescov Pires. A referida autora escreve sobre literatura espírita e pesquisa sobre a Umbanda além de ser dirigente espiritual e vice-presidente da casa Fraternidade Espírita Guardiões da Luz. Escreveu os livros Instruções Básicas para um Doutrinador e Umbanda para Crianças e Iniciantes. Estes livros têm a finalidade de evangelizar as crianças na doutrina umbandista.

Apesar do esforço dos autores umbandistas para legitimar a Umbanda através da escrita, continua existindo a produção livre da religião em meio ao cotidiano, diferenciando-se da literatura e da teologia escritas. Isaia (1999, p. 115) salienta que:

Os significados sociais não são impostos unilateralmente, mas subordinados a um jogo relacional, em que a realidade vivida impõe-se e anula o desejo meramente arbitrário de nomear a realidade. Sendo assim, podemos compreender tanto o sucesso desses intelectuais em aproximar a Umbanda dos significados socialmente dominantes como seu insucesso em impor suas exegeses e codificações às bases umbandistas (ISAIA, 1999, p. 115).

Além dos livros escritos sobre a Umbanda deve-se levar em conta também a imprensa umbandista que exerce um papel de suma importância para a divulgação da religião. Cristiana Tramonte (2001, p. 182) afirma:

O surgimento da imprensa do povo de santo representa um marco na história deste e a possibilidade de registrar em detalhes as discussões, embates, eventos e toda sorte de informações a respeito dos adeptos das religiões afro-brasileiras em Santa Catarina.

As imagens das festas divulgam a religião e encantam o leitor pela diversidade da ritualística religiosa. De acordo com Peter Burke (2004) a fotografia tornou-se um instrumento importante para registrar os acontecimentos, “mas o problema para os historiadores é saber se, e até que ponto, pode-se confiar nessas imagens” (BURKE, 2004, p. 25). É necessário que essas imagens sejam contextualizadas, o que não é uma tarefa fácil uma vez que o fotógrafo possui uma intenção, que muitas vezes não são conhecidas. E em outras situações o fotógrafo

está a serviço de instituições que possuem objetivos específicos através desses retratos.

Para Burke (2004, p. 232) “as imagens têm algo a acrescentar. Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam”. Porém precisam ser muito bem analisadas e interpretadas uma vez que foram fruto da visão e ponto de vista do fotógrafo, portanto, passíveis de muitas interpretações. “O historiador necessita ler as entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos, incluindo ausências significativas” (BURKE, 2004, p. 238).

Essas imagens que são parte de várias matérias, entre elas a Festa à Iemanjá (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA, Nº 1) e Festa do Bonfim (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº1). Observando a ilustração da Festa de Iemanjá permite uma leitura da relação entre o feminino e o masculino. Iemanjá é representada como a “Virgem Maria, despojando-se de seus seios desnudos e grande sexualidade” (BARROS, 2006, p. 101). Encontra-se amparada por um homem para indicar a sua dependência masculina.

Originalmente “Iemanjá era representada por esculturas de uma mulher “larga”, de fartos seios desnudos apoiados nas mãos” (BARROS, 2006, p. 121). No Brasil transformou-se na grande Mãe com a valorização da fecundidade para a manutenção da vida. Venerada em todo o Brasil,

representa o poder de gerar vida, de dar ou tirar vida e sanidade (é a Senhora das cabeças); a grande geratriz, que é também a grande amante; mãe e amante; mãe devoradora que tudo engole em seus oceanos profundos; mãe fecunda e doce; mãe severa e ambígua que auxilia, cuida, nutre, mas que também se revolta e se vinga, pune e aniquila (BARROS, 2006, p. 123).

Leda Maria Perillo Seixas em seu artigo Maria e Iemanjá: duas faces um arquétipo analisa o sincretismo entre as figuras de Maria e Iemanjá na tentativa de entender como duas personagens com características completamente diferentes podem ser consideradas correspondentes.

De acordo com Seixas (2018) Iemanjá é uma divindade Iorubá que veio para o Brasil juntamente com os negros escravizados e na visão de VERGER (2000, p. 293) é o mais poderoso dos orixás, porque preside as águas e nada se pode fazer sem as águas. De acordo com Iwashita (1991, p. 44), Iemanjá quer dizer “mãe dos peixes contidos em suas entranhas de água”. Deste modo é a grande mãe que traz a vida.

No Brasil ocorreu o sincretismo entre as figuras de Iemanjá e Maria. Seixas (2018, p. 117) coloca Iemanjá como “uma força que vive no fundo de todas as pessoas e que ajuda a encontrar caminhos”.

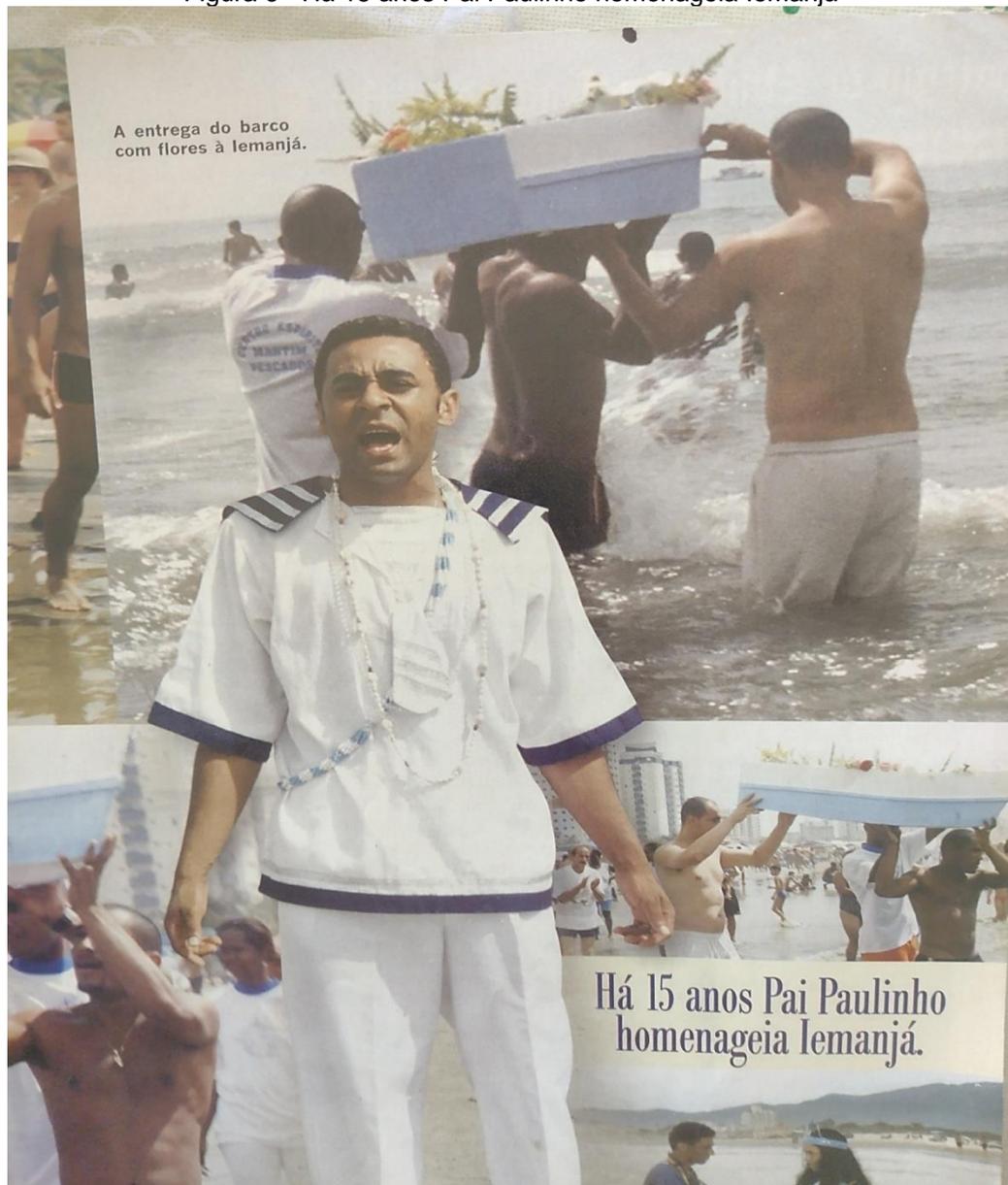
Ainda de acordo com Seixas (2018) “Maria não é vaidosa, altiva ou irascível; antes se revela como misericordiosa, maternal e capaz de um amor e doação infinitos” (SEIXAS, 2018, p.120). Enfim, um exemplo de mulher a ser seguido.

Em resumo, as características de Iemanjá da África para o Brasil passaram por algumas transformações e adaptações. Primeiro no Candomblé e depois na Umbanda. Na África, de acordo com Barros (2006) “divindade tribal cultuada à beira do rio Ogum, negra, de fartos seios desnudos, representante do poder feminino” (BARROS, 2006, p. 39).

Aqui no Brasil, representa a grande Mãe e sereia que deixou um rio para reinar sobre todos os oceanos. “Perdeu as características de guerreira e mulher destemida, amante ardorosa e apaixonada, para transmutar-se em ideal de grande e fecunda Mãe” (BARROS, 2006, p. 39).

Abaixo está a representação da Festa de Iemanjá com a entrega do barco com flores ao Orixá mais cultuado do Brasil:

Figura 6 - Há 15 anos Pai Paulinho homenageia Iemanjá



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda nº Collection (2003 – 2008).

Na figura nº 6 há 15 anos Pai Paulinho homenageia Iemanjá, Pai Paulinho está em destaque e está vestido como marinheiro. Esta representação possui uma finalidade. Que finalidade seria essa? Qual a importância dos marinheiros para a Umbanda? O homem em destaque é Pai Paulinho que é um médium umbandista. Atrás dele estão três homens negros, que devem representar os caboclos da Umbanda carregando as homenagens ao Orixá mais conhecido do Brasil. O que podemos perceber sobre as relações de poder e hierarquia presentes nessa imagem?

Os marinheiros fazem parte de uma linha da Umbanda e estão associados aos marujos. Trabalham na linha das águas, de Iemanjá. Na imagem há a

predominância do masculino assim como em toda revista, desta forma os rituais de lemanjá são realizados como forma também de proteção aos marinheiros que saem pelo mar e encontram muitas dificuldades.

Figura 7 - Entrega do barco à lemanjá



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda nº Collection nº 1, 2003.

A outra imagem da festa de lemanjá representa a entrega do barco com flores a esta entidade. O barco é carregado por duas mulheres que representam dois orixás: lemanjá, vestindo roupas cor azul, e Oxum, vestindo roupas cor amarela. O homem em destaque é Pai Paulinho que é um médium umbandista. As cores representam uma simbologia de acordo com cada orixá conforme a tabela abaixo:

QUADRO 1 – ORIXÁ, SUA COR, CAMPO DE ATUAÇÃO E SINCRETISMO

<b>ORIXÁ</b>	<b>COR</b>	<b>LOCAL DE ATUAÇÃO</b>	<b>SINCRETISMO</b>
Oxalá	Branco	Irradiador da fé e religiosidade	Jesus Cristo
Iemanjá	Azul	Mar	Nossa Senhora
Oxóssi	Verde	Matas/florestas	São Sebastião
Oxum	Amarelo	Rios/cachoeiras	Nossa Senhora da Conceição
Xangô	Marrom	Pedreiras	São Jerônimo/São Pedro
Ogum	Vermelho	Campinas/estradas	São Jorge
Iansã	Laranjado	Ventos/tempestades	Santa Bárbara

FONTE: “Avante, filhos de fé” – Umbanda e suas práticas ritualísticas. Adriana Cristina Zielinski do Nascimento (2020).

Para Michel Foucault (2006) todas as questões políticas, religiosas e culturais estão relacionadas às concepções de poder. Neste caso, a representação da festa à Iemanjá está demonstrando este poder masculino frente às tradições religiosas. Como dito anteriormente que as religiões são um campo predominantemente masculino. Ou seja, foram organizadas e comandadas pelos homens.

Nesta revista analisada não podia ser diferente, pois apesar das conquistas femininas no campo religioso, ainda persiste o domínio masculino em suas representações. No caso da Imagem, Pai Paulinho que é um dirigente espiritual da Umbanda aparece em destaque enquanto os outros, no fundo, estão levando as oferendas a Iemanjá. A revista tem neste caso a intenção de divulgar este Pai de Santo, assim como divulga outros homens umbandistas e seus posicionamentos religiosos.

Nas figuras 8 e 9 aparecem imagens de santos<sup>12</sup> e orixás<sup>13</sup>, templos e pessoas que seriam médiuns incorporados conforme as imagens abaixo. Na figura 8 aparece uma mulher incorporada e na figura 9 um altar com imagens de santos e orixás, porém a frente do altar está um homem. Percebe-se o sincretismo religioso e os orixás como herança do Candomblé.

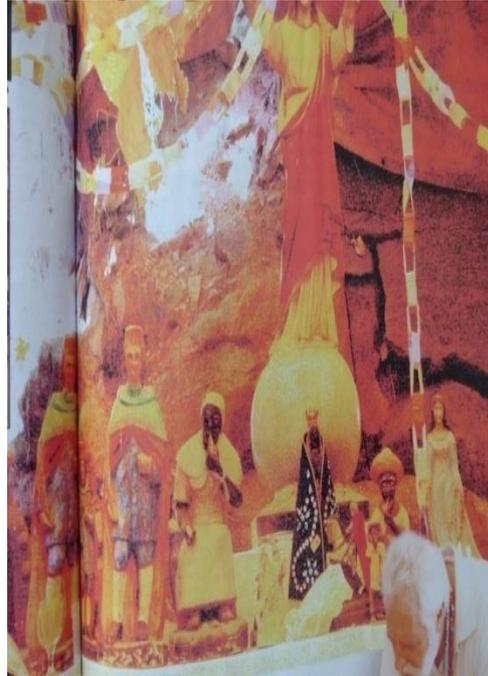
<sup>12</sup> Santos: Foram pessoas especiais e que tiveram uma proximidade com Deus.

<sup>13</sup> Orixás: são divindades da mitologia africana iorubá que vieram para o Brasil com os negros escravizados e foram sincretizados com os santos da Igreja Católica, primeiro com o Candomblé e depois com a Umbanda. (BARROS, 2006, p. 17).

Figura 8 - Médium incorporada



Figura 9 - Santos e Orixás



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection (2003 – 2008).

No artigo *Incorporação: quando o corpo é o templo* (2019) das autoras Gisele Cristina Laranjeira, Ana Maria Galvão Rios analisa-se o fenômeno da incorporação. Para as referidas autoras a incorporação é um fenômeno que ocorre em várias religiões e no espiritismo é uma forma de conectar o mundo material e espiritual (LARANJEIRA E RIOS, 2019).

Para as autoras citadas acima o Candomblé e a Umbanda têm como crença de que o espírito é imortal e está evoluindo constantemente através das reencarnações. E sendo o corpo a morada do espírito “é considerado, por si só, um veículo de manifestação divina” (LARANJEIRA E RIOS, 2019), p. 111). Daí a importância da incorporação nas giras umbandistas. Na figura 8 aparece uma mulher num momento de incorporação simbolizando a participação feminina nesses rituais.

A próxima imagem representa Mãe Nanci num momento de incorporação de suas entidades.

Figura 10 - Mãe Nancy



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 1, 2003.

Nesta imagem presente na Revista Espiritual de Umbanda Collection mostra Mãe Nanci num momento de incorporação de suas entidades. Verifica-se juntamente com Mãe Nanci a presença de mulheres e homens durante o ritual religioso. Percebe-se que as mulheres aparecem como destaque, mas estão praticando um ritual religioso, o que segundo (NUNES, 2005, p.1) é uma prática comum a praticamente todas as religiões. Ou seja, participam de muitas atividades em seus cultos, mas não são as responsáveis por organizar a doutrina, normas e regras.

As Mães de Santo são as figuras essenciais dentro de um terreiro. Possuem autoridade e responsabilidade para cuidar e orientar seus filhos. São as mães ou pais de santo que definem o calendário e a ordem das giras, assim como dar assistência espiritual aos necessitados. Na revista aparecem duas mães de santo como destaque. São elas Mãe Maria Aparecida e Mãe Nancy, ambas são brancas.

Também a Revista Espiritual de Umbanda mostra alguns templos, que podem receber denominações como centros, terreiros, casas e tendas, entre outras. Para Kaitel e Santos (2017) são utilizadas diferentes tipologias para denominar seus locais religiosos. Isto ocorre porque a Umbanda não possui uma teologia que unifique a religião, desta forma seus rituais e crenças apresentam-se diferenciados de acordo com a linha de Umbanda seguida (KAITEL E SANTOS, 2017, p. 60).

A próxima imagem a ser analisada é a figura 11 – com destaque para o médium que está em pé e falando para os demais ouvintes.

Figura 11 - Médium



FONTE: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 1, 2003.

Nesta imagem “persiste o ranço patriarcal e o macho da espécie ainda dita, embora de forma não tão incisiva, suas regras (BARROS, 2006, p. 93). O homem em destaque é um dirigente espiritual que está em pé e falando de forma superior às mulheres que estão em segundo plano. Olham para baixo de forma submissa e respeitosa àquilo que estão ouvindo e enquanto o homem fala ficam caladas. Há uma cruz com a imagem do Cristo crucificado ao fundo. “A sociedade ainda permanece com forte predomínio dos valores, conceitos e condutas tradicionais machistas” (BARROS, 2006, p. 93). A mulher realizou muitas conquistas e “galgou um patamar social radicalmente superior àqueles antes assumidos em sua história de dominação, discriminação e submissão ao homem nas sociedades tradicionalmente patriarcais” (BARROS, 2006, p. 93) mas ainda perdura uma sociedade conservadora e patriarcal. Mesmo tendo mais liberdade ainda precisa de muito esforço para ocupar um espaço nos mais diversos setores da sociedade, inclusive na Umbanda. Na fotografia o homem está exercendo a liderança em um espaço religioso e as mulheres estão passivas e de forma submissa.

Neste caso, a Revista Espiritual de Umbanda, possui a finalidade de representar uma forma de religião condizente com seus valores. E neste caso, que papel cabe a mulher, sobretudo a negra?

As mulheres de modo geral foram silenciadas nesta revista. Ou seja, os homens são colocados como destaque, inclusive nas giras umbandistas.

A revista conta também com colaboradores que psicografaram<sup>14</sup> textos, como por exemplo, Adilson Godoy, Espírito Pedro Miguel, um espírito amigo, manifestado dentro da falange Espírita “Irmão X”. Considerando que um texto psicografado é aquele que é escrito sob a influência de um espírito desencarnado. E desta forma torna-se uma importante forma de comunicação, no espaço de poder na Umbanda. Ao focar nas psicografias redigidas por médiuns homens e mensagens de espíritos de homens, a revista define que o espaço da comunicação com o mundo espiritual é um espaço de poder dominado por homens. Visto que não há nenhum texto psicografado por mulheres. Há um silenciamento sobre a presença de irmãos e mulheres. Ao que parece a evolução, apresentada na psicografia é destinada aos

---

<sup>14</sup>Psicografia: forma de mediunidade que permite ao médium receber e grafar mensagens de forma mecânica, ou seja, em muitas situações não sabe o que está escrevendo. Além da psicografia existem outros tipos de mediunidade.

homens. Além da psicografia há outras formas de mediunidade. São elas: auditiva<sup>15</sup>, desdobramento<sup>16</sup>, efeito físico<sup>17</sup>, vidência<sup>18</sup>, transporte<sup>19</sup>, intuitiva<sup>20</sup>, incorporação<sup>21</sup> e clarividência<sup>22</sup>.

De acordo com Jane Soares de Almeida (2011) o gênero procura dar significado às relações de poder (ALMEIDA, 2011, p. 169). Desta forma, as religiões foram construídas para manter a dominação masculina. E é o que se verifica na Revista Espiritual de Umbanda onde as mulheres são silenciadas.

Alexandre Cumino, editor do Jornal Umbanda Sagrada<sup>23</sup>, também publica textos na Revista Espiritual de Umbanda. Rubens Saraceni está presente em reportagens na revista que explicam as características da Umbanda e também em propagandas de seus livros. Robson Pinheiro, que é um autor espiritualista também aparece com textos sobre a Umbanda e Espiritismo. Desta forma percebe-se que os livros e as reportagens sobre a Umbanda são atribuídos aos homens e as mulheres raramente aparecem.

Desta forma, na Umbanda assim como nas outras religiões ficam evidentes as relações de poder entre homens e mulheres. “É no sexo, força motriz da raça humana, que se ancoram e edificam as relações de desigualdade” (ALMEIDA, 2011, p. 179).

Verifica-se que as mulheres são a maioria nos cultos religiosos de todas as religiões, porém, a elas não é dado o papel de liderança e chefia (SEGATO, 2000, p. 88). Mas “as mulheres oferecem a organização e apresentam a respeitabilidade necessária nos templos”, Birman (1995).

---

<sup>15</sup> Auditiva: quando o médium consegue ouvir o que dizem os espíritos de forma oral. Esta forma é apenas sentida e não registrada pela audição.

<sup>16</sup> Desdobramento: é quando o médium consegue afastar-se do seu corpo físico, deslocando-se no tempo e no espaço. Nesta forma de mediunidade o corpo permanece em repouso.

<sup>17</sup> Efeito físico: é quando na presença do médium são provocados efeitos sonoros em objetos.

<sup>18</sup> Vidência: é a possibilidade que alguns médiuns possuem de ver entidades espirituais que já existiram fisicamente entre nós.

<sup>19</sup> Transporte: quando o médium consegue incorporar uma entidade espiritual que não se serve de seu corpo físico. Esta forma de mediunidade é utilizada nos trabalhos de desobsessão.

<sup>20</sup> Intuitiva: é também chamada de premunção, ou seja, quando o médium sente a presença de entidades e realiza aquilo que esta entidade faria.

<sup>21</sup> Incorporação: quando o médium cede ou empresta seu corpo físico para um espírito para que possa por meio deste manifestar-se e comunicar-se pelo transe mediúnico. Esta é a forma mais praticada na Umbanda.

<sup>22</sup> Clarividência: permite ao médium visualizar fatos passados ou futuros. Esta é a forma menos utilizada na Umbanda.

<sup>23</sup> O Jornal de Umbanda, um periódico mensal, foi criado em 1949 pela Federação Espírita de Umbanda, fundada em 1939 sob a orientação direta do Caboclo das Sete Encruzilhadas e seu objetivo era a união das diversas casas de Umbanda no Brasil (CUMINO, 2010).

Na Umbanda a mulher pode exercer a liderança nos rituais religiosos desde que esteja preparada, assim como um homem. Porém, a escrita umbandista presente na Revista Espiritual de Umbanda é toda masculina, observa-se os nomes dos autores das matérias Victor Rebelo, Rubens Saraceni, Marques Rebelo e Ronaldo Linares. Assim como os livros citados na revista que abordam os temas dos rituais sagrados. O único livro de autoria feminina é de Doris C. Pires que aborda temas infantis.

De acordo com Meyer (2004) as relações de gênero não devem ser encaradas como simples dominação, mas de modo que as “diferenças e desigualdades são produzidas, vividas e legitimadas” (MEYER, 2004, p. 12).

Na Umbanda as mulheres podem exercer todas as funções dentro dos espaços religiosos, porém na revista as mulheres são pouco representadas e a teologia umbandista é escrita predominantemente pelos homens.

Observando a estrutura da Umbanda, a qual a Revista está vinculada onde de acordo com essa linha a religião foi fundada no início do século XX por um homem branco e sua escrita é masculina observa-se que os espaços de poder ocupados pelos guias (que são em sua maioria espíritos dos antepassados) e os orixás (que são divindades da mitologia africana iorubá), tendem a ser ocupados por homens, embora existam heranças do culto do Candomblé, a influência do Kardecismo e do Cristianismo. Após a análise da revista percebe-se que o feminino tende a ser silenciado.

Observa-se na psicografia de Adilson Godoy, que o foco da mensagem são os homens, pois o discurso é masculino, pois trechos do texto afirmam que: “(...) Assim como nós temos a obrigação de compreender e perdoar os nossos irmãos, (...) onde a sabedoria espiritual livra o homem da condição de devedor (...)” (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº 5). Há um silenciamento sobre a presença de irmãs e mulheres. Ao que parece a evolução, apresentada na psicografia é destinada aos homens.

Em relação à revista percebe-se que as mulheres participam de todos os tipos de rituais, porém as pessoas de maior destaque são os homens. Os entrevistados geralmente são homens e brancos. A começar pelo fundador do primeiro templo oficial de Umbanda Zélio Fernandino de Moraes. De acordo com André de Oliveira Pinheiro (2009) este aparece nas edições nº1, 3 e 12 como o mito fundador da Umbanda (PINHEIRO, 2009, p. 44 – 45).

A primeira entrevista realizada é de Pai Paulinho, um mentor espiritual do Centro Espírita Martim Pescador. Com texto de Juliana Penha e fotos de Marques Rebelo. Pai Paulinho conta como foi a história de sua mediunidade. E também relata como são iniciados os trabalhos em seu terreiro.

Figura 12 - Pai Paulinho e Mãe Dalva



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 1, 2003.

A partir da observação da imagem acima verifica-se que as relações de poder presentes na revista, pois Pai Paulinho aparece como o dirigente espiritual e

Mãe Dalva como uma das zeladoras. Ou seja, continua existindo a divisão de tarefas baseada no gênero. À mulher cabe a função de limpar e organizar, enquanto ao homem, exercer a liderança. Como dito anteriormente, “as religiões são um campo de investimento masculino por excelência” (NUNES, 2005, p. 1). Desta forma Pai Paulinho é o dirigente espiritual e Mãe Dalva a responsável pela limpeza.

No ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível (2017) de autoria de Deide Fátima da Silva, Maria das Dores Saraiva de Loreto e Amélia Carla Sobrinho Bifano são abordados as condições de trabalho e as lutas das mulheres por mais igualdade e direito. Segundo as autoras, numa sociedade patriarcal as mulheres eram submissas aos homens e suas atividades estavam associadas “à atividade reprodutiva, de cuidados da casa e dos filhos” (SILVA, LORETO E BIFANO, 2017, P.) desta forma persiste a divisão do trabalho baseado no gênero e a mulher passa a ser invisibilizada nesta situação. É o que se verifica nesta imagem de Pai Paulinho e Mãe Dalva, dirigente espiritual e responsável pela limpeza, respectivamente.

Como o trabalho doméstico sempre foi atribuído às mulheres, ainda persiste essa ideia baseada da divisão do trabalho de acordo com o gênero.

Diante das formas de mediunidade e a participação de homens ou mulheres, Ronaldo Linares (2017, p. 130) assim se expressa:

Dentro do terreiro não se consideram homens ou mulheres, existem médiuns, independentemente do sexo de cada um. Todavia a bem da moral e para evitar interpretações maldosas de estranhos, costumamos separar o corpo mediúnico de forma que os homens fiquem à esquerda de quem está de frente para o congá e as mulheres à direita.

O discurso teológico de umbandistas como Ronaldo Linares é de que não há diferenciação entre homens e mulheres em relação ao corpo mediúnico. Mas não é o que expressa à revista onde os espaços de poder são dominados pelos homens brancos e as mulheres, sobretudo as negras, são deixadas em segundo plano.

Outra entrevista analisada é a da Mãe Nanci presente na Revista Espiritual de Umbanda nº 1. Mãe Nanci, que foi entrevistada por Marques Rabelo, ensina seus filhos que a Umbanda tem o compromisso de ajudar o processo de transformação do mundo. Essa religião, que transmitiu a ela conhecimento e sabedoria, através de mensagens transmitidas por seus mentores espirituais, principalmente pelo caboclo Pena Verde, com quem trabalha há muitos anos. Mãe Nanci que saiu do centro por motivos pessoais ficou algum tempo sem ser incorporada por Pena Verde, sendo

que neste período ficou como cambone, isto é, aquele que auxilia os médiuns e as entidades quando em atendimento.

Nesta entrevista percebe-se claramente que as relações de gênero estão perpassadas pelas relações de poder, ou seja, Mãe Nanci é entrevistada por um homem que possui uma intenção ao realizar esta entrevista. Seu mentor espiritual é um homem, o caboclo Pena Verde. E quando ficou como cambone percebe-se a hierarquia presente na religião.

Mãe Nanci explica na entrevista como são realizados os rituais dentro do centro Pena Verde; que desenvolvem um trabalho de cura onde trabalham com os doutores do espaço, com a linhagem dos sete raios e com toda a parte da Umbanda, na linha do Preto-velho, Caboclo, Exu, Pomba-Gira, Criança, Boiadeiro e Cigano.

Há que se destacar que os doutores do espaço são na maioria homens que auxiliam nos trabalhos de cura.

Mãe Nanci fala do trabalho direcionado a linha de cura onde trabalha com o doutor Bezerra de Menezes e com Lerner, que é seu guia de cura e com outras entidades para tratamentos físicos, mentais e emocionais. O trabalho é realizado com a imposição das mãos sobre as pessoas deitadas em uma maca e sem nenhum outro instrumento. Procura-se saber primeiramente o que o paciente foi buscar.

Em relação à Pombagira, este Orixá é percebido em diversos momentos de forma diferenciada; de acordo com os valores presentes no momento. Valores estes que são mutáveis, aceitos ou rejeitados. Ortiz considera que “como a memória coletiva umbandista coincide com os valores dominantes da sociedade brasileira, ela somente conserva os elementos que estão em harmonia com esta mesma sociedade” (ORTIZ, 1991, p. 71)

Pai Paulinho na Revista Espiritual de Umbanda nº 1 fala que:

Os filhos de Umbanda são escolhidos para diversas missões, uns trabalham dando passes, outros na assistência social e espiritual, pois a Umbanda é um caminho a trilhar. As provações são difíceis, muitos não conseguem chegar. Mas, àqueles que chegam até ela, é preciso doar, fazer caridade e amar ao próximo como a si mesmo. (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº 1, 2005).

Cristiane Amaral de Barros (2006) analisa as características de Pombagira que é “Considerada a mais sedutora, exótica e sensual entidade de todo o panteão umbandista” (BARROS, 2006, p. 117). Para a autora, Pombagira é o oposto de Iemanjá, que é considerada o modelo de mulher, ou seja, exemplo de mãe, sereia e santa. Pombagira “sempre esteve relacionada à marginalidade, feitiçaria e prostituição” (BARROS, 2006, p. 117).

Desta forma, Pombagira é uma entidade bastante debatida pelos pesquisadores e também difamada por muitas pessoas. “Seu simbolismo de mulher-Exu, mulher perigosa, mulher das trevas, das ruas, das beiradas” (BARROS, 2006, p. 117). Enfim, representa tudo aquilo que deveria ser negado para o lado feminino; a liberdade, a sexualidade exacerbada e o empoderamento frente a uma sociedade de influência cristã, machista e patriarcal. Iemanjá e Pombagira são representadas de modos opostos.

Pombagira é uma figura importante porque trabalha com a questão da ancestralidade feminina e dá força a mulher em todos os campos da vida espiritual e material. Porém a revista faz o apagamento do poder feminino da Pombagira e acaba reforçando o discurso de que o lugar da mulher é a casa, a família e os filhos.

Oli Santos da Costa (2015) em sua tese *A Pombagira: Resignificação Mítica da Deusa Lilith* relata que ela surgiu no Brasil e misturou-se às memórias do imaginário popular fundindo-se com as crenças religiosas europeias, africanas, ciganas e indígenas. Maria Padilha está entre as Pombagiras importantes e de acordo com Costa (2015) era amante do rei D. Pedro I de Castela. “Considerada bela e formosa, possuía cabelos longos e olhos negros” (COSTA, 2015, p. 18). Conseguia com seu poder de sedução dominar e influenciar muitas pessoas. Criou-se ao seu redor “o estereótipo de mulher perigosa, fatal e independente. Isso num período em que a mulher era obrigada a ser submissa ao marido e à Igreja” (COSTA, 2015, p. 18).

O mito de Maria Padilha de Castela foi se transformando ao longo do tempo até chegar ao Brasil Colônia. “Ela se tornou uma referência para os povos ciganos radicados na Península Ibérica que a elegeram como a Barí Crallisa, a grande rainha dos ciganos” (COSTA, 2015, p. 22).

De acordo com Costa (2015) a partir concepção de Pierucci (2001, p. 80), a função da feiticeira era contribuir para a melhoria das condições de vida dos

habitantes da colônia, visto que estavam desprotegidos em todos os sentidos. Sejam eles, econômicos, emocionais ou de saúde.

A Igreja Católica tinha a intenção de controlar a sexualidade feminina, desta forma Maria Padilha era vista como extremamente perigosa devido a sua sensualidade, poder de sedução e práticas de feitiçaria.

Ainda de acordo com Costa (2015) a primeira manifestação mediúnica de Maria Padilha ocorreu no século XVIII numa Toré<sup>24</sup>. No século XIX Maria Padilha manifesta-se em Recife, Pernambuco, “ela dançava e dava gargalhadas estridentes, debochadas e desafiadoras” (SILVA, 2015, p. 31). Ainda no século XIX passa a se manifestar na Macumba carioca.

A Pombagira Maria Padilha também passa a fazer parte da Umbanda em suas diversas linhas de atuação. E de acordo com Maria Helena Farelli (2006):

As linhas de atuação dessas falanges são as mais diversas, logo, é comum encontrar Entidades com nomes:

Maria Padilha da Estrada,

Maria Padilha da Encruzilhada,

Maria Padilha das 7 Encruzilhadas,

Maria Padilha do Cabaré,

Maria Padilha das Portas do Cabaré,

Maria Padilha da Figueira,

Maria Padilha do Cruzeiro do Cemitério/ da Calunga/ das Almas,

Maria Padilha do Inferno, etc.

Essas Entidades trabalham com uma energia específica, com um objetivo próprio e peculiar. Cada MARIA PADILHA citada acima é composta de milhares de MARIAS, cada qual com sua história verdadeira ou alegórica, mas com certeza todas vinculadas à líder (FARELLI, 2006, p. 4).

Enfim, para Costa (2015) Maria Padilha e toda sua quadrilha tiveram que se adaptar as características da Umbanda, que em diversos momentos tenta apagar suas origens africanas. Da mesma forma que aconteceu com Iemanjá.

No caso das homenagens a Iemanjá realizadas por Janaína por um período de sete anos Pai Paulinho relata que geralmente são preparadas crianças, mas em alguns casos pega-se pessoas adultas, de acordo com a vibração positiva de cada um e a vibração que a força do Orixá vai passando para aquela pessoa. No caso de Janaína que exerceu a função por um período de sete anos, esta dedicou sua vida até chegar esse dia. Ela se preparou, não cortou os cabelos, permaneceu pura, para entregar tudo isso à Iemanjá como forma de devoção, como um presente, justamente por ser filha de Iemanjá. Iniciou as homenagens em 1996 e terminou em

<sup>24</sup> Religião ameríndia-afro-brasileira cultuada no Norte e Nordeste brasileiro.

2002. Em 2003 entregou os cabelos como último ano de promessa, que foi cumprida.

Em relação à aparência física de Iemanjá esta é representada como alta, magra, branca, seios bem definidos, cabelos longos (Figura 13), porém aquela que permaneceu pura até o ritual de início de suas homenagens. Na imagem abaixo, Iemanjá é uma divindade feminina que na representação está preocupada com o marinheiro e não com as mulheres.

Pai Paulinho justifica porque Iemanjá é representada como uma mulher branca e não negra visto que a Umbanda é uma religião afro-brasileira.

A princípio, os Orixás são as vibrações da natureza, é a manifestação de Deus entre nós. Vamos imaginar um anjo da guarda, com várias pessoas diferentes seguindo a vibração desse mesmo anjo, criando assim uma falange energética de proteção. No entanto, cada pessoa vê esse anjo da guarda de uma forma diferente, o mesmo acontece com Deus, cada um vê de uma forma, imagina de uma forma. (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº 1, 2005).

A figura número 13 faz uma representação a Iemanjá.

Figura 13 - Representação de Iemanjá



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 1, 2003.

As oferendas e despachos têm idade milenar. Nos tempos antes de Cristo já existiam e muitas vezes de formas estarrecedoras, cruéis e bárbaras. E a Umbanda é uma religião que baseia-se na mediunidade e na magia, com rituais e liturgia

próprios. Dentre os rituais estão o ponto riscado, o ponto cantado e as oferendas, além de banho de ervas, defumação, utilização de velas, charutos e cachimbos, dos quais o médium utiliza à fumaça quando dá o passe nos consulentes.

A festa oferecida a Iemanjá todos os anos reúne um grande número de participantes e é realizada nas praias. Nesta festa são oferecidas frutas, alimentos, bebidas, flores e adereços para oferecer aos orixás. Os filhos do Orixá Iemanjá usam colares de contas de vidro transparente e vestem-se preferencialmente de azul claro.

Um estudo mais aprofundado sobre questões religiosas nos permite entender como os mitos fundadores gregos e judaico-cristãos influenciaram na predominância de uma sociedade patriarcal e machista onde as mulheres são colocadas em papéis subalternos. De acordo com Joseph Campbell (2017) o papel feminino na criação foi diminuindo conforme foi aumentando a influência judaico-cristã. E conseqüentemente o predomínio patriarcal. Nestes mitos de criação deus é sempre masculino.

Mircea Eliade (1992), Kate Millet (2000) e de Clifford Geertz (2001) tratam da influência dos mitos religiosos no controle exercido sobre as mulheres na sociedade ocidental. Aonde através da religião essas mulheres vão sendo colocadas em papéis inferiores. Principalmente ao longo da Idade Média onde muitas mulheres foram condenadas à fogueira por práticas de bruxaria. Essas perseguições estavam justificadas pelo preconceito da Igreja em relação a essas mulheres que podiam ser benzedoras, curandeiras, parteiras, etc.

A próxima imagem analisada é da Festa do Bonfim onde as baianas são o destaque desta festa. Cabe analisar o papel do feminino neste protagonismo.

Figura 14 - Baianas na Festa do Bonfim



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº1, 2003.

Nas escadarias da Igreja do Bonfim, na Bahia, é realizada uma homenagem a Oxalá. Este que é o santo mais prestigiado na Bahia. Esta Igreja que foi inaugurada no ano de 1773 e desde então tornou-se um local de comemoração. A festa do Senhor do Bonfim é realizada na segunda quinta-feira do mês de janeiro, após o dia de Reis. Devido a seu prestígio foi escolhido para representar Oxalá, sincretizando Jesus Cristo.

A caminhada inicia-se com o hino do Senhor do Bonfim e segue um percurso de oito quilômetros onde centenas de pessoas vestidas de branco acompanham o cortejo, que vai da Basílica da Conceição da Praia até a colina sagrada da igreja. Neste percurso as mães e filhas de santo carregam jarros de flores e água de cheiro, perfumadas com ervas, alfazema e flores e, chegando lá, lavam o adro e as escadarias da igreja.

Abrindo o cortejo vão as baianas, solenes, graves, nos seus vestidos ricos, vestidos que são a inveja de outras mulheres, encantadas com seus bordados e suas rendas, bordados os mais caprichosos, rendas as mais delicadas. Que riqueza nos seus balangandãs, antigos de muitos anos, saídos das mãos de artífices, feitos para salientar a beleza das mães-de-santo, das negras baianas, mulheres mais elegantes do mundo, das quais se disse uma vez que as rainhas europeias desmaiariam de inveja ante a dignidade de seu porte. E que gravidade nas suas expressões, não gravidade de tristeza, mas de satisfação sentida em ir reverenciar o Senhor do Bonfim! As bilhas e as jarras se equilibram milagrosamente nas suas

cabeças, fartas de flores, da riqueza de um colorido, de uns excelentes desenhos que fazem gosto à vista. Lá vão elas abrindo o cortejo, recebendo palmas do povo. (TAVARES, 1961, p. 38).

A lavagem do interior da igreja do Bonfim foi proibida por parte dos membros da Igreja Católica em 1890, pois consideravam que o ato havia se tornado bagunça e libertinagem. Inclusive com mulheres usando roupas inapropriadas para tais comemorações.

Também até a segunda metade do século XX, a lavagem da igreja do Bonfim teve a participação de carroceiros e aguadeiros. Estes seguidos por bandas musicais partiam em direção à Colina Sagrada. Ao redor da igreja era ornamentado com barracas e bandeiras e o ritual da lavagem era precedido por novenas. Em outros momentos o ritual contou com carros elétricos. Apesar das transformações o ritual existe até a atualidade.

[...] a explicação para tal permanência no tempo está na religiosidade afro-brasileira. A cultura africana que migrou para o Brasil como os negros escravizados, preserva sua tradição em torno da religião e de seus mitos. Num tempo circular, valorizam a repetição, a continuidade, a conservação [...] Graças a esta tradição, a roupa da Baiana, ao ser apropriada como base da indumentária dos orixás e tomada como fetiche no Candomblé, permaneceu a mesma e atravessou gerações [...] A presença da Baiana tornou-se de tal forma marcante na vida da cidade, que foi incorporada como personagem nas festas e diversões populares... (GARCIA, 2004, p. 112-113).

São as baianas que vão à frente do cortejo da lavagem da escadaria da igreja do Senhor do Bonfim. Cortejo que sai às 10 horas da manhã da frente da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia em sentido à Colina Sagrada, chegando entre 12 e 13 horas. As baianas estão sempre à frente do cortejo seguidas de outros participantes.

A lavagem, que é um ato ritual simbólico e também uma festa tornou-se uma prática cultural religiosa, onde costuma-se lavar o interior, o adro e as escadarias da igreja para a realização da celebração ao Senhor do Bonfim.

Oxalá é o Orixá da sabedoria e o pai de todos os Orixás, é o mais velho e o primeiro a ser criado. Transmite aos seus filhos suas características mais soberbas: calma, respeitabilidade, força de vontade, confiabilidade, sabedoria, paternidade. É o senhor do elemento ar, do poder da fala, da união de todas as cores existentes, senhor da paz, da arte e sabedoria humana.

Na Umbanda Oxalá é sincretizado com Jesus Cristo. Nesta religião Jesus Cristo é colocado nos altares, na maior parte das vezes de braços abertos e não

numa cruz, oferecendo seu amor e caridade, indistintamente a todos, emitindo a luz do conhecimento espiritual, esclarecendo questões e apaziguando conflitos.

A festa do Bonfim, que é um ritual do Candomblé é analisada por Francisco Antonio Nunes Neto (2014) em sua tese de doutorado intitulada “A Invenção de uma Tradição: a Festa do Senhor do Bonfim em Jornais Baianos”. Para ele o contexto histórico do século XIX onde as negras baianas assumiram a liderança nas festividades do Senhor do Bonfim diferentemente das mulheres de outras regiões do Brasil (NUNES, 2014, p. 162).

Nesta festividade as negras baianas iniciando o cortejo “vão às baianas, solenes, graves, nos seus vestidos ricos, vestidos que são a inveja de outras mulheres, encantadas com seus bordados e suas rendas” (NUNES, 2014, p. 169).

Desta forma, as baianas com suas vestimentas características tornaram-se os elementos principais da referida festa. De modo que a cultura africana que veio para o Brasil juntamente com os negros escravizados “preserva sua tradição em torno da religião e de seus mitos” (NUNES, 2014, p. 170).

Deve-se destacar nesta festa que é uma homenagem a Oxalá que é sincretizado com o Senhor do Bonfim que são as baianas o principal destaque da celebração. A lavagem da escadaria é uma forma de purificar a igreja. E como se dá as relações de gênero nesta festa tão famosa?

Scott (1990) percebe o gênero “como um saber sobre as diferenças sexuais” e desta forma com uma relação entre saber e poder. Relação esta que separa e divide culturalmente o que cabe ao homem e a mulher. Neste caso a lavagem da escadaria é um papel destinado às mulheres.

A Festa do Bonfim é uma celebração do Candomblé mas que está representado em uma revista da Umbanda, assim como há outros rituais umbandistas que foram utilizados e adaptados dessa religião que surgiu no Brasil com a vinda dos africanos. E como a princípio não havia uma teologia escrita, muitos rituais passaram a ser utilizados e em alguns momentos incompreendidos.

A Umbanda enfrenta problemas em relação a sua ritualística, desta forma alguns elementos são discriminados por falta de conhecimento. É o que expressa Alexandre Cumino em entrevista à Revista Espiritual de Umbanda ao se referir ao início de seus trabalhos.

Nós não tínhamos nada da ritualística, da liturgia, só sabíamos o que eles diziam, que era para tomarmos um banho de ervas antes, acendermos uma

vela para nosso anjo da guarda e irmos para o local, pois às sete horas incorporaríamos e começaria o trabalho. Então, eles vinham e eu dizia que havíamos lido num livro que tínhamos que ascender quatro velas, uma em cada canto, e eles diziam: pode ascender, filho, não tem problema. Eu morria de medo de Exu, não sabia o que era. Na outra semana, eu disse para a entidade que havíamos lido num livro que não pode existir uma casa onde se trabalha com Umbanda sem uma “tronqueira”, e ela disse que podíamos fazer uma tronqueira. Cada autor dizia que tínhamos que fazer uma coisa, uma série de preceitos. Chegou um momento que lemos num livro que mulher não podia abrir gira, não podia ser mãe de santo. Chegamos à conclusão de que deveríamos parar de perguntar para os livros e perguntar para os espíritos, porque o trabalho é deles e eles é que sabem como deve ser (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA N. 1, 2005).

A partir dos estudos realizados sobre a Umbanda, percebe-se que a sua ritualística foi organizada pelos homens de modo que esta religião assim como as outras, continua sendo predominantemente masculina. Cabendo às mulheres seguir estes rituais.

Na sessão Você pergunta e a Umbanda responde Mãe Maria Aparecida da Tenda Caboclo Lua Indaiá responde algumas indagações sobre a referida religião (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA N. 1).

Revista Espiritual de Umbanda - As entidades que baixam em alguns terreiros como baianos, boiadeiros e outros cumprem alguma função específica? Quem são? Estão através da caridade acertando algum carma acumulado?

Mãe Maria Aparecida – A corrente Astral de Umbanda se utiliza apenas de três formas básicas de apresentação, que são Caboclo, Pai Velho e Criança, além de Exu, que representa as três formas daí Exu ter como primitiva representação de sua energia expansiva, o triângulo. (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA COLLECTION).

Através da análise desta sessão percebe-se que a mulher, no caso a Mãe Maria Aparecida exerce o protagonismo na Tenda Caboclo Lua Indaiá, assim como faz parte de uma entrevista para esclarecer os fiéis sobre alguns princípios religiosos.

Partindo do princípio que Deus é masculino, assim como as principais entidades o são e também a escrita umbandista é predominantemente masculina. Então qual é o papel das mulheres nesta religião? Quais as relações de poder que perpassam a sua ritualística? Por que as mulheres continuam inseridas nesse contexto de relações onde os papéis principais cabem aos homens?

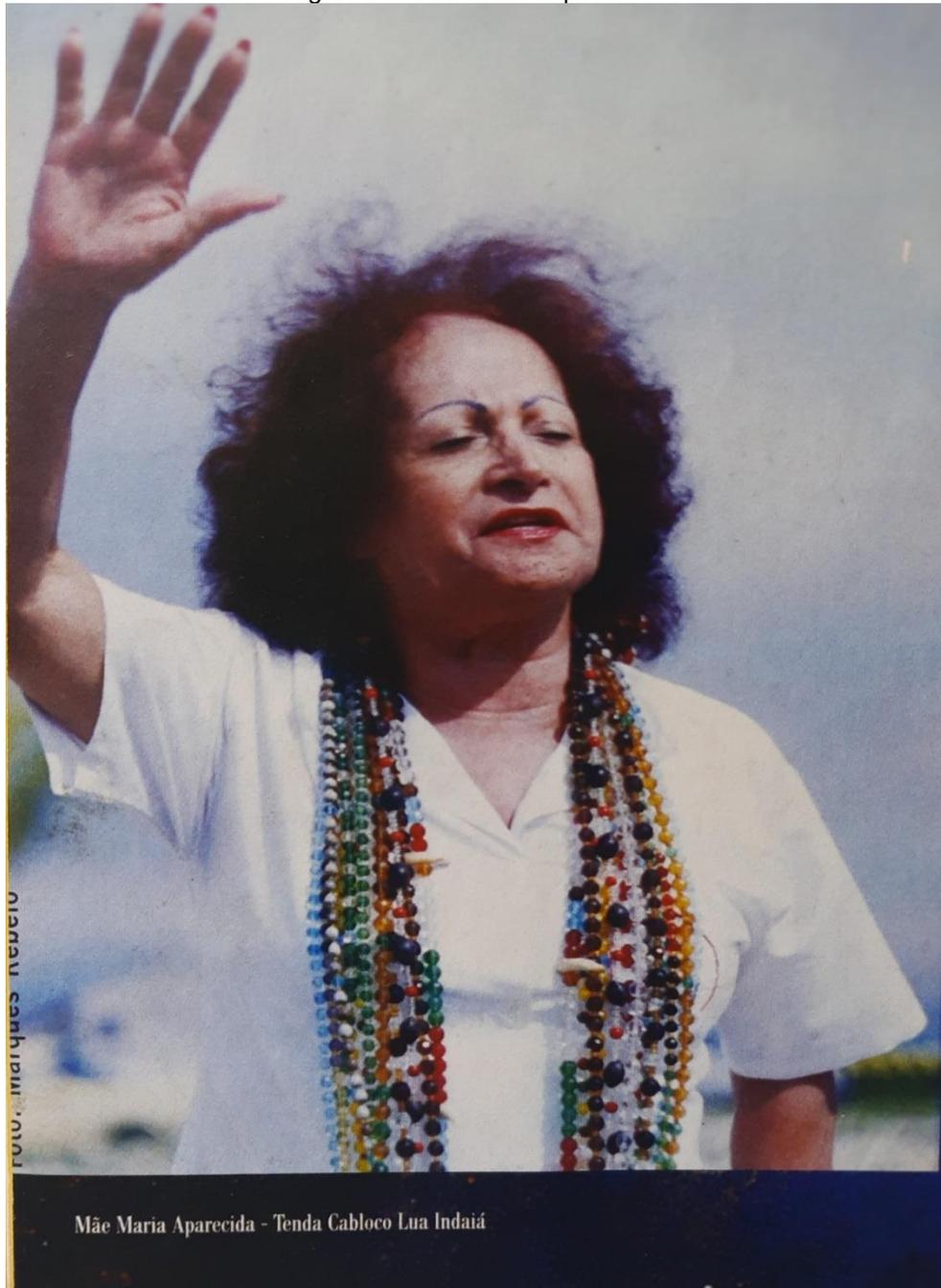
A Umbanda é uma religião afro-brasileira assumiu algumas heranças africanas mas vai aos poucos apagando outros traços que remetem aos negros e outros segmentos das religiões da mesma origem. E qual é a intenção desse

branqueamento e dessa seleção de ritos que negam a matriz africana e a mulher negra?

Em relação ao branqueamento Renato Ortiz (1991) defende a ideia de que numa sociedade branca e com influência Cristã, para o negro ser aceito e valorizado teria que assimilar os valores dos brancos e negar suas tradições africanas. Mas por outro lado, como forma de valorizar algumas características das heranças africanas, acaba ressignificando parte dos rituais de origem afro. Nestes a participação das mulheres também acaba remodelando-se.

A imagem da Mãe Maria Aparecida será analisada a seguir com a intenção de verificar a participação e o empoderamento do feminino na revista.

Figura 15 - Mãe Maria Aparecida



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº1, 2003.

Outra sessão analisada foi Perfil Ronaldo Linares presente na Revista Espiritual de Umbanda Collection. Com esta análise busca-se verificar como se dão as relações de gênero nesta revista e na Umbanda. Esta que segundo a visão apresentada neste editorial foi fundada por um homem branco e seus principais líderes são homens e brancos. Religião que representa os afro-brasileiros e as mulheres? De que forma?

Para Moscovici (2003) as representações têm a finalidade de estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social

e controlá-lo (MOSCOVICI, 2003, p. 21). Desta forma a revista seleciona aquilo que quer colocar como legítimo. Escolhe seus personagens e suas linhas de pensamento de modo que seus leitores sejam levados a pensar da mesma forma e seguir seus preceitos. Qual a intenção da revista e dos editores em selecionar a pessoas entrevistadas? Por que são na maioria das vezes homens? Por que a escrita umbandista é masculina?

Teresa de Lauretis (1986) afirma que há pouco avanço em se dizer que a diferença sexual é cultural; o problema que permanece é o de conceber as diferenças em relação ao homem, sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado (LAURETIS, 1986, p. 12 *apud* LOURO, 1997, p. 33). Desta forma o discurso realizado na revista é branco e masculino. Os homens brancos se apropriaram da Umbanda para exercer a dominação religiosa em relação às mulheres.

Ao apresentar Ronaldo Linares, a Revista Espiritual de Umbanda, construiu uma representação de poder e de experiência religiosa, ao destacar as qualidades desse homem e a sua trajetória. Segundo o texto, no passado ele foi um jovem cético, posteriormente se tornou um homem espiritual, com visão empreendedora e administrativa. Saiu de casa com quatorze anos de idade e passou por diversos momentos difíceis. Inclusive com problemas de locomoção. E sua vida mudou totalmente quando foi apresentado a Joãozinho da Gomeia que era dirigente espiritual do Candomblé. Com o tempo conseguiu se locomover normalmente (REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA COLLECTION).

Ainda sobre Ronaldo Linares e sua trajetória na Umbanda. Depois de um acidente de carro foi para um hotel e recebeu uma carta relatando que sua casa havia sido destruída. Diante disso comprou uma caixa de velas, charutos, quatro garrafas de champanhe e de pinga. Foi para a praia e fez oferenda para Ogum, Iemanjá e Xangô. Em seguida voltou para casa e começou a tocar a Casa do Pai Benedito, que em pouco tempo estava cheio de seguidores. Começou também a fazer um programa de rádio chamado Ronaldo fala de Umbanda. Também tornou-se presidente da Federação de Umbanda, conseguindo em pouco tempo o registro de aproximadamente 1900 tendas. Criou o Santuário Ecológico da Serra do Mar, o maior da América do Sul.

Ao homem é sempre fundamental manter um contato direto com a natureza. Assim, reconhecerá que faz parte dela e aprenderá que, respeitá-la é respeitar ao próximo, cultivá-la é respeitar a lei divina.

Desde o surgimento do Santuário Nacional de Umbanda, essa área natural vem trazendo aos frequentadores uma relação harmoniosa com as divindades da natureza, servindo como uma ponte de ligação entre o homem e as entidades espirituais.

A beleza natural e a diversidade ecológica, somam-se a uma estrutura que garante locais adequados para qualquer trabalho ritualístico, desde que não sejam realizados sacrifícios de animais, e é aberto a todos os umbandistas.(REVISTA ESPIRITUAL DE UMBANDA Nº 1, 2005).

A partir da análise do perfil de Linares percebe-se a intenção de colocar a Umbanda como solução para todos os problemas, assim como dar visibilidade a este umbandista. Novamente o personagem em questão é um homem branco. E as mulheres por que foram silenciadas? Por que poucas mulheres umbandistas são apresentadas na revista?

Para Guacira Lopes Louro (1997) os estudos feministas estiveram sempre focados nas relações de poder, que procuram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres (LOURO, 1997, p. 37). Foucault (1987) propõe que observemos o poder sendo exercido em muitas e variadas direções, como se fosse uma rede que, capilarmente se constitui por toda sociedade (FOUCAULT, 1987, p. 29). No caso da revista e da representação feminina na Revista Espiritual de Umbanda Collection percebe-se nessas relações de poder que as mulheres foram silenciadas. Ainda segundo (FOUCAULT, 1987) seria necessário que se percebesse essas situações como “disposições, manobras, táticas, técnicas e funcionamentos” para um determinado fim, ou seja, de dominação sobre as mulheres.

A partir da análise da Revista Espiritual de Umbanda e do levantamento das obras sobre a Teologia da religião, percebe-se que algumas casas de santo são organizadas e chefiadas por mulheres. Foram elas as responsáveis por disseminar a religião pelo país. Porém foram os homens os responsáveis por organizar uma teologia escrita sobre os rituais religiosos. Assim como os cursos de extensão sobre temas relacionados à Umbanda são ministrados e coordenados pelos homens.

Toda publicação quer seja em revistas, jornais ou livros possui uma linha editorial, e é claro que seus editores e colaboradores apresentam seus propósitos bem definidos. Nesta revista de cunho religioso não podia ser diferente. Conforme Tânia Regina de Luca, a imprensa “ordena, estrutura e narra o que elegeu como

digno de chegar ao público” (LUCA, 2005, p. 139). Desta forma tudo o que foi publicado possui um propósito para atingir seus leitores.

Além dos textos que descrevem a diversidade da Umbanda deve-se analisar também que a publicidade utilizada na revista possui uma finalidade. Tânia de Luca(2005) relata que com as novas demandas da vida urbana no início do século XX a publicidade em relação aos periódicos deve ser analisada com mais cautela, devido principalmente às questões financeiras.

Outro fator a ser analisado é a questão da diversidade da Umbanda que é muito bem respeitada na revista, visto que esta religião possui sincretismo religioso e também muitas especificidades teológicas. O universalismo defendido por Marques Rabelo encontra-se nas páginas da revista em textos e imagens. Esta diversidade também é defendida por Patrícia Birman:

Entre os terreiros são encontradas diferenças sensíveis no modo de se praticar a religião. Tais diferenças, contudo, se dão num nível que não impede a existência de uma crença comum e de alguns princípios respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade (BIRMAN, 1985, p. 25-26).

Mesmo retratando a diversidade religiosa a revista acaba demonstrando quais são os princípios mais adequados a serem seguidos. E com estes princípios estabelecidos, acaba criando representações em relação à religião. O conceito de representação de Sergé Moscovici (1961, p. 40):

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, de um lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica.

Também deve-se destacar que as representações não são estáticas e como tal novas representações surgem em diferentes tempos e espaços.

Levando-se em consideração também que a Umbanda é muito diversa e, desta forma Patrícia Birman (1985, p. 25-26) afirma:

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não há, como na Igreja Católica, um centro bem estabelecido que hierarquiza e vincula todos os agentes religiosos. Aqui, ao contrário, o que domina é a dispersão. Cada pai-de-santo é senhor no seu terreiro, não

havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. Há, portanto, uma multiplicidade de terreiros autônomos, embora estejam unidos na mesma crença, havendo também um esforço permanente por parte dos líderes umbandistas no sentido de promover uma unidade tanto doutrinária quanto na organização. Criam federações, tentam estabelecer formas de relacionamento entre os vários centros decisórios, tentam enfim enfrentar a dificuldade de conviver simultaneamente com formas de organização dispersas e tentativas de centralização.

A partir do conceito de representação social de Sergé Moscovici, percebeu-se que a Revista Espiritual de Umbanda é produtora de representações sociais desta religião. O papel e a influência da comunicação, no caso a revista, no processo de representação social. O papel dos diversos grupos envolvidos na construção da teologia religiosa, ou seja, o que foi construído a partir de Zélio Fernandino de Moraes, dos líderes religiosos através da escrita, assim como a transmissão dos conhecimentos através da oralidade.

Para Moscovici a intenção das representações é tornar algum fenômeno não familiar em familiar. Desta forma acontece com a revista Espiritual de Umbanda que tem a intenção de tornar a religião conhecida e prestigiada. Para Moscovici “A familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação, através do qual o não familiar passa a ocupar um lugar dentro de nosso mundo familiar”. O referido autor continua definindo representação social como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003 p. 21).

Ao analisar a revista percebemos que as mulheres participam das celebrações religiosas, porém, a escrita é predominantemente masculina. A partir da análise da revista percebe-se certas continuidades, como por exemplo, escrita por homens brancos. Assim como os livros que versam sobre a Umbanda são na maioria de autoria masculina. Para Margareth Rago (1990, p. 67),

Respeitada enquanto mulher, mesmo que definida através de um discurso estruturado a partir de conceitos românticos, a mulher ganha um novo estatuto na sociedade civilizada. Sua especificidade é reconhecida, decifrada, elaborada: ela é —sexo frágil, o pudor é sua característica mais forte, é feita para o lar e para a maternidade, dizem uns. No entanto, outros se opõem a este discurso e atribuem-lhe outros perfis: combativa, corajosa, responsável pela procriação e educação dos futuros homens da nação, ou escritora, trabalhadora, operária, advogada [...]

Enfim, algumas mudanças ocorreram no que se refere à participação feminina nos postos de comando na Umbanda, porém ainda não se pode falar em igualdade entre homens e mulheres nesta religião.

### **CAPITULO 3**

## **O USO DE FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA: O FEMININO NA UMBANDA UMA HERANÇA DAS CULTURAS AFRICANAS**

Este caderno de fontes sobre o feminino na Umbanda tem a finalidade de apresentar um conjunto de fontes históricas sobre a participação da mulher na Umbanda. Será destinado aos docentes para ser utilizado com estudantes do Segundo Ano do Ensino Médio e propomos trabalhar a utilização de documentos sobre esta religião de matriz africana. Acreditamos que o uso de fontes impressas é uma valiosa contribuição para tratarmos na sala de aula de temas como a história da África, dos africanos e afrodescendentes, assim como neste caso da referida religião.

### **3.1 ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS**

Professoras e professores, o material apresentado é fruto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sobre as representações dos femininos na Umbanda na Revista Espiritual de Umbanda de 2003 a 2008. A intenção desta pesquisa é levar para as escolas as discussões sobre gênero e representações dos femininos na Umbanda e ampliar o uso de fontes no ensino de história. A imprensa, neste caso a revista, é um objeto que contribui muito para o conhecimento da religião umbandista, pois traz informações sobre as práticas ritualísticas deste campo religioso.

Como o uso de fontes históricas é de primordial importância para o ensino de história a união entre imprensa e ensino permite levar para a sala de aula exemplos de como o saber histórico é construído. Desta forma o aluno poderá compreender como a história ensinada é sistematizada.

Nesta pesquisa foi utilizado o conceito de representações sociais. Estas representações que refletem os comportamentos vivenciados na sociedade em determinados momentos. Ao levarmos para a sala de aula os documentos, neste caso a revista, possibilitamos aos alunos o entendimento sobre as relações sociais, suas mudanças e permanências na sociedade.

Cerri e Ferreira (2010) relatam sobre as fontes históricas e sua importância de forma que os alunos percebam como o conhecimento histórico é construído. Que

este conhecimento não está pronto e acabado, mas que pode passar por outras interpretações de acordo com as fontes analisadas.

O texto jornalístico traz várias vantagens, conforme a escolha feita e a utilização desenvolvida pelo professor: pode ser capaz de dar visibilidade ao cotidiano, ao registro contemporâneo do evento estudado, ao tipo de atenção ou análise que tal evento despertou em sua época. Permite acompanhar dados ausentes na “grande história”, como o acompanhamento do cotidiano, a parcialidade e a velocidade das mudanças, o desenrolar das polêmicas e seu esquecimento. Por ser uma fonte relativamente acessível, o jornal pode aproximar a história ensinada da história local, ajudando a relativizar a ideia de processos históricos amplos (nacionais) submetidos a apenas uma lógica. Permite algum acesso à opinião pública, pois, apesar das seleções operadas pela linha editorial do jornal, o sucesso de vendas está ligado a atender os interesses de informações da população – seja a polêmica, os crimes ou as mudanças políticas e econômicas. (CERRI; FERREIRA, 2010, p. 53).

Ao se trabalhar com as fontes em sala de aula o conhecimento torna-se mais significativo para os alunos.

### 3.2 HISTÓRIA DAS MULHERES, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Vivemos em uma sociedade onde as questões de gênero são discutidas, porém ainda existe preconceito, discriminação e intolerância em relação às mulheres<sup>25</sup>.

Alguns debates acontecem nos meios sociais envolvendo as questões de gênero, porém em alguns momentos são discutidos de forma muito superficial, o que acaba trazendo sérios prejuízos para as mulheres. Estas que foram discriminadas historicamente e ainda hoje são vítimas de preconceito e discriminação. Nossa Constituição Federal Brasileira de 1988<sup>26</sup>, em seu Artigo 3º, Inciso IV afirma que devemos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer formas de discriminação” e em seu Artigo 5º informa que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]”. Mas será que todas as pessoas são realmente tratadas da mesma forma? Será que não existe preconceito em nossa sociedade?

Para Guacira Lopes Louro (1997) a intenção do movimento feminista é tornar a mulher visível uma vez que foi ocultada e segregada social e politicamente

<sup>25</sup>Para saber mais: artigo Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher de Sérgio Gomes da Silva – disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/rzhdT5gCxpq8sfQm4kzWZCw/?lang=pt>

<sup>26</sup> BRASIL, 1988.

por muito tempo. Porém, atualmente existe uma produção significativa sobre gênero em diferentes campos do conhecimento. Na História, a partir da terceira geração dos Annales, no final do século XX, a historiografia passou a incluir a História das Mulheres e registrar seu protagonismo nos mais diversos setores (LOURO, 2003). A partir do momento que as mulheres passaram a fazer parte da historiografia e ampliaram-se os temas referentes ao discurso historiográfico. Mas isto aconteceu muito recentemente, se tomarmos como base a história da humanidade. Neste sentido os homens foram os protagonistas, e as relegaram para segundo plano. A participação das mulheres na história do conhecimento começou a partir da luta e organização das feministas sobre a importância da participação da mulher na historiografia.

O movimento feminista surgiu no século XIX com o objetivo de lutar pela igualdade de gênero entre homens e mulheres e pela participação da mulher na sociedade. Isto porque em grande parte da história a sociedade era patriarcal e machista. Onde o homem era considerado o membro mais importante da família e tomava as principais decisões familiares. A mulher por sua vez era considerada o sexo frágil e incapaz de tomar algumas decisões. O movimento feminista se expandiu pelo mundo e busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

As mulheres foram educadas para serem boas esposas e boas mães, desta forma deveriam aprender os trabalhos domésticos e se preparar para ter filhos. Não podiam estudar e trabalhar fora, assim como participar das decisões políticas.

Antes do século XIX muitas mulheres lutaram por seus direitos, como é o caso de Olympe de Gouges que em 1791 escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, porém acabou sendo executada. Criticava a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que era destinada apenas aos homens.

Com a Revolução Industrial do século XVIII algumas mulheres passaram a trabalhar nas fábricas e com isso lutar pelos seus direitos. Porém o movimento feminista adquiriu maior consistência a partir do século XX. Lutaram pelo direito à educação, voto, divórcio, igualdade de salários, etc.

Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma grande teórica do feminismo e em sua obra “O Segundo Sexo” (1949), analisa o papel da mulher na sociedade. Para ela, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

As relações de gênero estão presentes no nosso dia a dia, mesmo que muitas vezes passe despercebido. Estas relações revelam hierarquias e

discriminações que em muitas situações são omitidas ou silenciadas. Meyer (2013) considera o conceito de gênero uma ferramenta pedagógica, e salienta a importância de investimento em projetos educativos que promovam uma transformação no processo de ensino-aprendizagem. Esta transformação ocorrerá a partir do entendimento crítico e transformador em relação à desnaturalização das construções culturais de gênero. Neste sentido “tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas como tais” (MEYER, 2013 p. 25).

De acordo com Scott (1990) “as feministas começaram a utilizar a palavra gênero mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos”.

Ainda de acordo com Scott (1990) gênero “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (1990, p. 86), ou seja, os papéis atribuídos aos homens e mulheres ao longo do tempo. E como esses papéis definiram essas relações e as distinções baseadas no sexo. Porém não se pode estudar homens e mulheres separadamente, pois não há compreensão de um sem o outro. E também “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 86). Relações essas percebidas no estudo da Revista Espiritual de Umbanda onde os homens brancos ocupam postos de destaque e as mulheres, sobretudo as negras são invisibilizadas.

As mulheres obtiveram conquistas nos diversos setores, porém ainda resta um longo caminho a seguir, pois segundo Scott (1990) “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional” (Scott, 1990, p. 86). Desta forma as mulheres foram representadas na revista de forma passiva e submissa.

Voltando o olhar para as relações de gênero e o feminino, percebemos uma tendência do silêncio sobre as mulheres no ensino de história. Meyer (2013) considera o conceito de gênero uma ferramenta pedagógica, e salienta a importância de investimento em projetos educativos que promovam uma transformação no processo de ensino-aprendizagem. Esta transformação ocorrerá a partir do entendimento crítico e transformador em relação à desnaturalização das construções culturais de gênero. Neste sentido “tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas como tais” (MEYER, 2013 p. 25).

Carolina Giovannetti e Shirlei Rezende Sales (2020) no artigo História das mulheres na BNCC do Ensino Médio: o silêncio persiste analisam as relações de gênero na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio através dos documentos norteadores da base. Para as autoras “as histórias das mulheres são constantemente apagadas do relato histórico pela escassez de vestígios, fontes e documentos” (GIOVANNETTI; SALES 2020, p. 251). Mesmo que muitas mulheres tenham lutado por participação política e mais igualdade em relação aos homens.

Segundo as autoras as mulheres são silenciadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de modo a manter os homens no poder e as “mulheres no anonimato histórico, como “sombras tênues” (PERROT, 1989, p. 9). Isto porque as discussões sobre gênero foram muito reduzidas no referido documento.

Além das questões de gênero há a Umbanda, que é uma religião que segundo o discurso presente dentro das instituições umbandistas, surgiu no Brasil como culto organizado em 1908 e que através de um sincretismo religioso adotou algumas características da religiosidade africana, como a presença dos orixás<sup>27</sup>.

Esta religião, assim como o Candomblé<sup>28</sup>, foi por muitos anos colocados à margem das discussões em sala de aula. Foram necessários anos de luta para que esses temas fossem trabalhados e contextualizados em sala de aula e a partir da Lei das Diretrizes e Bases de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 que ocorreram mudanças importantes em relação aos conteúdos de história.

Objetivava-se com estas novas abordagens a formação de uma cidadania democrática (BITENCOURT, p. 142, 2018). As leis 10.639/03 e 11.645/08 foram estabelecidas com o intuito de se estudar a História da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas.

Foram necessários anos de luta por parte do Movimento Negro para que a Lei 10.639/03 fosse efetivada e para que os conteúdos relacionados à história e cultura africana e afro brasileira alcançassem fundamento legal. Contudo a lei existe, porém os livros didáticos ainda hoje abordam o tema de forma bastante superficial.

---

<sup>27</sup>Orixás são divindades da mitologia africana iorubá que vieram para o Brasil com os negros escravizados e foram sincretizados com os santos da Igreja Católica, primeiro com o Candomblé e depois com a Umbanda. (BARROS, 2006, p. 17).

<sup>28</sup> Candomblé é uma religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia no século XIX - e demais modalidades religiosas conhecidas pelas denominações regionais de xangô, em Pernambuco, tambor-de-mina, no Maranhão, e batuque, no Rio Grande do Sul, formavam, até meados do século XX, uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes (PRANDI, 2004, p. 2).

Deste modo a militância do Movimento Negro reconhece que a escola tem a responsabilidade na perpetuação das desigualdades raciais (SILVA, 2013).

Por muitos anos os livros didáticos na disciplina de História privilegiaram um viés eurocêntrico, branco e masculino. As mulheres não apareciam nestas produções e muito menos as mulheres negras; estas discriminadas por serem mulheres e principalmente pela raça. Nilma Lino Gomes(1995) afirma que:

Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais. Representa também suportar diferentes tipos de discriminação.

A discriminação contra a mulher negra está relacionada à questão da escravidão onde era submetida as mais diversas humilhações desde o momento em que era vendida como escrava até o seu dia a dia, onde trabalhava forçadamente e cuidava dos filhos das famílias brancas e as suas próprias crianças eram largadas a toa.

Inseridos nesse contexto estão às mulheres negras escravas, que sem dúvida estavam colocadas em um nível social inferior, tanto por ser mulher, como por ser negra e, também escrava. Ser mulher, e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis à exploração, tanto econômica quanto sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos. (GIACOMINI 1988, p.26).

Os livros didáticos são instrumentos muito importantes em sala de aula, pois para determinados alunos são as únicas formas de leituras disponíveis. E com estes livros, no caso na disciplina de História, os alunos têm a possibilidade de ter acesso a determinado tipo de conhecimento. Porém as críticas aos livros didáticos são imensas, pois estão muitas vezes perpetuando um ensino tradicional e excluindo as mulheres negras. Estes livros precisam ser organizados de forma que valorize-se a contribuição destas mulheres para a formação da cultura brasileira.

Através da análise de alguns artigos sobre os livros didáticos de História percebeu-se que algumas mudanças ocorreram no sentido de destacar a trajetória de algumas mulheres como Maria Felipa de Oliveira, Nzinga e Francisca da Silva, ou Chica da Silva o que não ocorria nas coleções didáticas anteriores a referida lei, onde as mulheres negras apareciam como escravas. Percebe-se algumas mudanças referentes às suas representações, de modo que podem produzir leituras que mudem a ideia de mulheres submissas para agentes partícipes da história.

Porém este processo de valorização da mulher negra está apenas no começo, pois muitas mudanças precisam ocorrer no sentido de desenvolver novos olhares que problematizem o conhecimento histórico. Transformando desta forma situações racistas e sexistas. Além do que as mulheres negras continuam sendo representadas nos livros didáticos de história de modo muito superficial.

O conceito de representação social foi introduzido por Sergé Moscovici, na França através dos estudos sobre a psicanálise. Para Moscovici (2003, p. 12) para que os fenômenos sociais sejam inteligíveis devem-se incluir conceitos psicológicos e sociológicos. As representações sociais visam caracterizar e explicar as influências mútuas entre os indivíduos e a realidade dos grupos sociais de que fazem parte, ou, em última instância, a sociedade (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 1).

Existem várias definições de representações sociais. Segundo Jodelet (2001, p. 22), a representação social, “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Diante da diversidade de conceitos sobre as representações sociais pode-se dizer que tem a finalidade de explicar aspectos importantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas de posição depois que elas são realizadas (ABRIC, 1998, p. 28).

### 3.3 HISTÓRIA CANDOMBLÉ E UMBANDA

Através da historiografia das primeiras Casas de Santo do Brasil percebe-se que foram as mulheres que foram as responsáveis por manter e disseminar a religiosidade africana em nosso país. Eram elas que administravam os terreiros e chefiavam os cultos no Candomblé, mantendo dessa forma a herança cultural africana. Porém em muitas situações a ritualística religiosa era transmitida oralmente, pois não havia uma teologia escrita (LANDES, 2002).

Durante o Estado Novo foram elas que lutaram para que seus terreiros fossem reconhecidos e pudessem realizar seus cultos livremente (LINARES, 2017). Os terreiros Casa Branca do Engenho Velho, o Ilê Axé Opó Afonjá e o Terreiro de Gantois, na Bahia foram descritos por Ruth Landes (2002) como locais predominantemente comandados por mulheres. Silveira explica de onde vem a força

e a liderança dessas mulheres: “na organização dos Reinos fons e nagô-iorubá, as mulheres desempenharam um papel ativo, eram elas que administravam o palácio real, assumindo os postos de comando mais importantes, além de fiscalizarem o funcionamento do Estado” (SILVEIRA, 2000, p. 88).

Ruth Landes (2002) percebeu um gradual aumento do número de mães de santo nos candomblés tradicionais. Assim como um aumento do número de “homossexuais passivos” nos candomblés de caboclo (LANDES, 2002, p. 24). As sociedades iorubas sempre foram patriarcais, mas no caso do Brasil, devido à escravidão e mais tarde com a abolição, as mulheres passaram a ser mais independentes. Percebe-se também que o matriarcado não acontece somente no Candomblé, mas também nas famílias negras e pobres na maior parte.

De acordo com Olga Cacciatore (1988) o Candomblé que surgiu no Brasil após a diáspora africana, utiliza a mulher, a mãe como sua grande representante cujos significados estão associados à proteção. Neste sentido que a chefe do templo ou terreiro é chamada de mãe de santo (CACCIATORE, 1988, p. 78). No Candomblé e na Umbanda mãe de santo é a mulher responsável pelo culto dos orixás, que coordena os terreiros e recebe as instruções que transmite aos crentes.

A Umbanda, por outro lado, surgiu no Brasil de uma forma diferenciada se comparada ao Candomblé. Segundo Reginaldo Prandi (1990) o primeiro centro de Umbanda surgiu em meados de 1920 com a separação do kardecismo que não aceitava a presença de guias negros e caboclos. Esta forma de espiritismo vai se espalhar pelo Brasil e em 1941 a União Espírita Brasileira promove o Primeiro Congresso de Umbanda para discutir temas relacionados à teologia umbandista (PRANDI, 1990, p. 54). Na Umbanda houve a valorização de elementos nacionais como o caboclo, preto velho, espíritos de índios e escravos.

Esta religião que tem origem no kardecismo busca representar os ideais e valores da sociedade da época utilizando para isso a língua nacional, a simplificação da iniciação, sem o sacrifício de animais, mantendo os cantos e danças do Candomblé e alguns orixás já sincretizados com santos católicos. Porém no seu dia a dia seus cultos são centrados nos guias, caboclos, pretos velhos e os exus “maléficos” masculinos e femininos (PRANDI, 1990, p. 55).

De um lado está o Candomblé com sua origem no Brasil ligado as mulheres negras; de outro está a Umbanda, que também teve início no Brasil no início do século XX com dirigentes espirituais masculinos e brancos. Ambas as religiões afro-

brasileiras com suas semelhanças e diferenças. Mas que permitem a participação feminina em suas ritualísticas.

Cristiane Barros (2006) analisa as narrativas míticas nas religiões afro-brasileiras relacionadas à origem da vida e dos homens e suas relações com os deuses. “O ser humano é entendido em sua multiplicidade, contradição e transformação, em que “os orixás e seus mitos são a expressão dos conflitos nos quais os homens se debatem. Eles amam e odeiam, eles transgridem” (BARROS, 2006, p. 100). No Candomblé as mulheres de todas as classes sociais tem mais possibilidade de competir com os homens e exercer postos de liderança.

Na Umbanda a imagem dos femininos vem passando por transformações no decorrer do tempo. Desta forma, “quanto mais à umbanda se afasta da influência do candomblé, mais se transforma a participação do elemento feminino em seu culto” (BARROS, 2006, p. 100). Devido à influência do cristianismo notadamente machista e conservador “os traços de sexualidade feminina de suas entidades desaparecem, ressaltando-se particularmente a função de maternidade da mulher” (BARROS, 2006, p. 100). A partir dessas considerações sobre as entidades umbandistas percebe-se que ocorreu um processo de subordinação do feminino ao masculino. Relações essas presentes na Revista Espiritual de Umbanda. Ou seja, a mulher na revista é representada como dócil, submissa e obediente ao homem e as entidades, geralmente masculinas.

Enfim, a Umbanda permite a mulher ocupar um espaço maior de atuação, porém ainda há em sua ritualística as contradições presentes na sociedade moderna que continua patriarcal e masculina. São as médiuns femininas que “ouvem, entendem, aconselham e orientam os adeptos no culto, o poder da palavra, a consulta dos fiéis” (BARROS, 1995, p. 103). Não estando desta forma subordinadas aos homens como em outras religiões.

### 3.4 HISTÓRIA DAS RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS E O FEMININO

A partir do momento que ocorreu a diáspora africana em direção ao Brasil, alguns fatores foram fundamentais para que a mulher viesse a exercer um papel de

liderança nas organizações religiosas. Na África nas etnias fons<sup>29</sup> e iorubás<sup>30</sup> as mulheres exerceram funções econômicas e políticas importantes. A partir do momento que foram trazidas como escravas para o Brasil passaram a ressignificar essas posições, porém agora nas questões religiosas.

Outro fator que levou a mulher exercer liderança no Candomblé de acordo com Teresinha Bernardo (2005) foi “à densidade do sentimento materno na africana” (BERNARDO, 2005, p. 17).

Além dos negros serem tirados a força de suas terras depararam-se com a escravidão, o que os impossibilitou de viver segundo suas características habituais. Mas “é no solo brasileiro que frutificará o Candomblé, a terra-mãe como metáfora para os africanos e seus descendentes” (BERNARDO, 2005, p. 18).

Desta forma, de acordo com Bernardo (2005) os primeiros terreiros de Candomblé baianos que são conhecidos e que datam dos séculos XVIII e XIX são de origem iorubá e chefiados por mulheres. Assim se dá também no Maranhão com o Tambor de Mina (Maria Jesuína) e a Casa de Nagô (Josefa e Joana) (BERNARDO, 2005, p. 18).

De acordo com Sueli Carneiro, analisar o papel da mulher e sua representação nos cultos afro-brasileiros “se constitui em importante elemento no resgate da identidade feminina negra” (CARNEIRO, 2008, p. 117).

Birman (1995, p. 176) afirma que “o candomblé tradicional da Bahia sempre atribuiu à família da mãe de santo um papel crucial – é através das relações de descendência por linha materna que este reproduz a sua principal liderança”.

Comumente, a diferença básica entre o Candomblé e a Umbanda é que o primeiro é um culto afro-brasileiro e a Umbanda é uma religião brasileira que mistura influências dos cultos afro-brasileiros, sincretiza com outras crenças como católica, indígena e kardecista. As duas, porém, acreditam e cultuam os Orixás, que são divindades que representam a força da natureza.

Na Umbanda o pai e mãe de santo são figuras de autoridade e responsabilidade no zelo e manutenção do espaço sagrado. Definem os calendários, as sequências das giras e os ritos religiosos e seus conhecimentos são adquiridos

---

<sup>29</sup> Etnias fons: grupos étnicos e linguísticos da África Ocidental no sul do Benim e sul do Togo que possuem como características o uso da língua fom.

<sup>30</sup> Etnias iorubás: grupos étnico-linguísticos da África Ocidental.

dos mais velhos. Mas afinal, como se dá a participação feminina na Umbanda? A Umbanda salva a desigualdade de gênero?

Teresinha Bernardo (2017) com seu artigo intitulado A Umbanda salva a desigualdade de gênero? Analisa essa questão da participação da mulher nos terreiros e chega à conclusão que nas tarefas administrativas as mulheres continuam em grande número, porém a grande maioria dos templos são comandados pelos homens. Desta forma a Umbanda não salva a desigualdade de gênero (BERNARDO, 2017, p. 17). E também através da análise da Revista Espiritual de Umbanda percebe-se que a teologia umbandista continua sendo escrita pelos homens cabendo às mulheres seguir esses rituais.

### 3.5 PROPOSTA DE ATIVIDADES

O Censo do IBGE de 2010 apontou o Brasil como um país de maioria Católica e desta forma a população não está acostumada a ver mulheres na liderança religiosa. A Umbanda proporciona este protagonismo às mulheres, pois estão no comando de diversos centros religiosos. Esta situação de destaque vem do período da escravidão onde as mulheres eram alforriadas antes que os homens e passaram a conduzir às questões religiosas.

Nos terreiros, além da religiosidade, as mulheres descobrem a militância política, lutam contra o preconceito de gênero e a intolerância religiosa. E as mulheres negras além das questões anteriores lutam contra o racismo.

Este material será utilizado na disciplina de História no segundo ano do Ensino Médio com o intuito de levar para a sala de aula discussões sobre o protagonismo das mulheres na Umbanda.

## PROPOSTA 1

### Gênero

Objetivos:

- Conceituar gênero
- Procurar fake news relacionadas às questões de gênero.

Para iniciarmos nosso caderno vamos falar um pouquinho sobre as relações de gênero. Mas afinal o que é isso? Você já ouviu falar de relações de gênero? O que isso significa?

### ATIVIDADE 1

- O que você entende sobre o conceito de gênero?
- Você já viu na TV ou nas redes sociais debates sobre a questão de gênero? Justifique.
- Procure algumas “fake News” relacionadas ao gênero. Anote as principais ideias e debata com os colegas em sala de aula.

## PROPOSTA 2

### A Mulher na Umbanda

Objetivos:

- Conhecer as principais características da Umbanda.
- Entender sobre o protagonismo das mulheres na Umbanda.

### FONTE 1

**A mulher na Umbanda: Entre a cruz e a encruzilhada (Selma Maria da Silva, 1998)<sup>31</sup>.**

Quanto à divisão das obrigações e tarefas existentes no interior dos cultos, percebemos que se aproxima bastante daquela que se encontra cristalizada na sociedade. Nos terreiros a mulher pode executar todas as tarefas necessárias ao seu funcionamento desde que seja preparada. Se a condição exigida é uma preparação adequada, a tradição então se perpetua, porque acostumadas com obrigações que são consideradas "naturais" a homens e mulheres, elas aceitam sem maiores

<sup>31</sup> SILVA, Selma Maria da. A mulher na Umbanda: Entre a cruz e a encruzilhada. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

questionamentos. Não existe nenhum regulamento ou justificativa que impeça a mulher de tocar atabaques ou fazer o corte de animais, entretanto em alguns terreiros são atividades proibidas a ela.

Na prática da Umbanda, a mulher pode exercitar os dons maternais que lhe são inerentes. Cumpre a missão de mulher na prática religiosa como uma extensão de sua casa. A mulher se adapta melhor do que o homem porque o exercício da religião demanda muito tempo e a mulher é mais despreendida que o homem.

No interior das práticas umbandistas a liberdade de pensamento e ação e principalmente o respeito ao direito do (da) outro (a) de pensar e agir cada um (a) ao seu modo está acima de qualquer dogma. Na Umbanda cada praticante tem como norte a sua própria consciência. Aquele (a) que conhecer um pouco da História do culto e da prática, logo se convencerá de que este é um princípio incontestável. Posto isto fica claro que esta religião é um espaço "aberto" que abriga inúmeras possibilidades de exercício da liberdade. É um campo em que todos os anseios, desejos e emoções emergem de maneira vultosa, possibilidade difícil de ser imaginada em qualquer instituição, religiosa ou não, que conhecemos na atualidade.

Entrevistando mulheres, portadoras de diferentes motivações e ideais vimos seus caminhos convergindo para um ponto comum a todas elas: nos limites de seus terreiros, muitas (os) extrapolam conseguem realmente virar pelo avesso as razões que legitimam a hierarquia social. Elas têm poder e são respeitadas. Enfim, mulheres que durante séculos e séculos estiveram presas às amarras machistas que as depreciavam conquistam um espaço que aceita suas potencialidades e suas capacidades transformadoras.

## FONTE 2

Figura 1 - Revista Espiritual de Umbanda Collection



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda nºs4 de 2003; 3 de 2003.

## ATIVIDADE 2

1. A partir da leitura do texto 1, como é a participação da mulher na Umbanda?

---



---



---

2. A partir da fonte 2, o que se percebe em relação a participação das mulheres na religião?

---



---



---

3. Você conhece alguma mãe de santo? Em que terreiro ela participa?

---



---

4. Você participa de alguma religião? Qual? Se participa o líder é homem ou mulher?

---



---

5. Explique por que a liderança dos templos religiosos (de outras religiões) é exercida na maioria das vezes por homens.

---



---



---

### PROPOSTA 3

#### Centro Espírita Martim Pescador

##### Objetivos:

- Conhecer as principais características da Umbanda.
- Encontrar características do sincretismo religioso presentes no hino da Umbanda.
- Perceber se há a presença feminina no hino.

## UMBANDA

A Umbanda surgiu no início do século XX, no Estado do Rio de Janeiro. É uma religião sincrética que mistura características cristãs, indígenas, ritos africanos e espíritas. A mediunidade está presente nesta religião e acredita na existência de um só Deus.

### FONTE 1

#### Hino Nacional da Umbanda<sup>32</sup>

“Refletiu a luz divina, dentro do seu esplendor  
 É do reino de Oxalá, onde há paz e amor  
 Luz que refletiu na terra  
 Luz que refletiu no ar  
 Luz que veio de Aruanda  
 Para todos iluminar  
 A Umbanda é paz e amor, é um reino cheio de luz  
 É a força que nos dá vida

<sup>32</sup> Hino Nacional de Umbanda – Revista Espiritual de Umbanda Collection

Das grandezas nos conduz  
 Avante, filhos da fé  
 Com a nossa lei não há  
 Levando ao mundo inteiro  
 A bandeira de Oxalá.”

**Após isso cantam para Oxalá<sup>33</sup>:**

“Oxalá meu pai  
 Tenha pena de nós Tenha dó  
 As voltas do mundo são grandes  
 E seus poderes são maiores  
 É Oxalá quem governa o mundo  
 Só ele pode governar (bis)  
 Que clareia a Umbanda e todos os Orixás”

**Em seguida, uma cantiga para abertura dos trabalhos<sup>34</sup>:**

“Vou abrir minha jurema  
 Vou abrir minha jurema  
 Com a licença de Ogum  
 E nosso pai Oxalá”.

**Depois rezam um pai nosso e uma Ave Maria tradicionais e após isso, a Prece de Cáritas<sup>35</sup>:**

“Deus, nosso pai, vós que  
 Sois todo o poder e bondade  
 Daí força àqueles que  
 Passam pela provação  
 daí a luz àqueles que procuram a verdade  
 E ponde no coração do homem a compaixão e  
 a caridade  
 Deus, dai ao viajor a estrela-guia  
 Ao aflito, consolação  
 Ao doente, o repouso  
 Ao culpado, o arrependimento  
 Ao espírito, a verdade  
 À criança, o guia  
 Ao órfão, o pai  
 Senhor, que vossa bondade se estenda sobre  
 tudo que criastes  
 Piedade senhor, para aqueles que não vos  
 conhecem

---

<sup>33</sup> Ponto Umbanda - Revista Espiritual de Umbanda Collection

<sup>34</sup> Ponto de abertura dos trabalhos - Revista Espiritual de Umbanda Collection

<sup>35</sup> Prece de Cáritas - Revista Espiritual de Umbanda Collection

E esperança para aqueles que sofrem  
 Que vossa bondade permita aos espíritos  
 consoladores  
 Derramarem por toda a parte a paz, a  
 esperança e a fé  
 Deus, um raio, uma faísca  
 Do vosso amor, pode abrasar a terra  
 Deixa-nos beber das fontes dessa bondade  
 fecunda e infinita  
 E todas as lágrimas se secarão  
 Todas as dores se acalmarão em um só  
 coração  
 E um só pensamento subirá até vós  
 Como um grito de reconhecimento e amor  
 Como Moisés sobre as montanhas  
 Nós vos esperamos com os braços abertos  
 Ó bondade, ó poder; ó beleza, ó perfeição  
 E queremos de alguma sorte alcançar a  
 Vossa misericórdia  
 Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso  
 Afim de subirmos até Vós  
 Dai-nos a caridade pura  
 Dai-nos a fé e a razão  
 Dai-nos a simplicidade  
 Que fará de nossas almas um espelho  
 Onde deve refletir vossa santa e  
 Misericordiosa imagem  
 Amém.

### ATIVIDADE 3

1. Identifique no hino nacional da Umbanda e nas preces iniciais do Centro Espírita Martim Pescador elementos do sincretismo:

a) Cristão: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Indígena: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

c) Africano: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Verifique se há a presença do feminino no hino e nas preces iniciais deste centro Espírita. Retire uma frase se houver.

---

---

---

#### **PROPOSTA 4**

##### **Preconceito em relação às religiões afro brasileiras**

###### **Objetivos:**

- Identificar as raízes do preconceito em relação às religiões afro brasileiras.
- Conhecer aspectos da Umbanda que conduzem ao preconceito.

#### **FONTE 1**

##### **Preconceito em relação às religiões afro-brasileiras<sup>36</sup>**

A história afro-brasileira começa quando os negros foram trazidos da África para o Brasil como cativos para serem submetidos aos mais diversos tipos de trabalhos. Estes homens e mulheres trouxeram consigo todo um modo de viver específico quer seja religião, culinária e organização política. Porém, como foram escravizados, surgiu contra eles à questão do preconceito e da discriminação. Também em relação à educação básica, os livros didáticos negligenciaram por muitos anos a história da África e dos africanos, assim como sua contribuição para a cultura brasileira.

A Constituição Federal de 1988 estabelece em seu artigo 3º, Inciso IV promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Porém a realidade é bem diferente, pois os currículos escolares privilegiaram por muitos anos uma história eurocêntrica,

---

<sup>36</sup>SANTOS, Edmar Ferreira. O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

baseada em grandes personagens, estes homens, brancos e católicos. Os ditos “homens bons”. Desta forma ainda persiste muito preconceito sobre as religiões afro-brasileiras e ainda mais em relação às mulheres. É o que retrata a passagem a seguir, retirada do livro: O Poder dos Candomblés.

Vítima de constantes pancadas que lhes eram aplicadas, por injunções desse mesmo Ogan que faz as delícias de Judith Ferreira, na Terra Vermelha; mãe Paulina, no Cucuí; Aleijadinha, sobre o túnel da Central da Bahia e tantos outros possuidores de pigys e aganjús, o pobre José Joaquim veio a falecer no dia imediato ao das informações que nos foram ministradas (...).

Registramos horrorosos fato envergonhados de ver a Cachoeira transformada em centro de operações de reincidentes criminosos que nela, aberta e despidoradamente exercem a feitiçaria e certos de que o crime de que estamos tratando ficará, como tantos outros, envoltos nas malhas da impunidade.(SANTOS, 2009, p. 102)

Por muitos anos os livros didáticos na disciplina de História privilegiaram um viés eurocêntrico, branco e masculino. As mulheres não apareciam nestas produções e muito menos as mulheres negras; estas discriminadas por serem mulheres e principalmente pela raça. Nilma Lino Gomes(1995) afirma que:

Ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e um conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais. Representa também suportar diferentes tipos de discriminação. (GOMES, 1995).

A discriminação contra a mulher negra está relacionada à questão da escravidão onde era submetida as mais diversas humilhações desde o momento em que era vendida como escrava até o seu dia a dia, onde trabalhava forçadamente e cuidava dos filhos das famílias brancas e as suas próprias crianças eram largadas a toa.

Inseridos nesse contexto estão às mulheres negras escravas, que sem dúvida estavam colocadas em um nível social inferior, tanto por ser mulher, como por ser negra e, também escrava. Ser mulher, e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis à exploração, tanto econômica quanto sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos. (GIACOMINI 1988, p.26).

Diante do exposto acima, percebe-se ainda nos dias atuais o preconceito e a discriminação em relação às mulheres negras. Ou seja, as mulheres, sobretudo as negras ainda enfrentam muitos desafios frente a uma sociedade patriarcal, machista e branca.

**ATIVIDADE 4**

1. Você já ouviu falar sobre a Umbanda? O que conhece sobre ela?

---

---

---

---

2. Você acredita que existe preconceito em relação à Umbanda?

---

---

---

3. A partir da leitura do texto acima, explique:

a) Qual a contribuição do negro para a cultura brasileira.

---

---

---

---

b) O que a Constituição Federal de 1988 estabelece em relação ao preconceito.

---

---

---

---

c) Por que existe preconceito em relação às religiões afro-brasileiras e também em relação às mulheres negras.

---

---

---

---

---

d) Como podemos acabar com o preconceito e a discriminação presentes em nossa sociedade.

---

---

---

---

---

## PROPOSTA 5

### Iemanjá e Pombagira

**Objetivos:**

- Compreender o que são os Orixás.
- Conhecer as características de Iemanjá e Pombagira.
- Perceber como são representadas Iemanjá e Pombagira no imaginário estudantil.

#### FONTE1

TABELA – ORIXÁ, SUA COR, CAMPO DE ATUAÇÃO E SINCRETISMO

ORIXÁ	COR	LOCAL DE ATUAÇÃO	SINCRETISMO
Oxalá	Branco	Irradiador da fé e religiosidade	Jesus Cristo
Iemanjá	Azul	Mar	Nossa Senhora
Oxóssi	Verde	Matas/florestas	São Sebastião
Oxum	Amarelo	Rios/cachoeiras	Nossa Senhora da Conceição
Xangô	Marron	Pedreiras	São Jerônimo/São Pedro
Ogum	Vermelho	Campinas/estradas	São Jorge
Iansã	Laranja	Ventos/tempestades	Santa Bárbara

FONTE: “Avante, filhos de fé” – Umbanda e suas práticas ritualísticas. Adriana Cristina Zielinski do Nascimento.

#### FONTE 2

### Iemanjá e Pombagira – Imagens do Feminino na Umbanda<sup>37</sup>.

Trecho extraído da dissertação de Cristiane Amaral de Barros.

Iemanjá e Pombagira. Pombagira e Iemanjá. Duas forças. Duas personagens. Dois símbolos. Dois femininos. Uma mãe; outra, amante. Duas mulheres. Duas “guerreiras”. Na umbanda, religião moderna, múltipla, dinâmica em termos de ritualística e conteúdos doutrinários, com enorme facilidade de a tudo assimilar, adaptar, reordenar e reinterpretar compõem seu panteão dois símbolos

<sup>37</sup>BARROS, Cristiane Amaral de. Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21271679-Cristiane-amaral-de-barros-iemanja-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.html>. Acesso em: 06/01/2021.

femininos intrinsecamente distintos, mas igualmente fortes e significativos para a condição feminina. Iemanjá, originariamente orixá africana, grande mãe do povo iorubá, em virtude de todo o longo processo de escravização do negro africano, com este foi trazida para um novo mundo e um novo destino. Nessas terras desconhecidas, seu culto alastrou-se por todo o continente, envolvendo negros, brancos, mulatos, mestiços, ricos, pobres – todos enfim. Dos batuques gaúchos ao xangô pernambucano, Iemanjá teve seu culto difundido, estruturado e estabelecido, afirmando-se como um grande exemplo de figura feminina afro-brasileira. Na umbanda, o povo de santo rende homenagens a essa grande Mãe e senhora das cabeças de seus filhos. Iemanjá, grande e soberana Mãe; grande poder e imagem feminina por excelência de todo o panteão afro-brasileiro. Iemanjá adentrou a umbanda, nela se estabelecendo enquanto símbolo maior de feminilidade, maternidade e poder criador, num misto e associação de vários atributos distintos que engendraram uma imagem complexa de mãe, mulher, sereia e santa. Ao assimilar os diferentes conteúdos míticos e religiosos que compõem a cultura brasileira, a umbanda renovou, remodelou e reatualizou a figura de Iemanjá que, de antiga orixá tribal, engloba, agora, um vasto número de atributos diferenciados – mas todos – remetendo-a a um modelo incontestado de grande feminino dentro dessa religião, disseminando-se também pela cultura popular deste país.

Pombagira, personagem feminina, com alto teor de sensualidade, erotismo e sedução, adentra a umbanda também como uma figura feminina ímpar, mas representante de outra faceta da condição feminina. Não ao lado de Iemanjá, mas junto com esta, assume a condição de grande entidade feminina por excelência, compondo um modelo complementar e contrastante de atributos assumidos por Iemanjá. Até o momento, não é possível uma afirmação precisa acerca do provável surgimento dessa entidade. No entanto, tudo indica que, ao contrário daquela orixá africana, Pombagira tenha “nascido” em solo brasileiro, entidade “nativa”, talvez carioca, e que recebeu, desde seus inícios, forte conteúdo de padrões valorativos socioculturais de sua época. Pombagira seria um modelo de feminino existente em termos nacionais, mas não um exemplo a ser seguido – assim dizem, ou diziam. Sua imagem remete a padrões éticos, morais e conceituais presentes na sociedade brasileira em termos de negação e recusa de alguns atributos femininos nela representados.

Pombagira é a mulher “da vida”, mulher da rua, a mundana, a cortesã. Se Iemanjá é a grande Mãe, Pombagira é a “Outra”, a amante, segundo os valores contidos em uma sociedade ainda com forte conteúdo machista e conservadora. Sob outro enfoque, entretanto, Pombagira também é a mulher sensual, sexuada, livre, alegre e independente. Culto e sociedade a encaminharam para o lado de fora – do terreiro e da casa – Pombagira tornou-se Exu, um Exu-mulher. No culto umbandista, presencia-se a existência de duas modalidades inequívocas de feminino, altamente diferenciadas: uma orixá; outra, Exu. A “direita” e a “esquerda”, a “luz” e as “trevas” umbandista dispõem de sua máxima representação feminina; ambas, detentoras de poder, força e um sem-número de adeptos e fiéis, que a elas recorrem – em momentos distintos, é verdade – mas sempre lembradas e solicitadas. Se Iemanjá representa o ideal, Pombagira representa o marginal – seu contraponto social, presente num culto com acentuada influência e recorte sócio-cultural de sua época. Iemanjá adentra a umbanda como a grande Mãe e modelo feminino. Pombagira, a grande cortesã de umbanda, penetra o mesmo culto também como um grande símbolo de força e poder feminino. Ambas respeitadas, homenageadas e cultuadas pelo povo de santo, com culto próprio e estabelecido. As duas, presentes e atuantes na religião e no imaginário popular. A umbanda incorpora, possibilita, cultua e divulga duas imagens de feminino absolutamente contrastantes e específicas. Uma religião múltipla que evidencia também múltiplas formas de compreender, conviver e abordar uma dimensão tão humana, e por isso, tão complexa como é a sexualidade, especificamente a sexualidade feminina.

Em Iemanjá e Pombagira são multifacetadas as formas de abordagem e interpretação oferecidas por essa modalidade religiosa acerca da sexualidade feminina dentro de um culto que oscila entre a manutenção e a preservação dos valores e normas éticas e morais da sociedade global ou a contestação e a reinvenção dessas mesmas normas. Na umbanda, Iemanjá apresenta como característica primeira sua grande força maternal. Iemanjá é a Grande Mãe afro-brasileira. De todos os seus atributos femininos, talvez este seja o que mais se destaca e se divulga. No entanto, Iemanjá, enquanto orixá feminina, apresenta outros traços que a remetem a um feminino forte, guerreiro, ativo, amante ardorosa e sexuada, como relatam alguns de seus mitos africanos. Assim sendo, há que se questionar como a umbanda absorve e reinterpreta tais mitos, remodelando a imagem dessa orixá. Em qual de suas representações seus atributos femininos mais

ousados estariam resguardados ou contemplados? Como essa modalidade religiosa lida com Iemanjá Mãe e Iemanjá Sereia; a amante dos pescadores bonitos de alto-mar e a mãe protetora, quase assexuada, guia e senhora das cabeças e da vida de seus filhos de fé? Enfim, deve-se questionar como a Umbanda compreende, assimila e oferta sua própria representação e simbologia de Iemanjá. Em Pombagira, desponta a pulsão sexual feminina ostensiva e contundente, sem controle. O que teria levado a umbanda a engendrar uma tal entidade tão forte e agressiva em termos de sexualidade feminina? Se o feminino representado por Iemanjá é tão pleno, por que então o surgimento e assimilação de Pombagira como também grande símbolo feminino dentro do culto? De um lado, a umbanda apresenta a figura etérea e amável de Iemanjá como a Grande Mãe e feminino suave; de outro, presta culto e devoção à Pombagira, símbolo de um feminino extravagante e incontido. O que, de fato, essa religião propõe em termos de imagem ou modelo feminino em sua doutrina e culto?

Enquanto modalidade religiosa com acentuado recorte social, como a mesma compreende a dimensão da sexualidade feminina e o que oferece como proposta sobre esse assunto? Em relação à sua dinâmica cultural, há que se questionar o que teria levado a umbanda a distanciar de modo tão ostensivo o imaginário feminino da mãe – Iemanjá – e o da mulher librada – Pombagira?

Quanto a Pombagira, qual seria, de fato, dentro do culto umbandista, a imagem de feminino que representa na atualidade? Seria a visão de um novo ideal de mulher liberada, segura de si e de sua sexualidade ou perdura o ideal tradicional de feminino libertino, devasso e prostituído?

**FONTE 2**

Figura 2 –Iemanjá e Pombagira



FONTE: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 5, 2003.

**ATIVIDADE5**

1. A partir da fonte 1, responda:

a) Como Iemanjá é descrita.

---



---



---

b) Como Pombagira é descrita.

---



---



---

2. A partir da fonte 2, descreva:

a) Iemanjá:

---



---

b) Pombagira:

---



---



---

**PROPOSTA 6****JORNAL COMO FONTE HISTÓRICA****Objetivos:**

- Conhecer a visão do jornal sobre o tema Umbanda.
- Perceber por quais motivos havia perseguição religiosa relacionada à Umbanda.

**FONTE 1**

Intolerância marca trajetória das religiões de origem africana no Brasil<sup>38</sup>

No mês de setembro, mais de 200 peças pertencentes a religiões de matriz africana apreendidas pela Polícia Civil do Rio de Janeiro foram transferidas ao Museu da República, depois de anos de negociação. Os itens, que estavam no Museu da Polícia Civil, faziam parte da Coleção Magia Negra, assim denominada porque, na época em que foram apreendidos, entre 1889 e 1945, a intolerância a essas práticas religiosas era legitimada pelo Código Penal.

Vagner Gonçalves da Silva, professor associado do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, explica que a repressão às religiosidades afro-brasileiras começa bem antes dessa legitimação por leis, já que “é parte constituinte da história da sociedade brasileira”.

Desde o Brasil Colônia, essas religiosidades são alvo do catolicismo, religião obrigatória à época. No Brasil Império, têm-se as primeiras notícias de jornais de terreiros instalados em espaços urbanos. “Lembrando que o terreiro é a forma de organização negro-brasileira. A gente pode, grosso modo, chamá-lo de um templo, mas não é apenas isso. É um espaço muito mais amplo: além de práticas religiosas, envolve práticas culturais, relacionadas a uma visão de mundo, que envolve música, dança, culinária e estética”, aponta Silva.

Durante todo esse período resgatado pelo professor, os terreiros sofreram constantes invasões por parte do Estado e da polícia. Nessas invasões é que os

---

<sup>38</sup> Militão, Bruno. Intolerância marca trajetória das religiões de origem africana no Brasil. Jornal da USP 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/intolerancia-marca-trajetoria-das-religoes-de-origem-africana-no-brasil/>

assentamentos, como esses objetos sagrados devem ser chamados, foram apreendidos. Segundo Silva, os assentamentos são formas com as quais as divindades são sacralizadas e constituem-se de potes, cuias, objetos litúrgicos, como ferramentas e arco e flecha, bonecas, pedras, fios de contas, dentre outros.

O problema das apreensões, além, claro, da violência dirigida a essas comunidades, é o fato de tratar esses assentamentos, que são objetos sacralizados, como provas de crime. Com a realocação deles para o Museu da República, depois de um movimento significativo das lideranças religiosas e do movimento negro, reconhece-se o valor cultural e religioso dos assentamentos.

Silva explica que, hoje, a figura do Estado, agindo por meio da repressão policial nos terreiros, não é muito presente. No entanto, a preocupação com o desenvolvimento dessas religiosidades continua, já que a intolerância se mostra por meio de outros grupos.

## **FONTE 2**

### **O Poder dos Candomblés – Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia**

No livro *O Poder dos Candomblés – Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia*<sup>39</sup> Edmar Ferreira Santos faz uma análise do discurso sobre as práticas lúdicas e religiosas afro-baianas, veiculado nas notícias do conservador jornal *A Ordem*. Mostra como o jornal apresenta um discurso de ódio em relação às religiões de origem africana. A notícia é de 1921.

[...] nós apelamos para o Sr. tenente Laudelino de Paiva, delegado de polícia, no sentido de s.s. pôr termo à corrupção que se desenvolve, se dissemina, se alastra medonhamente nessa pobre terra abandonada. S.s. tem os meios necessários e próprios para quebrar os candomblés, fechar as baiúcas, onde se jogam o monte, a ronda, as três cartinhas, escancaradamente, frear a infância abandonada, proibir o pé-bola que a molecagem insólita e atrevida pratica nos passeios largos das vias públicas, estancar o fluxo dos abusos imorais e manter a Cachoeira à altura do nome de cidade culta e civilizada. Esse o mais importante serviço que s.s., o Sr. delegado Paiva, prestará a esta terra. (SANTOS, 2009, p. 131)

---

<sup>39</sup>SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

A Cachoeira, nos tempos, que vão longe, do nefasto predomínio do Sr. Ubaldino de Assis, era um feudo de feiticeiros, praticava-se a missa negra nas imediações e, mesmo, dentro da cidade, as escancaradas, desavergonhadamente. A polícia protegia os feiticeiros. As autoridades, naqueles ingratos tempos de grossas patifarias e ladravacidades, concedia-as, fazerem adorações a Ogan e outros de igual e risível quilate (SANTOS, 2009, p. 137).

## ATIVIDADE 6

1. A partir da fonte 1, responda:

a) Qual é o assunto da notícia.

---



---

b) Por que os terreiros sofreram constantes invasões por parte do Estado e da polícia.

---



---



---

2. Sobre a fonte 2, responda:

a) Como o Jornal A Ordem representava os Candomblés da Bahia.

---



---



---

3. Você acredita que nos dias atuais ainda existe preconceito e perseguição em relação às religiões afro-brasileiras? Faça uma pesquisa sobre o assunto e leve para sala de aula para compartilhar com os colegas.

### PROPOSTA 7

#### Homenagem a Oxalá

##### Objetivos:

- Conhecer a festa do Bonfim.
- Analisar a presença feminina no evento.
- Reconhecer o sincretismo religioso.

**FONTE 1:****Nas escadarias da Igreja do Bonfim, na Bahia, uma homenagem a Oxalá<sup>40</sup>.**

O início da história da Igreja do Bonfim data de 1745, quando o capitão Teodósio Rodrigues Farias viajava para a Província da Bahia. Ocorreram problemas com sua nau, que trazia a imagem do Senhor do Bonfim. Para que chegasse a salvo na Bahia, o capitão prometeu ao Senhor do Bonfim uma igreja com seu nome, num local bem alto, onde pudesse acompanhar a entrada na Bahia de Todos os Santos. Ele cumpriu a promessa, construindo a igreja numa colina a beira mar, em 1772. Desde 1773, a igreja, bem como o terreno em sua volta, é um local de comemoração.

Em 1998, a igreja foi reformada dando continuidade à tradicional festa do Senhor do Bonfim, realizada em janeiro, com data móvel, mas sempre na segunda quinta-feira do mês, após o dia de Reis, na Cidade Baixa, Salvador. A festa do maior santo de devoção popular na Bahia sempre emocionou a todos e, devido a isso, ele foi escolhido para representar Oxalá, sincretizando Jesus Cristo.

O hino do Senhor do Bonfim e os fogos de artifício anunciaram o início da caminhada e centenas de pessoas vestidas de branco acompanharam o cortejo, que foi da Basílica da Conceição da Praia até a colina sagrada da igreja, um percurso de mais de oito quilômetros, onde mães e filhas de santo carregaram jarros de flores e água de cheiro, perfumadas com ervas, alfazema e flores e, chegando lá, lavaram o adro e as escadarias da igreja.

Também ocorre uma novena, a missa solene e a festa profana, com blocos de grupos culturais que completam essa comemoração popular que duram dias.

A famosa festa do Bonfim atrai milhares de fiéis baianos, turistas, grupos culturais e políticos, que acompanham toda a comemoração e aproveitam para fazer promessas e agradecer as graças alcançadas. É a maior manifestação popular da Bahia depois do carnaval.

Oxalá: o Orixá da sabedoria – ele é o pai de todos os Orixás, é o mais velho e o primeiro a ser criado. Transmite aos seus filhos suas características mais soberbas: calma, respeitabilidade, força de vontade, confiabilidade, sabedoria, paternidade. É o senhor do elemento ar, do poder da fala, da união de todas as cores existentes. Senhor da paz, da arte e sabedoria humana.

---

<sup>40</sup>Revista Espiritual de Umbanda (Collection)

No Brasil, Oxalá adquire maior abrangência, especialmente na Umbanda, onde é sincretizado como Nosso Senhor Jesus Cristo. Nos altares de Umbanda é comum vermos a figura tranqüilizadora de Cristo, de braços abertos e não numa cruz, oferecendo seu amor e caridade, indistintamente a todos, emitindo a luz do conhecimento espiritual, esclarecendo questões e apaziguando conflitos.

Oxalá é a autoridade suprema na Umbanda, ele é quem dá as ordens a todos os Orixás para virem até a Terra ajudar seus filhos. Não há incorporação de Oxalá na Umbanda.

Cor: branca. Santo católico: Cristo, Espírito Santo, Senhor do Bonfim.  
Caracterização: velhice, sabedoria, paternidade.

## FONTE 2:

Figura 3 - Festa do Bonfim



Fonte: Revista Espiritual de Umbanda Collection nº 1, 2003.

**ATIVIDADE 7**

1. Sobre a fonte 1, responda:

a) O que é sincretismo religioso?

---

---

---

b) Como ocorre o sincretismo religioso nos rituais do Senhor do Bonfim?

---

---

2. Sobre a fonte 2, descreva:

a) O que as mulheres estão fazendo.

---

---

---

b) Qual a importância desta festa para os baianos.

---

---

---

---

c) Como as mulheres estão representadas.

---

---

---

**PROPOSTA 8****A Umbanda é uma religião autenticamente brasileira****Objetivos:**

- Conhecer a história da Umbanda.
- Conhecer a teologia umbandista.
- Analisar por que as religiões são criadas pelos homens e não pelas mulheres.

Para refletir

- Por que as religiões são criadas pelos homens e não pelas mulheres?
- Por que grande a maioria dos textos presentes na revista Espiritual de Umbanda são escritos por homens e não pelas mulheres?
- Por que os textos que fundamentam a Umbanda são escritos por homens brancos?

## **FONTE 1**

### **A Umbanda é uma religião autenticamente brasileira<sup>41</sup>**

Em trecho de autoria de Álvares Pessoa, no livro “Umbanda, Religião do Brasil”: Aproveitando a enorme aceitação dos fenômenos espíritas por parte dos brasileiros, no início do século XX, Entidades que presidem o destino espiritual da raça resolveram levar avante a árdua tarefa de lhes dar uma religião que fosse genuinamente brasileira. Porque, filho de três raças – a branca, a negra e a indígena -, não era justo que coubesse ao brasileiro, como imposição, uma religião 100% importada e que não reunisse os anseios das três raças a que pertence.

A religião que lhes estava destinada deveria ser eclética, cujas características principais fossem a caridade, a humildade e a perfeita tolerância para com a imensa ignorância dos homens. Realizando o ideal preconizado, como representante dos anseios das três raças, foi estabelecida então no Brasil, a partir de 1908, a Religião de Umbanda.

Em essência, a Umbanda fundamenta-se nos seguintes princípios básicos:

1. Na existência de Deus, Único, Onipotente, adorado sob vários nomes;
2. Na crença em um Orixá Maior – Oxalá – Jesus Cristo;
3. Na crença em entidades espirituais em Plano superior – Os Orixás chefiados por falanges;
4. Na crença em guias Espirituais, mensageiros dos Orixás (Caboclos e Pretos Velhos);
5. Na existência do Espírito sobrevivendo ao homem em caminho de evolução, buscando o aperfeiçoamento;

---

<sup>41</sup>Revista Espiritual de Umbanda Collection

6. Na crença na reencarnação e na Lei do Carma, Causa e Efeito;
7. Na prática da mediunidade sob as mais variadas apresentações;
8. Na afirmação de que as Religiões constituem os diversos caminhos da Evolução Espiritual, que conduzem a Deus;
9. Na prática da caridade material e espiritual;
10. Na necessidade do ritual como elemento disciplinador dos trabalhos;
11. Na crença de que o homem vive num campo de vibrações que condicionam sua vida para o bem ou para o mal, conforme sua própria tônica vibratória.

### ATIVIDADE

1. Relacione os princípios da Umbanda com o sincretismo Cristão, indígena, africano e espírita. (colocar somente os números; os números podem se repetir)

<b>Cristão</b>	<b>Africano</b>	<b>Indígena</b>	<b>Espírita</b>

2. A Umbanda surgiu a partir do sincretismo religioso, Cristão, Africano, Indígena e Espírita. As mulheres são líderes de muitos terreiros e seus ensinamentos foram transmitidos oralmente por muito tempo. Porém sua teologia vem sendo construída pelos homens. Qual a explicação para isso?

---



---



---

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de nossas atividades sobre as mulheres na Umbanda desbravando as páginas da Revista Espiritual de Umbanda (collection). Espero que vocês tenham conseguido compreender as principais características da Umbanda e como as mulheres são representadas nesta religião através da referida revista no período de 2003 a 2008.

Espero que a partir de agora quando abrirem um jornal, uma revista ou uma notícia qualquer vocês saibam identificar e analisar as características do que está

escrito, de forma que compreendam o propósito daquela informação. E se realmente o que foi passado corresponde à verdade.

Analisar as representações dos femininos na Revista Espiritual de Umbanda possibilitou um conhecimento mais abrangente em relação às lideranças das mulheres nesta religião. Percebendo desta forma um protagonismo maior nos rituais religiosos. Por outro lado percebeu-se que são os homens que são colocados como destaque nas páginas da revista. São eles que elaboram a teologia escrita da religião, assim como a maior parte das entrevistas e imagens são direcionadas aos homens.

As mulheres são pouco representadas na revista mesmo que nos terreiros exerçam uma liderança significativa. Menos ainda as mulheres negras que aparecem apenas em algumas situações. São elas: Mãe Dalva (zeladora de Pai Paulinho); as baianas na festa do Senhor do Bonfim; Juliana Penha que entrevista Ronaldo Linares.

Então, vamos pensar que a Umbanda é uma religião que apresenta características católicas, indígenas, espíritas e dos africanos, porém pouco representa os negros e as mulheres na revista.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean Claude. “A abordagem estrutural das representações sociais”. Tradução de Pedro Humberto Faria Campos. In: Moreira, A. S. P. e Oliveira, D. C. (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia, AB. 1998.

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda**. Orientador: Volney José Berkenbrok. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21271679-Cristiane-amaral-de-barros-iemanja-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.html>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BERNARDO, Teresinha. **A mulher no candomblé e na umbanda**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3241>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BERNARDO, Teresinha. **O Candomblé e o Poder Feminino**. 2005. Artigo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 1-21, 2005. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

BIRMAN, Patrícia. Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; EdUERJ, 1995.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Rev. Estudo Fem.** Vol. 13 n. 2 Florianópolis, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes **Ensino de História, fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

CACCIATORE, Olga Gudolle. 1988. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. **O poder feminino no culto dos orixás**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Summus; Selo Negro, 2008.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Ângela Ribeiro. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

COSTA, Oli Santos da. **A Pombagira: Ressignificação Mítica da Deusa Lilith**. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e Escrava Uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIOVANNETTI, Carolina; SALES, Shirlei Rezende. Histórias das Mulheres na BNCC do Ensino Médio: o silêncio persiste. **Revista Eletrônica: História em Reflexão**, Dourados, v. 14, n. 27, p. 251-277, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12182/6086>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

JODELET, Denise. (2001) **Representações Sociais: um domínio em expansão**. In D. Jodelet (Org.) *As Representações Sociais*(pp. 17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 1967. Publicado originalmente em 1947. 2 ed. 2002.

LINARES, Ronaldo Antonio. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: teoria e política**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 9-27

MILITÃO, Bruno. **Intolerância marca trajetória das religiões de origem africana no Brasil**. *Jornal da USP* 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/intolerancia-marca-trajetoria-das-religoes-de-origem-africana-no-brasil/>. Acesso em 18 ago. 2021.

MOSCOVICI, Sergé. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes. 2003.

NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski. *Avante, filhos de fé” – Umbanda e suas práticas ritualísticas*. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável-PPGDTS) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/67783/R%20-%20D%20-%20ADRIANA%20CRISTINA%20ZIELINSKI%20DO%20NASCIMENTO.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 2021.

PRANDI, Reginaldo. *Modernidade e Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do Século XX*. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1º sem. 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/xDMV696nGWKw6QYJK7k6Q5S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2021.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 15, n. 2, 1990.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares*. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 123-150, 2013. Artigo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xggQmhckhC9mPwSYPJWFbND/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Selma Maria da. **A mulher na Umbanda: Entre a cruz e a encruzilhada. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)** – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 03, p. 556 – 571, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/rzhdT5gCxpg8sfQm4kzWZCw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia**, Florianópolis, v. 41, n. 3, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

## CONCLUSÃO

Ao final deste estudo, que visava analisar como os femininos eram representados na Revista Espiritual de Umbanda, verificou-se algumas questões relacionadas ao feminino e as questões de poder masculinas. Algumas mudanças, porém muitas permanências em suas estruturas religiosas. Lembrando que não podemos falar a Umbanda, mas as Umbandas devido à diversidade de terreiros e conseqüentemente de ritualísticas. Alguns pontos devem ser destacados.

De acordo com a revista, a primeira tenda chamou-se Tenda Nossa Senhora da Piedade. Tenda para evidenciar um espaço de humildade perante Deus. Religião fundada por um homem branco que queria poder incorporar espíritos considerados inferiores e acolher todos os tipos de pessoas. Mas que com o tempo vai assumindo características do catolicismo e tentando apagar suas heranças negras. Mesclou-se com alguns rituais do Candomblé. Nesta religião onde a mulher consegue mais autonomia e exercer postos de liderança. Porém, à medida que a Umbanda vai se afastando do Candomblé, vai diminuindo a presença feminina nos postos de liderança.

Falar de religião e gênero não é uma tarefa fácil, visto que envolve uma série de questões e pontos de vista diferentes. Propus analisar as representações dos femininos na revista com o intuito de verificar os avanços ou retrocessos do empoderamento feminino na Umbanda. Desta forma ao longo do trabalho buscou-se enfocar nas representações dos femininos, sejam elas mulheres ou entidades.

Pelo fato da Umbanda ser uma religião afro-brasileira, imagina-se a princípio que na revista ocorrerá um grande destaque aos negros e sobretudo, as mulheres, mas não é o que acontece. As mulheres que aparecem na revista são brancas. Mas o que se percebe é a predominância masculina na revista, seja na escrita teológica umbandista, programas de rádio, entrevistas e na construção do Santuário Nacional de Umbanda (Santuário Ecológico da Serra do Mar) organizado por Ronaldo Linares.

Segundo as representações da revista, o poder pertence aos homens brancos e em segundo lugar as mulheres brancas. Portanto, as capas legitimam relações de poder e negam as heranças africanas.

A Umbanda busca reinterpretar a tradição afro-brasileira, a partir do conceito cristão de certo e errado. Dessa forma, as representações das mulheres e orixás

são realizadas na revista a partir dessas concepções. Conseqüentemente, os orixás da umbanda são entidades brancas, enquanto Exu é a única divindade que conserva ainda traços de seu passado negro e desta forma está associado ao reino das trevas.

Iemanjá é representada para o povo de santo umbandista com as características herdadas do cristianismo, ou seja, branca, jovem, cabelos longos e negros; pura, sedutora e sereia. Está associada à virgem Maria e desta forma a grande Mãe, uma católica e outra afro-brasileira.

Por outro lado temos Pombagira caracterizada nos terreiros umbandistas como sensual e mulher da vida mas que não aparece na revista.

Apesar da participação feminina nos rituais religiosos a escrita umbandista, divulgada no periódico, é predominantemente masculina. Percebe-se o silenciamento das mulheres em relação à Teologia. Desta forma a escrita umbandista expressa uma relação de poder masculina que tem a finalidade de apagar ou silenciar a presença feminina dos assuntos religiosos.

Assim sendo o ensino de história tem a finalidade de despertar nos alunos uma consciência crítica em relação às questões de gênero e religião para que os alunos tomem consciência de que a sociedade precisa se transformar. Que homens e mulheres têm os mesmos direitos e potencialidades no desenvolver de suas atividades.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean Claude. "A abordagem estrutural das representações sociais". Tradução de Pedro Humberto Faria Campos. In: Moreira, A. S. P. e Oliveira, D. C. (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia, AB. 1998.

ALMEIDA, Jane Soares de. As Relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na Sociedade. **Série Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, Campo Grande/MS, v. 31, p. 165-181, jan./jun 2011.

ALVES, Luis. **Ogãs vão ganhar registro de músicos profissionais**, 2018. Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/ogas-vaio-ganhar-registro-de-musicos-profissionais/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral; co-autoria e edição Paulo Geiger. **Dicionário histórico de religiões**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda**. Orientador: Volney José Berkenbrok. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21271679-Cristiane-amaral-de-barros-iananja-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.html>. Acesso em: 06 jan. 2021.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras**. São Paulo, Difel e Edusp, 1974.

BASTOS, Dani. **Matriarcado e fé: a história de Mãe Fátima de Oxum**. Editora Universitária, Recife, 2014.

BASTOS, Ivana Silva. A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileiras. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Pernambuco, v. 4, n. 14, p. 156-165, set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46959/28202>. Acesso em: 18 mai. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BERGER, Peter Ludwig **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERNARDO, Teresinha. **A mulher no candomblé e na umbanda**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, . São Paulo, 1986. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3241>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BERNARDO, Teresinha. **O Candomblé e o Poder Feminino**. 2005. Artigo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 1-21, 2005. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros: possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; EdUERJ, 1995.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Rev. Estudo Fem.** Vol. 13 n. 2 Florianópolis, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História, fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental e Médio. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BURKE, Peter, **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CACCIATORE, Olga Gudolle. 1988. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>. Acesso em: 05/02/2021.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1957.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. O poder feminino no culto dos orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Summus; Selo Negro, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHOPPIN, Alain. **O historiador e o livro escolar**. História da Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2002.

COLEÇÃO – **Revista Espiritual de Umbanda**. São Paulo: Editora Escala. Números 01, 2003; 05,2003; 07,2004; 08,2005

COLLING, Ana Maria.; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. **Revista História & Perspectivas**, v. 28, n. 53, 5 jan. 2015.

CONCONE, Maria Helena; REZENDE, Eliane Garcia. Entre passes, plantas e garrafadas: a busca da cura. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. (Orgs.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo, 2012. p. 201-219.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS. Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIADE, Mircea; FERNANDES, Rogério. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 1992.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, 1a edição.

FARELLI, Maria Helena. **Os Conjuros de Maria Padilha, A verdadeira História da Rainha Padilha, de seus trabalhos de magia e de suas rezas infalíveis**. 3a ed. Riode Janeiro: Pallas, 2006.

FERNANDES, JOSÉ Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. 2005. Artigo, Unicamp – Campinas, 2005.

FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco. **Silêncio e educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2011.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. In: **ANAIS DO SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO**

**NACIONAL DE HISTÓRIA**, 20., 1999, Florianópolis. Anais [...]. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP; ANPUH, 1999. p. 203-212. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/21-snh20?start=20>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FORCHEZATTO, Domingos.; GIANNONI, Maria Alice.; SANTOS, Maria Elidiados. **Umbanda Branca e Cristã**. Campinas, SP: R. Vieira, 1999.

GAARDER, Jostein, 1952- **O livro das religiões** / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Tânia da Costa. **O “it verde e amarelo” de Carmen Miranda**, (1930-1946). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e Escrava Uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

GIOVANNETTI, Carolina; SALES, Shirlei Rezende. Histórias das Mulheres na BNCC do Ensino Médio: o silêncio persiste. **Revista Eletrônica: História em Reflexão**, Dourados, v. 14, n. 27, p. 251-277, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12182/6086>. Acesso em: 25 nov. 2021.

GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da História. In: LIMA, Lana L. a Gama et alli. **História & Religião**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 13-24.

GOMES, Joaquim Benedito. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Artigo, Belo Horizonte, 2012.

ISAIA, Artur Cesar. Ordenar Progredindo: A Obra dos Intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do Século XX. In: **Anos 90**. Porto Alegre, nº 11, julho de 1999.

JODELET, Denise. (2001) Representações Sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.) **As Representações Sociais**(pp. 17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.

JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (org.). **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

JUNG, Gustav. Carl. **A civilização em transição**. Petrópolis, Vozes, 1993.

KAITEL, Alexandre Frank Silva e SANTOS, Guaraci Maximiano dos. Conhecendo a Umbanda: uma tipologia sob o prisma Bantu. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 60-87, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Micro/AppData/Local/Temp/>. Acesso em: 05 maio 2021.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Publicado originalmente em 1947. 2 ed. 2002.

LINARES, Ronaldo Antonio. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2017.

LOPES, Helena Theodoro. A Sexualidade nos Cultos de Origem Africana- O Culto de Iansã e a Sexualidade das Mulheres Negras no Brasil. **Revista brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2020. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/569/512](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/569/512). Acesso em: 18 jun. 2021.

LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARIANO, Agnes. Mães de santo. Histórias do povo negro. **Arquivo Diário**, [S.l.]. 8 nov. 2007. Disponível em: <https://historiasdopovonegro.wordwordpress.com/2007/11/08/maes-de-santo/>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARQUES, Ana Maria; ALBUQUERQUE, Ana Carolina do Nascimento. Mulheres e a história aprendida nos livros didáticos: análise de coleções didáticas. **Fronteiras: Revista de História**, Mato Grosso, v. 22, n. 39, 2020.

MARTINS, Giovani. **Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina**. Florianópolis: Edição do autor, 2006.

MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. **Macumbas e Candomblés na Umbanda**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1983.

MATTA E SILVA, Woodrow Wilson da. **Umbanda de todos nós**. São Paulo: Ícone, 17ª ed. 2016.

MEAD, Margareth. (1949). **Macho e fêmea**. (M. M. Moura, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 9-27.

MILLETT, Kate. **Sexual politics**. University of Illinois Press, 2000.

MORIN, Edgard. **O homem e a morte. Portugal, Publicações Europa-América, 1988. O paradigma perdido**. Portugal, Publicações Europa-América, 5a. edição, 1991.

MOSCOVICI, Sergé. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Moscovici, Sergé. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes. 2003.

MOURA, Mariana Mendes. **Narrativas e masculinidades no Reino da Pombagira em Salvador**. 2018. Doutorado em Antropologia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24419>. Acesso em: 10 out. 2021.

NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski. Avante, filhos de fé” – Umbanda e suas práticas ritualísticas. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável-PPGDTS) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/67783/R%20-%20D%20-%20ADRIANA%20CRISTINA%20ZIELINSKI%20DO%20NASCIMENTO.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 2021.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares do. Candomblé e Umbanda: Práticas Religiosas da Identidade Negra no Brasil. **RBSE (Revista Brasileira de Sociologia da Emoção)**, Pernambuco, v. 9. n. 27, p. 923 – 944, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/AlessandraArt.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

NOGUEIRA, Leo Carrer. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. **Revista Estudos Feministas** 2005. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 363 – 365, maio/ago. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/nRcbPDMxNSx4v3nYSfvFxFd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 mar. 2021.

NUNES NETO, Francisco Antonio. **A Invenção de uma Tradição: a Festa do Senhor do Bonfim em Jornais Baianos**. 2014. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15092/1/Tese%20Francisco.pdf>. Acesso em 02 jun. 2021.

OLIVEIRA, Irene Dias de; JORGE, Erica Ferreira da Cunha. Espiritualidade umbandista: recriando espaços de inclusão. In: **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 29-52, mar. 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p29>. Acesso em: 05 maio 2021.

OMULU, Caio de. **Umbanda Omolocô: Liturgia, Rito e Convergência** (na Visão de um Adepto). São Paulo: Ícone Editora, 2002.

ORTIZ, Renato. (1991). **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade**. São Paulo: Brasiliense.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. São Paulo, 2005.

PIERUCCI, Antonio Flavio. (2000). As religiões no Brasil. In J. Gaarder, V. Hellern, & H. Notaker (Eds.), **O livro das religiões** (pp. 281-302). São Paulo: Companhia das Letras.

PINHEIRO, André de Oliveira. **Revista Espiritual de Umbanda: mito fundador, tradição e tensões no campo umbandista**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PRANDI, Reginaldo. DE AFRICANO A AFRO-BRASILEIRO: ETNIA, IDENTIDADE, RELIGIÃO. **Revista USP**, São Paulo, v. 46, p. 52-65, jun./ago. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i46p52-65>. Acesso em: 22 maio 2021.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade e Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do Século XX. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1º sem. 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/xDMV696nGWKw6QYJK7k6Q5S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

PRIORE, Mary Del História das mulheres: as vozes do silêncio. in: FREITAS, M. C. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 217-235.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 1990. Tese (Doutorado em

História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1990.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (org.) **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed..Mulheres,1998.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Representações didáticas no Brasil Colonial**. ETD – Educação Temática Digital, v.8, n.2, p. 53-68, jun. 2007.

ROBERTO, Thábata Castro. **Quando é Presente de lemanjá, a cidade ganha a festa. Fotografia e rituais públicos afro-brasileiros a partir do Rio de Janeiro 2019**. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Uma História dos Annales (1921- 2001)**. Trad. Jurandir Malerba - Maringá: Eduem, 2004.

RONTON, Josef. **Sacramentos da Umbanda Mística**. São Paulo: Ícone Editora, 1989.

RONTON, Josef. **Trabalhos de Umbanda-Canjerê**. São Paulo: Ícone Editora, 1994.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

Sá, C. P. (2015). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In M. J. Spink (Org.), **O conhecimento no cotidiano**. As representações sociais na perspectiva da psicologia social (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense.

SALVA, Sueli; RAMOS, Ethiana Sarachin; OLIVEIRA, Keila de. Relações de Gênero e Educação: Fronteiras Invisíveis que demarcam modos de ser. **Revista Roteiro**. Joaçaba, v.39, n.1, p. 217-240, jan./jun. 2014.

SAMPAIO, Gabriela. **A História do Feiticeiro Juca Rosa: Matrizes Culturais da África Subsaariana em Rituais Religiosos Brasileiros do Século XIX**. São Paulo: Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jaqueline Sant'Ana Martins dos. **“Mulheres de santo”: gênero e liderança feminina no candomblé**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 47-58, 2018. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/nganhu/article/download/1856/1327>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SANTOS JÚNIOR, Osvaldo de Oliveira. Educação das Relações Étnico-raciais na Trajetória das Lutas dos Afro-brasileiros. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 83-96, jan. jun. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/7558/5869>. Acesso em: 14 set. 2021.

SANTOS, Maria José dos; BRAGA, Graça Elenice dos Santos. **O reconhecimento da cultura afro-brasileira no processo educativo: o currículo e as práticas escolares**, São Paulo. Disponível em: <[https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=11918](https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=11918)> Acesso em: 29/09/2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez, 1977, 103 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 15, n. 2, 1990.

SCOTT, Parry. "O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico". In: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1990.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). **Candomblé: Religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 123-150, 2013. Artigo, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xggQmhckhC9mPwSYPJWFbND/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Rafael Ferreira. **Educando pela diferença para a igualdade: professores, identidade profissional e formação contínua**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994. p. 99-149.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa**. UnivespTV[S.l.: s.n.], 2015.

SILVEIRA, Renato. da (2000). **Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon-efon, ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha (1764 – 1851)**. Petrópolis: Vozes (Revista Cultura).

SODRÉ, Muniz. (1999). **Claros e Escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil**. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.

SOUZA, Clara Marques. Entre avanços e desafios: a representação de mulheres negras em dois livros didáticos de História do Ensino Fundamental. **REHR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12313/6081>. Acesso em: 28 set. 2021.

TAVARES, Odorico. Bahia. **Imagens da terra e do povo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Relações de Gênero e a História das Mulheres Camponesas**. La Salle, Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 14, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/download/143/160>. Acesso em: 27 maio 2021.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Lorigum – Identidades sexuais e poder no candomblé. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (Org.). **Candomblé: Religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a Bandeira de Oxalá!**: Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. 2001. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História.doc** 7º Ano. 3ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2019.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia**, Florianópolis, v. 41, n. 3, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida M. Análise das representações e narrativas sobre a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em livros didáticos do ensino médio em Cuiabá/MT. **História e Ensino**, Londrina, v. 25, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/34670/25775>. Acesso em: 14 nov. 2021.

**ANEXOS**

## **Anexo A: Entrevistas com homens**

1. Pai Paulinho
2. Você pergunta e a Umbanda responde: Victor Rebelo
3. As várias faces da espiritualidade: Marques Rebelo/Texto Juliana Penha.
4. O Médiun: Rubens Saraceni.
5. A ordem iniciática do Cruzeiro Divino.
6. Perfil: Ronaldo Linares com texto de Juliana Penha.
7. Umbanda com Jesus - Marques Rebelo entrevista Pai Juruá.
8. Povo cigano – Flávio Nalini.
9. A Psicografia de Norberto Peixoto – Norberto Peixoto – Entrevista por Marques Rebelo.- psicografou 4 livros de Ramatis.
10. Wagner Veneziani – Entrevista Marques Rebelo.
11. Federação Espírita Guardiões da Luz – Nelson Pires – Entrevista Marques Rebelo.
12. A Umbanda contra-ataca – precisamos fazer valer nossos direitos – Advogado Antonio Basílio – Entrevista Marques Rebelo.
13. Entrevista com Ricardo Ribeiro – chefe de templo de Umbanda.
14. Templo de Umbanda “Barracão Pai José de Aruanda – sacerdote Alexandre.
15. Magia negra, elementais, pretos velhos e caboclos sob a ótica Espírita – Robson Pinheiro (Romance Mediúnico Ângelo Inácio). – Entrevista Virgínia Rodrigues.
16. A Corimba e os tambores sagrados – Pai Severino – Marques Rebelo.
17. Tenda de Umbanda Ogum Beira Mar – Pai Antonio (Virgínia Rodrigues).

**Anexo B: Entrevistas mulheres:**

1. Você pergunta e a Umbanda responde: Mãe Maria Aparecida.
2. Mãe Nancy expande a cultura da Umbanda para o mundo – Mãe Nancy entrevistada por Marques Rebelo.
3. História da primeira manifestação da Umbanda com Zélio Fernandino de Moraes.
4. A ordem iniciática do Cruzeiro Divino:
5. Nas escadarias da Igreja do Bonfim.
6. Evangelização Infantil na Umbanda – Dóris Carajilescov Pires.

### **Anexo C: Textos homens**

1. Oxalá Supremo – José Ribeiro
2. Kimbanda – as forças do mal, lado oposto ao bem – Aluizio Fontenelli.
3. Nem diabo, nem obsessão: força positiva, negativa e neutra. – Celso Rosa.
4. Matta e Silva e a Quimbanda – W.W. da Mata e Silva.
5. Divino Pai Omulu – Alexandre Cumino.
6. Desencarnes coletivos – Espírito Pedro Miguel recebido pelo médium Marques Rebelo
7. Umbanda 96 anos na prática da caridade – Marques Rebelo.
8. Ciganos na Umbanda – Nelson Pires Filho.
9. Federação de Umbanda do Grande ABC – Marques Rebelo.

### Anexo D: Textos mulheres

1. Ritual à Iemanjá – por Juliana Penha
2. História da primeira manifestação da Umbanda com Zélio Fernandino de Moraes – Juliana Penha
3. Kimbanda – Juliana Penha
4. Apometria: cura e desobsessão – Virgínia Rodrigues
5. Depoimentos de fé – Viviane.
6. A sabedoria de Deus e o Cristianismo – Virgínia Rodrigues
7. Envolvimento político partidário da Umbanda em São Paulo – Maria Helena Villas Boas Concone.
8. Irmã Ivanete escreve sobre um anjo de luz na Umbanda – Antonia Genachi Marques.
9. Gira no santuário com Irmã Shirley, da irmandade das sete saias e Zé Pelintra da Brilhantina.
10. Chacras – centros de irradiação e respectivos orixás na Lei da Umbanda – Virgínia Rodrigues.
11. IV Congresso Espírita Mundial – a homenagem de León Denis Kardec – na psicografia de Divaldo Franco – Virgínia Rodrigues.
12. Depressão – inimigos do Passado – Virgínia Rodrigues.
13. Ervas – Plantas que curam – fonte revista escala
14. O direito à fé – A constituição assegura o livre-arbítrio e condena a discriminação religiosa – Virgínia Rodrigues.
15. Festa em homenagem a Exu Rei Tiriri – Virgínia Rodrigues.
16. Festividades de Iemanjá – Virgínia Rodrigues
17. Pontos Cantados e sua significação – Virgínia Rodrigues.
18. Diversidade de cultos na Umbanda – sem identificação.
19. Ritual do Amaci- texto sem identificação.
20. A Umbanda é uma religião autenticamente brasileira – sem identificação.

### **Anexo E: Livros com autoria feminina**

1. A Umbanda e as Crianças – Doris Carajileskov Pires.

**Anexo F: Livros com autoria masculina:**

1. A Magia Divina das Velas – O Livro das Sete Chamas Sagradas – Rubens Saraceni.
2. A Princesa dos Encantos – Sob o Domínio da Paixão - Rubens Saraceni.
3. A Magia Divina dos Gênios – A Força dos Elementais da Natureza - Rubens Saraceni.
4. Guardiã das Sete Encruzilhadas – Hemisarê (A Ira Divina) - Rubens Saraceni.
5. O Protetor da Vida – Viver a Vida Um Ato de Fé - Rubens Saraceni.
6. Os Guardiões da Lei Divina – A Jornada de um Mago - Rubens Saraceni.
7. Orixás – Teogonia de Umbanda - Rubens Saraceni.
8. Umbanda Sagrada – Religião, Ciência, Magia e Mistérios - Rubens Saraceni.
9. O Livro da Vida – Marcas de um Destino - Rubens Saraceni.
10. Orixás Ancestrais – A Hereditariedade Divina dos Seres - Rubens Saraceni.
11. Os Templos dos Cristais – A Era dos Grandes Magos - Rubens Saraceni.
12. Os Decanos – Os Fundadores, Mestres e Pioneiros da Umbanda.
13. Iniciação à Escrita Mágica Divina – A Magia Simbólica dos Tronos de Deus Rubens Saraceni.
14. O Guardiã da Meia Noite – Por Honra e Glória do Criador de Tudo e de Todos - Rubens Saraceni.
15. Código de Umbanda – Rubens Saraceni.
16. Livro de Exu – O Mistério Revelado - Rubens Saraceni.
17. Gênese Divina da Umbanda Sagrada - Rubens Saraceni.
18. Doutrina e Teologia da Umbanda Sagrada - Rubens Saraceni.
19. As Sete Linhas de Umbanda - Rubens Saraceni.
20. Yamunisiddha Arhapiagha Sacerdote Mago e Médico – Cura e Autocura Umbandista – F. Rivas Neto.
21. Chama Crística – Norberto Peixoto.
22. Ramatis Samadhi - Norberto Peixoto.
23. Ramatis – Evolução no Planeta Azul - Norberto Peixoto.
24. Jardim Orixás - Norberto Peixoto.
25. Além do que se vê – Wagner Veneziani.
26. O Arqueômetro – Saint-Yves D’ Alveydre – Tradução de Pier Campadello.
27. Deus, Deuses e Divindades – Alexandre Cumino.

28. Aruanda Romance Mediúnico de Ângelo Inácio – Robson Pinheiro.
29. Magia Enochiana para iniciantes – Donald Tyson.
30. Cagliostro – O Grande Mestre do Oculto – Dr. Marc Haven.

### **Anexo G: Propagandas**

Colégio de Umbanda Sagrada “Pai Benedito de Aruanda”

Jornal de Umbanda Sagrada

Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional de Umbanda.

Livros de Rubens Saraceni

Revistas da Editora Escala

Programa de rádio Realidade Espírita com apresentação de Victor Rabelo

Revista Espiritismo.

Revistas Editora Escala.

Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional de Umbanda

Curso de Extensão Universitária – Coordenação F. Rivas Neto.

Faculdade de Teologia Umbandista

Revista Espiritual de Umbanda.

Distribuidora de artigos religiosos da Umbanda e Candomblé (Luar).

Guardiões da Luz – Casa de artigos esotéricos e religiosos.

Revistas Editora Escala.

Revistas Editora Escala – Chico Xavier.

Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional de Umbanda

Livro A Umbanda e as Crianças – Dóris Carajilescov Pires.

Livro Deus, “Deuses e divindades” – Alexandre Cumino

Revista Espiritual de Umbanda.

Distribuidora de artigos religiosos da Umbanda e Candomblé (Luar).

Livros Editora Madras

Guardiões da Luz – Casa de artigos esotéricos e religiosos.

Santuário Ecológico da Serra do Mar – Santuário Nacional de Umbanda

Revistas Editora Escala - Espiritismo

Revista Espiritual de Umbanda.

Distribuidora de artigos religiosos da Umbanda e Candomblé (Luar).

Livros da Editora Madras sobre Umbanda.